INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CAMPUS MESQUITA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

LUCIANO IBRAIM XAVIER

EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA OFICINA PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Mesquita
2025

LUCIANO IBRAIM XAVIER

EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA OFICINA PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Mesquita do Instituto Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: prof. Dr. Raphael Argento

Mesquita

2025

X3e Xavier, Luciano Ibraim
Empreendedorismo na Educação Profissional e Tecnológica: análise de uma oficina para o desenvolvimento de competências empreendedoras. / Luciano Ibraim Xavier. – Mesquita: IFRJ, 2025.
118f.: il. color.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). / Campus Mesquita, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Argento

1. Educação profissional e tecnológica. 2. Empreendedorismo. 3. Formação omnilateral. I. Argento, Raphael. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

IFRJ/CMESQ CDU 331.363

Ficha catalográfica elaborada por
Thais da Silva Alves
CRB7 / 6200.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Autarquia criada pela Lei n° 11.892 de 29 de dezembro de 2008

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

LUCIANO IBRAIM XAVIER

EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DE UMA OFICINA PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 13 de maio de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
RAPHAEL ARGENTO DE SOUZA
Data: 04/07/2025 10:29:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Prof. Raphael Argento de Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADRIANA GARCIA DE CARVALHO
Data: 04/07/2025 15:13:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Adriana Garcia

Universidade Estatual do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
gov.br
SABRINA ARAUJO DE ALMEIDA
Data: 07/07/2025 20:37:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Sabrina Araujo de Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Aos jovens das comunidades, tantas vezes julgados e marginalizados por uma sociedade que lhes nega oportunidades, que enfrentam a dura realidade de desafios diários e, por vezes, sequer vislumbram o poder transformador e libertador da educação: a vocês, que carregam em si um potencial imenso, mas que tantas vezes é silenciado e negligenciado, este trabalho é dedicado. Que a sociedade suspenda seus preconceitos e reconheça a força que reside em cada um de vocês. Que, em vez de julgamentos, ofereça o apoio e o investimento necessários para que possam trilhar seus próprios caminhos. Que lhes seja garantido o acesso irrestrito a uma educação de qualidade, que não apenas lhes prepare para o mundo do trabalho, mas que lhes inspire a sonhar e lhes capacite a transformar suas vidas e o mundo ao seu redor, rompendo com o ciclo da desigualdade e construindo um futuro mais justo e promissor para todos!

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus Cristo, por toda força, saúde e amor derramados sobre a minha vida.

Agradeço especialmente a todos os participantes da pesquisa, cujas contribuições anônimas foram inspiradoras, reafirmando em mim a crença no poder transformador da educação.

À professora Doutora Sabrina, meu eterno agradecimento por seu apoio inestimável, pela generosidade em abrir as portas de sua unidade em Paulo de Frontin e por acreditar nesse trabalho.

Ao meu orientador, professor Dr. Raphael Argento de Souza, minha gratidão sincera por sua orientação incansável e por estender sua mão nos momentos mais difíceis, senhor é verdadeiramente um ser humano extraordinário.

A professora Dra. Adriana Garcia, com quem tive o prazer de trabalhar por três anos, sempre foi uma luz de inspiração. Nunca vi tanto amor pelas pessoas e pela educação como vi em você. Seu exemplo, dedicação e maneira única de trabalhar realmente me moldaram como profissional e ser humano.

Aos colegas de mestrado, com quem compartilhei desafios, angústias e vitórias, obrigado por essa jornada incrível.

Aos professores do programa ProfEPT, IFRJ – campus Mesquita, meu sincero agradecimento por sua dedicação e partilha de conhecimento.

Amigas queridas, Helionara, Karla e Fernanda, obrigado por sempre estarem lá para ouvir e apoiar.

À minha mãe, meu pai e minhas irmãs, obrigado por entenderem minha ausência e por todo o apoio incondicional. Amo vocês profundamente.

À Gisele Xavier, minha companheira fiel e amiga para todas as horas, devo minha imensa gratidão. Você é a razão de tudo isso ter se concretizado. Desde a inscrição para o mestrado até o dia de hoje, seu apoio inabalável e sua presença constante foram fundamentais. Seu amor e dedicação iluminaram meu caminho, tornando cada desafio uma etapa superada. Obrigado por estar ao meu lado em cada passo dessa jornada.

"Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu."

(Eclesiastes, capítulo 3, versículo 1)

RESUMO

A educação empreendedora tem se destacado como uma abordagem importante no contexto educacional, baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabelece que a educação, sendo papel da família e do Estado, deve ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Seu propósito é o pleno desenvolvimento do educando, sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nesse sentido, a criação de uma oficina de empreendedorismo surge como uma iniciativa promissora para auxiliar no desenvolvimento e capacitação dos alunos da Educação Profissional e Tecnológica, com o intuito de prepará-los para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. A proposta de estimular o empreendedorismo, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, compreende a relevância dos conceitos relativos à Educação Empreendedora no que se refere à aprendizagem e ao desenvolvimento pleno do indivíduo. Isso ocorre em virtude da compreensão de que o empreendedorismo é um processo dinâmico que objetiva viabilizar ao discente o pleno desenvolvimento de suas habilidades, competências e potencialidades, permitindo-lhe direcionar autonomamente sua própria aprendizagem, alcançar a realização pessoal e contribuir para a transformação social. Além disso, o estímulo ao empreendedorismo é um ponto previsto na lei de criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. O objetivo deste trabalho foi de apresentar as possibilidades oriundas de uma educação empreendedora, tendo em vista que através dela que os estudantes podem desenvolver habilidades e competências relativas ao mundo do trabalho, entre elas o estímulo à criatividade, à inovação e ao espírito de cooperativismo, fundamentais para o desenvolvimento social. Esse trabalho visou mostrar que a educação empreendedora não se limita apenas ao desenvolvimento de habilidades técnicas e empresariais, ela abrange o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, como liderança, trabalho em equipe, resiliência e autoconfiança. Para que ela se concretize, é necessário adotar uma abordagem multidisciplinar e integrada, que valorize a interação entre diferentes áreas do conhecimento e estimulem o estudante. O desenvolvimento desta pesquisa se deu por meio da elaboração de um produto educacional, no formato de oficina intitulada de mitos e verdades do empreendedorismo, alinhado aos objetivos pedagógicos apresentados anteriormente. O público-alvo foram os alunos da educação Profissional e Tecnológica dos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro do Campus Paulo de Frontin. A oficina intitulada de mitos e verdades do empreendedorismo, contendo uma introdução teórica e um trabalho em grupo. Ao final da oficina, os alunos responderam um questionário para que pudéssemos verificar se os aspectos relacionados à educação empreendedora foram atingidos.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Formação Omnilateral. Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

Entrepreneurial education has emerged as an important approach in the educational context, based on the Law of Guidelines and Bases of National Education. This law establishes that education, as a responsibility of both the family and the State, should be inspired by the principles of freedom and human solidarity. Its purpose is the full development of students, preparing them for citizenship and qualification for the workforce. In this sense, creating an entrepreneurship workshop is a promising initiative to support the development and training of students in Professional and Technological Education, aiming to prepare them to face the challenges of the labor market. The proposal to stimulate entrepreneurship within this education framework highlights the importance of entrepreneurial education concepts in individual learning and development. It is understood that entrepreneurship is a dynamic process aiming to enable students to fully develop their skills, competencies, and potential, allowing them to autonomously direct their own learning, achieve personal fulfillment, and contribute to social transformation. Moreover, fostering entrepreneurship is an aspect included in the law establishing the Federal Network of Professional, Scientific, and Technological Education. This work aims to present the possibilities arising from entrepreneurial education, considering that through it, students can develop skills and competencies related to the world of work, such as creativity, innovation, and a spirit of cooperation, which are essential for social development. This work seeks to demonstrate that entrepreneurial education goes beyond developing technical and business skills; it also encompasses social and emotional competencies like leadership, teamwork, resilience, and self-confidence. To achieve this, a multidisciplinary and integrated approach is required, valuing interaction among different knowledge areas and encouraging students. This research was developed through the creation of an educational product in the form of a workshop titled "Myths and Truths of Entrepreneurship," aligned with the previously presented pedagogical objectives. The target audience was students from the Professional and Technological Education and technical courses at the Federal Institute of Rio de Janeiro, Campus Paulo de Frontin. The workshop included a theoretical introduction and group work. At the end of the workshop, students completed a questionnaire to verify whether the aspects related to entrepreneurial education were achieved.

Keywords: Entrepreneurship. Omnilateral Formation. Professional and Technological Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tela do software Power BI.....58
Figura 2 - Folder da Oficina.....59
Figura 3 - Momento da apresentação e ministração da oficina.....62
Figura 4 - Preenchimento do Canvas pelos alunos.....63
Figura 5 - Primeiro slide da oficina.....71
Figura 6 - Canvas de Modelo de Negócios.....72
Figura 7 - Organização das Respostas no Power BI - Página 1.....74
Figura 8 - Organização das Respostas no Power BI - Página 2.....74
Figuras de 9 a 30 - Respostas das perguntas.....75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revisão de literatura Educação Empreendedora 36
Quadro 2 - Diferentes entre a educação tradicional, educação empreendedora 36
Quadro 3 - Diferentes entre a educação tradicional, educação empreendedora e educação integral 38
Quadro 4 - Questionário 65
Quadro 5 - Objetivo das perguntas 66
Quadro 6 - Relação das Perguntas com os Objetivos da Educação Empreendedora e os conceitos da EPT 67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD – Análise do Discurso Dialógico

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

RFEPCT – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

Sumário

INTRODUÇÃO 15
2. REVISÃO DE LITERATURA 20
3. REFERENCIAL TEÓRICO 26
3.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA 26
3.1 O EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPRENDEDORA 33
3.2 O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL 45
3.3 IDENTIDADE EMPREENDEDORA – APLICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO 48
3.4 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA EPT 51
4. METODOLOGIA 56
5. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO 65
6. PRODUTO EDUCACIONAL 71
6.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL 73
6.2 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL E RESULTADOS 73
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 97
REFERÊNCIAS 101
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL 15
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL 15
APÊNDICE C – MODELO CANVAS USADO NA OFICINA 18

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade fundamental para a existência humana, que permite a produção e reprodução da vida social e material. Para Antunes (2009), o trabalho é uma atividade socialmente determinada e historicamente situada, que sofre influência das relações de poder e das forças sociais e políticas presentes em cada contexto histórico. A relação entre mundo do trabalho e educação empreendedora pode ser compreendida a partir da ideia de que o trabalho é uma atividade socialmente construída e que sofre influência das transformações econômicas, políticas e culturais que ocorrem em cada contexto histórico. Diante das mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, é preciso repensar os conteúdos presentes nos currículos educacionais.

Os alunos devem ser estimulados a desenvolver suas habilidades em grupo, com olhar crítico. Além disso, devem ser estimuladas as relações interpessoais e as vivências em experiências de liderança, proatividade e criatividade. Para Pihkala (2012) a educação empreendedora deve promover ambientes de aprendizagem dinâmicos, onde o conhecimento é propagado de forma colaborativa. De acordo com Frigotto (2018), a força da criatividade é desenvolvida por estratégia de problematização da realidade nos conteúdos escolares. Sendo assim, devemos provocar a procura das ferramentas teóricas e práticas que orientem os alunos no desenvolvimento de suas atividades.

Dessa maneira, cabe aos projetos educacionais direcionarem a aprendizagem aos estudantes, produzindo autonomia e o esclarecimento da realidade social. Sendo o trabalho colaborativo, uma estratégia de trabalho pedagógico, cultivando valores, que promove a solidariedade e valoriza ao máximo os processos de ensino e aprendizagem (PISTRAK, 2008). Neste sentido, acreditamos que a educação empreendedora estimula estas características no educando e, portanto, um produto educacional com o objetivo de fomentar o empreendedorismo na Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio de Janeiro, no curso técnico de Informática do campus Paulo de Frontin.

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa em Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), no macroprojeto 1, estipulado como “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT”. Pretende-se, por meio da elaboração de um produto educacional no formato de uma no formato de oficina intitulada de mitos e verdades do

empreendedorismo, provocar nos estudantes o empreendedorismo colaborativo e a motivação para desenvolver projetos que atendam às necessidades da sociedade.

A inclusão do empreendedorismo para jovens é um tema que tem ganhado destaque no Brasil nos últimos anos. Contudo, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (2021) apontam que apenas 6,8% dos empreendedores do país são jovens, o que evidencia uma baixa adesão deles na criação de projetos empreendedores. A falta de conhecimento é apontada como uma das causas para esse cenário, sendo que outros motivos são a falta de oportunidades, de capital e de apoio. Diante disso, surge a problemática de como desenvolver um ambiente formativo que possibilite o desenvolvimento do conhecimento empreendedor e fomente a cultura do empreendedorismo colaborativo entre os jovens do ensino médio. Nesse sentido, a presente proposta busca contribuir para a criação de ambientes educacionais que estimulem o desenvolvimento do perfil empreendedor dos jovens, valorizando não somente aspectos técnicos e teóricos, mas também atitudes empreendedoras. Para Dornelas (2001, p. 37) é fazer as coisas acontecerem, antecipando-se aos fatos com uma visão de futuro da organização.

Devido ao constante aperfeiçoamento das técnicas e das tecnologias, o mundo do trabalho exige profissionais cada vez mais qualificados, criativos e com espírito de trabalho em equipe. Logo, faz-se necessário encontrar caminhos para possibilitar ambiências formativas que possam explorar o potencial cognitivo e social na Educação Profissional e Tecnológica.

Esta pesquisa visa desenvolver habilidades e conhecimento teórico sobre o empreendedorismo, promovendo competências práticas e atitudes empreendedoras que são diferenciais no mundo do trabalho. Segundo Aulet (2018), estimular o desenvolvimento de competências como liderança, proatividade e criatividade é essencial. Estruturas educacionais que incorporam elementos de empreendedorismo colaborativo não apenas enriquecem o aprendizado, mas também equipam os alunos para atuarem como agentes de mudança na sociedade. Dessa forma, o ambiente educacional se torna um espaço propício para que os estudantes desenvolvam um espírito inovador, preparado para enfrentar os desafios contemporâneos com confiança e criatividade.

De acordo com o Ministério da Educação, a Educação Profissional e é uma modalidade educacional prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a finalidade precípua de preparar “para o exercício de profissões”,

contribuindo para que o cidadão possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade. Para Ciavatta (2005), a concepção que alimentou o projeto de LDB do Deputado Otávio Elísio, tinha como objetivo para o ensino médio, “propiciar aos adolescentes a formação politécnica necessária à compreensão teórica e prática dos fundamentos científicos das múltiplas técnicas utilizadas no processo produtivo” (Brasil, 1988, art. 35).

De igual modo, para discussão do tema educação empreendedora bem como práticas educacionais, foi necessário examinar as ideias de Bill Aulet (2018), Chiavenatto (2007), Schaefer (2018), Dolabela (2008) e Dornelas (2001), que subsidiaram a formulação de indagações para a coleta e análise de dados dos participantes da pesquisa e a composição do produto educacional que impactasse o cerne da questão já exposta. Também ressaltamos que, para o embasamento da pesquisa, encontrar-se-ão pensamentos como Ricardo Antunes (2009), István Mészáros (2008) e Paulo Freire (1996) e, corroborando a fala de Ciavatta (2005), outros teóricos da EPT, como Frigotto (2009) e Saviani (2007).

Conclui-se que a educação empreendedora é uma ferramenta poderosa para preparar os jovens para enfrentar os desafios do século XXI, ao mesmo tempo em que promove uma cultura de inovação e criatividade. Ao integrar princípios empreendedores no currículo, conforme discutido por autores como Frigotto (2009), Saviani (2007), cria-se um ambiente educacional que não apenas responde às demandas do mundo do trabalho, mas também incentiva o pensamento crítico e a resolução inovadora de problemas. Ao alinhar essas práticas com uma perspectiva educativa mais ampla, contribui-se para a formação de indivíduos proativos e preparados para contribuir significativamente em suas comunidades e na sociedade em geral. Assim, educar para o empreendedorismo torna-se uma estratégia essencial para desenvolver cidadãos capazes de liderar mudanças e gerar valor em uma economia global constantemente em evolução.

QUESTÃO-PROBLEMA:

Como contribuir, à luz da EPT, para estimular a educação empreendedora na Educação Profissional e Tecnológica dos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro do Campus de Paulo de Frontin?

OBJETIVO GERAL:

- Estimular o desenvolvimento de uma educação empreendedora nos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro do Campus de Paulo de Frontin, contribuindo para uma formação omnilateral dos alunos e preparados para atuar no mundo do trabalho, utilizando as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar as principais habilidades empreendedoras a serem desenvolvidas para a elaboração de projetos inovadores na Educação Profissional e Tecnológica.
- Possibilitar ambiências formativas para que os discentes desenvolvam habilidades e compartilhem ideias.
- Desenvolver uma oficina de curta duração sobre empreendedorismo.
- Avaliar a efetividade da proposta da oficina quando aplicada a estudantes de um curso Técnico.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação insere-se na linha de pesquisa **PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT).** O trabalho está organizado da seguinte maneira: o Capítulo 1 da pesquisa apresenta, como fundamentação teórica, a relação entre identidade e a EPT na educação empreendedora, conceitos sobre identidade e práticas, alguns aspectos da ontologia do trabalho previstos na EPT. O Capítulo 2 aponta o caminho metodológico a ser utilizado na coleta e análise dos dados. Por último, temos o Capítulo 3 descreve os resultados, e a análise de dados que resultou na confecção do produto educacional.

Por ser uma pesquisa que envolve seres humanos, seu projeto foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), através do processo CAAE n.

83316923.0.0000.5268, e tendo sua aprovação em 13 de novembro de 2024, através do parecer n. 7.237.358.

O trabalho reside na sua capacidade de abordar a lacuna entre o ensino tradicional e as exigências atuais do mundo do trabalho, ao integrar o empreendedorismo como uma competência central. Ao preparar os alunos para desenvolverem habilidades práticas, como liderança, proatividade e criatividade em ambientes colaborativos, este estudo não apenas enriquece a experiência educativa, mas também auxilia os jovens a contribuírem para suas comunidades e setores econômicos diversificados. Em última análise, ao promover uma cultura de empreendedorismo na educação, o trabalho visa formar cidadãos preparados para serem verdadeiros agentes de mudança social e econômica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Educação Empreendedora na Contemporaneidade pelo lócus da Educação Profissional e Tecnológica

Como o objeto de pesquisa deste trabalho é educação empreendedora, é relevante observar o que tem sido pesquisado e ressaltado nas pesquisas que envolvem essa temática, para que assim possamos adotar um posicionamento. Nesse sentido, foi realizado um levantamento de produções, adotando como recorte temporal os últimos dez anos (2014-2024).

As buscas foram realizadas no Portal de Periódicos da CAPES, a pesquisa foi realizada em 19 de março de 2024. Foram utilizados como descritores uma combinação das palavras-chave: “educação empreendedora” e “educação profissional e tecnológica”, “educação empreendedora” e “EPT”, “Empreendedorismo” e “Educação Profissional e Tecnológica”, “empreendedorismo” e “EPT”. A partir dos resultados, foi realizada uma seleção com base nos trabalhos que apresentavam estudos com foco nessa temática. Considere o quadro síntese da revisão apresentado a seguir.

Quadro 1: Revisão de literatura Educação Empreendedora

Nº	Pesquisador/A	Título	Natureza	Plataforma
1	(SILVA; SCHIMIGUEL, 2018)	Formação Profissional Técnica, CTS e Educação Empreendedora: Implicações Com os Parques Tecnológicos	Artigo	CAPES
2	(PEREIRA; KANAANE, 2020)	Educação Profissional e as contribuições para a formação de empreendedores do Ensino Técnico	Artigo	CAPES / RBEPT
3	(CORTELAZZO, 2016)	Inovações Tecnológicas na Educação Profissional para o Empreendedorismo e Empregabilidade	Artigo	CAPES
4	(MASSUDA JUNIOR; MATOS 2020)	O ensino de empreendedorismo sob diferentes abordagens	Artigo	CAPES / RBEPT

Fonte: Construído pelo autor.

Na base de dados do Scielo com o uso das palavras-chave: “Educação Empreendedora” e “Educação Profissional e Tecnológica” não foram encontrados resultados para uma busca no título. Ao realizar a tentativa com as palavras-chave “Educação Empreendedora” e “EPT”, também não houve resultados. O mesmo ocorreu para a busca com “empreendedorismo” e “Educação Profissional e Tecnológica” e “empreendedorismo” e “EPT”.

Para buscas realizadas apenas com o descritor “Educação Profissional e

Tecnológica” sugiram 15 trabalhos que versavam sobre: metodologias, docência, currículo, sustentabilidade e psicologia escolar. Destes nenhum apresentava discussões que envolvem empreendedorismo, tampouco Educação Empreendedora. Já no Banco de Periódicos da CAPES para as palavras-chave “Educação Empreendedora” e “Educação Profissional e Tecnológica” apareceram 2 resultados. Um trabalho abordando a formação da Educação Profissional e Tecnológica apoiada em ações envolvendo a Educação Empreendedora (SILVA; SCHIMIGUEL, 2018). E o outro trabalho voltado para uma reflexão da Educação Empreendedora e suas contribuições na formação de empreendedores (PEREIRA; KANAANE, 2020).

A busca com os descritores "Educação Empreendedora" e "EPT" apresentou um artigo que abordava a relação entre a Educação Empreendedora e a formação de competências empreendedoras, destacando estratégias que promovem a atuação inovadora dos estudantes no mundo do trabalho. Para as buscas realizadas com "empreendedorismo" e "Educação Profissional e Tecnológica", foram identificados dois trabalhos relevantes: um focado nas competências do empreendedorismo, empregabilidade e inovação tecnológica (CORTELAZZO, 2016), e outro voltado para o ensino de empreendedorismo, com o objetivo de verificar diferenças no potencial empreendedor de estudantes que participaram de uma abordagem de ensino tradicional (MASSUDA JUNIOR; MATOS 2020).

Como a RBEPT não apresenta a possibilidade de realizar pesquisas com mais de um campo de busca, tampouco selecionar o critério de “títulos”, os resultados foram conferidos manualmente durante o processo de inclusão dos descritores. Para a pesquisa foi utilizada a palavra-chave “Educação Empreendedora” com apenas um resultado, mas foi descartado pois era uma revisão envolvendo a revista.

Para a palavra-chave “empreendedorismo” apareceram 9 resultados, destes 2 já estavam selecionados, pois já haviam aparecido no Portal de Periódicos da CAPES: Massuda Junior e Matos (2020), e Pereira e Kanaane (2020). Os 7 restantes versavam sobre metodologia, pandemia, avaliação, monitoria, propriedade intelectual e extensão, dessa forma, foram descartados.

Sendo assim, é possível notar que, embora a temática seja relevante, as discussões ainda são bastante incipientes. Dos quatro trabalhos encontrados, dois foram publicados na Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica. Este número é muito aquém do esperado para um tema de tal importância no campo da educação profissional e tecnológica. Vale ressaltar que os trabalhos encontrados

contribuem significativamente para as discussões refletidas nesta pesquisa.

2.2. Reflexões Iniciais

Nesta seção, será apresentado um conjunto de reflexões baseadas em pesquisas que analisam a relevância da Educação Empreendedora como ferramenta para transformar a formação profissional e atender às demandas dinâmicas do mundo do trabalho. Estas análises discutem diferentes abordagens, como o uso de ambientes de inovação, integração de tecnologias educacionais e práticas pedagógicas transdisciplinares. Além disso, destacam-se as contribuições dessas estratégias para o desenvolvimento de competências essenciais, como criatividade, inovação, resolução de problemas e adaptação, evidenciando o papel da Educação Empreendedora na formação de agentes de transformação para um mundo cada vez mais globalizado e desafiador.

O trabalho desenvolvido por Silva e Schimiguel (2018) buscou elaborar uma proposta para a Formação Técnica de Nível Médio baseada no enfoque em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) voltado para a Educação Empreendedora. Utilizou-se como suporte ambientes de inovação.

Os sujeitos da pesquisa envolveram gestores de Parques Tecnológicos e a população do entorno deles em Santa Catarina. A metodologia envolveu um combinado de análises qualitativas e quantitativas, onde optou-se por um viés descritivo e exploratório.

A investigação objetivou analisar a contribuição do CTS e a educação empreendedora para a formação de Nível Técnico. Como resultado a pesquisa buscou desenvolver um framework conceitual com foco em uma proposta transdisciplinar. Como resultado Silva e Schimiguel (2018) verificaram que por meio da promoção das habilidades práticas e inovadoras a educação empreendedora pôde trazer contribuições para a Formação Profissional, já que prepara os alunos estimulando a solução de problemas e os preparando para o mercado de trabalho.

Já o trabalho realizado por Pereira e Kanaane (2020) examina o cenário do empreendedorismo no Brasil, enfatizando a necessidade de qualificação profissional para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. Baseando-se nos relatórios do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2016 a 2018, destaca-se a importância de integrar a educação empreendedora nas práticas educacionais para promover a segurança no mercado de trabalho. A pesquisa também aborda como a educação

profissional pode ser uma ferramenta vital para o desenvolvimento de competências empreendedoras, preparando os alunos para o mundo do trabalho e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico.

Além disso, o artigo discute a influência de políticas governamentais e programas educacionais no fomento do empreendedorismo. Pereira e Kanaane (2020) apontam que, para melhorar o ambiente empreendedor brasileiro, é necessário reduzir a burocracia e intensificar os programas de capacitação. A pesquisa sugere que a educação profissional deve ir além do ensino técnico, incorporando competências empreendedoras que incentivem a inovação e a criatividade. Assim, a formação técnica se torna um pilar essencial para capacitar os jovens a enfrentarem as demandas do mercado globalizado, promovendo uma mentalidade empreendedora e contribuindo para a competitividade do país.

Cortelazzo (2016) investiga as inovações tecnológicas na educação profissional voltadas para o empreendedorismo e empregabilidade, destacando a importância da integração de tecnologias digitais no processo educacional. A pesquisa foi conduzida no contexto brasileiro, com foco em instituições de ensino que buscam alinhar suas práticas pedagógicas às demandas do mercado de trabalho contemporâneo. Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo envolveu educadores e gestores educacionais para compreender como as tecnologias podem ser incorporadas de forma eficaz no currículo, promovendo um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo.

Os resultados do estudo revelaram que a inclusão de tecnologias digitais na educação profissional não só facilita o desenvolvimento de competências técnicas, mas também estimula habilidades empreendedoras essenciais como criatividade, inovação e resolução de problemas. Cortelazzo (2016) propõe um modelo educacional que integra essas tecnologias de forma transdisciplinar, visando preparar os alunos para os desafios do mundo do trabalho. A pesquisa conclui que, ao fomentar um ambiente educacional que valoriza a inovação e o empreendedorismo, é possível não apenas melhorar a empregabilidade dos alunos, mas também capacitá-los como agentes de mudança em suas comunidades.

O estudo de Massuda Junior e Matos (2020) investigou as diferenças no potencial empreendedor de estudantes de nível técnico que passaram por abordagens de ensino tradicionais e complementares. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, envolvendo estudantes dos cursos de Eletrotécnica e

Mecânica. A metodologia adotou uma abordagem quantitativa, utilizando o Perfil do Potencial Empreendedor (PPE) para avaliar as competências empreendedoras dos alunos. O estudo comparou grupos que participaram exclusivamente de aulas tradicionais com aqueles que também estiveram envolvidos em programas práticos de empreendedorismo.

Os resultados indicaram que, embora não houvesse diferença estatisticamente significativa no potencial empreendedor entre os grupos, a participação em programas práticos proporcionou aos alunos experiências valiosas em gestão e inovação. Massuda Junior e Matos (2020) concluíram que a exposição a ambientes simulados de negócios, como o projeto Mini Empresa, pode enriquecer a formação empreendedora, mesmo que as métricas tradicionais de avaliação não capturem completamente essas melhorias. A pesquisa sugere que a integração de métodos de ensino práticos e teóricos pode preparar melhor os alunos para os desafios do mundo do trabalho, incentivando uma mentalidade empreendedora e a capacidade de adaptação às demandas econômicas modernas.

As pesquisas analisadas evidenciam a importância da educação empreendedora na formação profissional, apresentando diferentes abordagens e estratégias para enfrentar os desafios do mundo do trabalho contemporâneo. Silva e Schimiguel (2018) destacaram a relevância do enfoque em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e do uso de ambientes de inovação para potencializar o ensino técnico, enfatizando a promoção de habilidades práticas e inovadoras. Por outro lado, Pereira e Kanaane (2020) reforçam a necessidade de fundamentar essas práticas em políticas educacionais que reduzam a burocracia e intensifiquem programas de capacitação, garantindo uma formação que vai além da técnica, incorporando competências que promovam criatividade e inovação, fatores essenciais para o desenvolvimento socioeconômico e a segurança no mundo do trabalho.

Além disso, Cortelazzo (2016) e Massuda Junior e Matos (2020) confirmam que a integração de práticas inovadoras e tecnologias no ensino profissional estimula competências empreendedoras como adaptação, resolução de problemas e gestão, mesmo que nem sempre sejam plenamente capturadas por avaliações tradicionais.

Os modelos transdisciplinares propostos, que integram teoria e prática, revelam-se fundamentais para preparar alunos para demandas complexas do mundo do trabalho. Em conjunto, esses estudos demonstram que a educação empreendedora, ajustada às necessidades tecnológicas e sociais, contribui não

apenas para a empregabilidade, mas também transforma os alunos em agentes de mudanças, aptos a enfrentar os desafios de um cenário global cada vez mais exigente.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A educação profissional e tecnológica no Brasil tem sido um campo de crescente relevância, especialmente a partir das últimas décadas, com o intuito de preparar os indivíduos para o mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que busca promover o desenvolvimento humano e social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, desempenha um papel fundamental nesse processo, uma vez que estabelece as diretrizes para a educação em todos os níveis e modalidades, incluindo a educação profissional. Segundo a LDB, a educação profissional deve articular-se com diferentes níveis e modalidades de ensino, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, e conduzir ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, com vistas ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho (BRASIL, 1996, Art. 39).

Nesse cenário, é importante destacar a contribuição de teóricos como Marise Ramos Ciavatta (2005), Gaudêncio Frigotto (2001) e Dermeval Saviani (2007), que têm ajudado a refletir e aprofundar o debate sobre a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Ciavatta (2005) argumenta que a educação profissional não pode ser vista apenas como uma preparação técnica para o mercado de trabalho, mas deve ser compreendida como parte de uma formação integral que contemple as dimensões culturais, políticas e sociais dos sujeitos. Para ela, a educação profissional deve ser integrada ao ensino médio, promovendo uma formação que vá além das demandas imediatas do mercado e que contribua para a emancipação dos trabalhadores.

Gaudêncio Frigotto (2001), por sua vez, também critica a visão instrumentalista da educação profissional, que muitas vezes a reduz a uma mera formação técnica voltada para as necessidades do capital. Em sua obra, Frigotto (2001) defende que a educação profissional deve ser concebida como um direito social, que possibilite a formação de sujeitos críticos e autônomos. Ele argumenta que a educação profissional, quando desvinculada de uma perspectiva crítica, corre o risco de reforçar as desigualdades sociais, ao preparar trabalhadores apenas para funções subalternas no mercado de trabalho.

Nesse sentido, a educação profissional não deve ser vista apenas como uma

ferramenta para atender às demandas imediatas do mercado, mas como um processo formativo mais amplo, que permita aos indivíduos compreenderem suas condições de existência e, assim, se posicionarem de maneira crítica diante da realidade social (FRIGOTTO, 2001). O papel da educação vai além da mera capacitação técnica; ela deve ser capaz de fornecer as bases para que os trabalhadores compreendam as relações de exploração e dominação presentes no modo de produção capitalista (FRIGOTTO, 2001). Nesse sentido, a educação profissional deve ser um espaço de formação integral, que articule o desenvolvimento técnico com a formação política e cidadã (FRIGOTTO, 2001).

Uma visão instrumental da educação, segundo Frigotto (2001), tende a restringir o potencial emancipatório do ensino ao reduzir os sujeitos a meros executores de tarefas, treinados para atender às necessidades imediatas do capital. Esse tipo de educação, ao focar exclusivamente na formação técnica, desconsidera a dimensão humana e crítica dos trabalhadores, transformando-os em peças de uma engrenagem produtiva. Tal abordagem, longe de promover a emancipação, perpetua as desigualdades sociais ao preparar os indivíduos para ocuparem posições subalternas no mercado de trabalho, sem lhes proporcionar a capacidade de entender e questionar as condições que os mantêm nessa posição (FRIGOTTO, 2001).

Frigotto (2001) também ressalta que a educação profissional crítica deve estar vinculada a uma concepção de trabalho que não se limite à lógica da alienação e da exploração. Ele defende que o trabalho, enquanto atividade humana fundamental, tem um caráter ontocriativo, ou seja, é por meio do trabalho que os indivíduos transformam a natureza e a si mesmos. Nesse sentido, a educação profissional precisa resgatar essa dimensão criativa e formativa do trabalho, permitindo que os sujeitos compreendam sua importância não apenas como meio de subsistência, mas como uma atividade essencial para o desenvolvimento humano e social.

A formação técnica, quando integrada a uma perspectiva crítica, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (FRIGOTTO, 2001). Isso porque, ao formar sujeitos críticos e conscientes de sua realidade, a educação profissional pode se tornar um instrumento de transformação social (FRIGOTTO, 2001). Nesta perspectiva, os trabalhadores não seriam apenas treinados para executar tarefas, mas formados para compreender as dinâmicas do sistema econômico e político em que estão inseridos, sendo capazes de resistir às formas de exploração e lutar por melhores condições de trabalho e de vida.

Além disso, Frigotto (2001) destaca a importância de uma articulação entre a educação profissional e as demais áreas do conhecimento. Ele defende que o ensino técnico deve estar integrado a uma formação geral, que abranja conhecimentos científicos, culturais e sociais. Essa integração é fundamental para que os trabalhadores possam compreender o mundo de maneira mais ampla e complexa, desenvolvendo uma visão crítica sobre as transformações tecnológicas e suas implicações sociais. A educação, nesse sentido, deve ser um processo de formação integral, que prepare os indivíduos não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade.

Por fim, a luta por uma educação profissional crítica e emancipatória está diretamente ligada à luta por uma sociedade mais justa e democrática (FRIGOTTO, 2001). A educação, enquanto direito social, deve ser garantida a todos e não pode estar subordinada aos interesses do capital (FRIGOTTO, 2001). Somente por meio de uma educação comprometida com a formação de sujeitos críticos e autônomos será possível construir uma sociedade em que o trabalho não seja sinônimo de exploração, mas de realização humana. Assim, a educação profissional, ao se desvincular de uma perspectiva meramente instrumental, pode se tornar um poderoso meio de transformação social.

Dermeval Saviani (2008), um dos principais teóricos da pedagogia histórico-crítica, também contribui para o debate ao defender que a educação, incluindo a educação profissional, deve ter um caráter emancipatório. Para Saviani (2008), a educação deve ser um instrumento de transformação social, e não apenas de adaptação às exigências do mercado. Ele argumenta que a educação profissional, ao ser integrada a uma formação humanística e crítica, pode contribuir para a superação das contradições sociais e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao abordar a relação entre trabalho e educação, Saviani (2008) destaca a importância de compreender essa relação a partir de uma perspectiva ontológica e histórica. Para ele, o trabalho é uma atividade fundante da existência humana, sendo, portanto, inseparável da educação. Desde os primórdios da humanidade, o trabalho e a educação estavam intrinsecamente ligados, uma vez que o processo de produção da vida material também implicava a transmissão de conhecimentos e habilidades. No entanto, com o desenvolvimento das sociedades de classes, essa relação foi progressivamente se distanciando, culminando na separação entre trabalho manual e

intelectual, uma divisão que, segundo Saviani (2008), precisa ser superada para que a educação cumpra seu papel emancipatório.

Essa separação entre trabalho e educação, que se intensificou com a consolidação do modo de produção capitalista, resultou em um sistema educacional voltado para a formação de mão de obra especializada, mas desprovida de uma compreensão crítica das relações sociais. Saviani (2008) critica essa tendência, argumentando que a educação, ao se limitar à formação técnica, acaba por reforçar as desigualdades sociais, ao invés de combatê-las. Ele defende que a educação deve ser orientada por um projeto político-pedagógico que tenha como objetivo a formação integral do ser humano, capaz de compreender e transformar a realidade em que vive.

Nesse sentido, a educação politécnica, surge como uma alternativa à educação tecnicista (SAVIANI, 2008). A educação politécnica busca integrar o ensino técnico ao ensino geral, proporcionando aos estudantes não apenas o domínio das técnicas específicas de uma profissão, mas também uma compreensão ampla dos fundamentos científicos e históricos que sustentam essas técnicas. Essa abordagem visa formar trabalhadores que não sejam apenas executores de tarefas, mas sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Essa é uma condição essencial para a emancipação dos trabalhadores e para a construção de uma sociedade mais justa (SAVIANI, 2008).

Além disso, a educação politécnica não deve ser confundida com uma simples formação multidisciplinar (SAVIANI, 2008). O objetivo não é apenas oferecer uma variedade de conhecimentos, mas sim articular esses saberes de forma que os estudantes possam compreender as relações entre as diferentes áreas do conhecimento e, principalmente, as relações entre o conhecimento científico e o processo produtivo (SAVIANI, 2008). Dessa forma, a educação politécnica contribui para a superação da alienação do trabalho, ao permitir que os trabalhadores compreendam o processo produtivo em sua totalidade, e não apenas as partes fragmentadas de sua atividade.

Outro ponto central na obra de Saviani (2008) é a crítica à neutralidade da educação. Ele argumenta que a educação nunca é neutra, pois está sempre inserida em um contexto histórico e social determinado. Nesse sentido, a educação pode tanto servir aos interesses das classes dominantes, ao reproduzir as relações de poder existentes, quanto pode ser um instrumento de luta e transformação social. Para que a educação cumpra esse papel transformador, é necessário que ela esteja orientada

por uma concepção crítica da realidade, que permita aos estudantes questionarem as estruturas sociais e econômicas que perpetuam as desigualdades.

A educação, deve ser um processo consciente e intencional de formação humana, que tenha como objetivo o desenvolvimento pleno das capacidades intelectuais, morais e políticas dos indivíduos (SAVIANI, 2008). Isso implica uma educação que não se limite à transmissão de conhecimentos técnicos, mas que também promova a formação de uma consciência crítica e emancipatória. Nesse sentido, a educação profissional, ao ser integrada a uma formação humanística, pode contribuir para a superação das contradições sociais e para a construção de uma sociedade mais justa.

Saviani (2008) também destaca a importância da relação entre teoria e prática no processo educativo. Ele critica a separação entre o conhecimento teórico e a prática cotidiana, argumentando que essa divisão reforça a alienação dos trabalhadores. A educação deve articular a teoria e a prática de forma dialética, ou seja, a teoria deve orientar a prática, e a prática deve servir de base para a reflexão teórica (SAVIANI, 2008). Essa articulação é fundamental para que os trabalhadores possam compreender o processo produtivo em sua totalidade e, assim, atuar de forma consciente e crítica na transformação da realidade.

A proposta de Saviani (2008) para a educação profissional, portanto, vai além da simples formação técnica. Ele defende uma educação que prepare os trabalhadores para atuar de forma crítica e consciente no mundo do trabalho, compreendendo as relações sociais e econômicas que estruturam o processo produtivo. Essa formação crítica é essencial para que os trabalhadores possam lutar por melhores condições de trabalho e pela transformação das relações de produção, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, Saviani (2008) argumenta que a educação deve ser vista como um direito de todos, e não como um privilégio de poucos. Ele critica as políticas educacionais que restringem o acesso à educação de qualidade, especialmente para as camadas mais pobres da população. A democratização da educação é uma condição fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, pois somente por meio da educação é possível superar as desigualdades sociais e garantir a emancipação dos trabalhadores (SAVIANI, 2008).

Em suma, a obra de Dermeval Saviani (2008) oferece uma contribuição fundamental para o debate sobre a educação profissional no Brasil. Ao defender uma

educação crítica e emancipatória, integrada a uma formação humanística, propõe uma alternativa ao modelo tecnicista que predomina nas políticas educacionais. Sua proposta de educação politécnica, ao articular o ensino técnico com o ensino geral, visa formar trabalhadores conscientes e críticos, capazes de atuar na transformação da sociedade.

Em síntese, a educação profissional e tecnológica no Brasil, conforme estabelecido pela LDB, deve proporcionar uma formação ampla, que contemple tanto as necessidades do mundo do trabalho quanto a formação integral dos alunos. Uma educação que promova não apenas a qualificação técnica, mas também o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar na transformação social.

A relação entre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e o mundo do trabalho é marcada por transformações significativas, especialmente no contexto do capitalismo contemporâneo. A partir das reflexões de Antunes (2018), percebe-se que o mundo do trabalho passa por uma reconfiguração impulsionada pela financeirização do capital e pela expansão de novas tecnologias. Nesse cenário, a EPT enfrenta o desafio de preparar indivíduos para um mercado de trabalho cada vez mais flexível e precarizado, onde a intensificação da produtividade e a extração do mais-valor ganham novas formas, como evidenciado pelo crescimento de plataformas digitais e o surgimento do “proletariado de serviços”. Ao promover criatividade e inovação, os alunos apropriam-se de conhecimento para criar seus próprios caminhos profissionais, evitando a armadilha da precarização.

A educação profissional, nesse contexto, não pode ser desvinculada das contradições e dinâmicas do mundo do trabalho. A lógica neoliberal, que promove a flexibilização das relações de trabalho e a desregulamentação de direitos, impacta diretamente a formação dos trabalhadores. A Uberização do trabalho, como exemplificado por Antunes (2018), ilustra como a tecnologia, ao invés de emancipar os trabalhadores, muitas vezes contribui para a intensificação da exploração, ao transformar o trabalhador em um prestador de serviços autônomo, sem garantias trabalhistas. Nesse sentido, a EPT precisa repensar suas diretrizes para não se limitar à preparação técnica, mas também formar sujeitos capazes de compreender e criticar as condições precárias e desiguais do mercado.

Além disso, a crescente demanda por trabalhadores qualificados em setores tecnológicos e informacionais traz à tona uma série de desafios para a EPT. A

formação técnica, muitas vezes, é orientada para atender às exigências imediatas do mercado, sem considerar as transformações estruturais que moldam o mundo do trabalho. A ênfase na qualificação técnica pode, portanto, reforçar a lógica do capital, ao preparar trabalhadores para ocupações que, embora demandem alta especialização, não oferecem estabilidade ou direitos trabalhistas. Isso reforça a necessidade de uma educação profissional que vá além da mera adaptação às demandas do mercado e que promova uma formação crítica e emancipatória.

A articulação entre a EPT e o mundo do trabalho também deve considerar as novas formas de organização do trabalho, que exigem habilidades e competências distintas das tradicionais. A crescente automação e o uso de tecnologias digitais têm impactado profundamente a estrutura ocupacional, eliminando postos de trabalho em alguns setores e criando oportunidades em outros. No entanto, essas mudanças nem sempre resultam em melhores condições de trabalho. A precarização, a informalidade e a falta de direitos são características recorrentes nas novas formas de trabalho, especialmente em plataformas digitais. A EPT, portanto, precisa preparar os trabalhadores para lidar com essa realidade, promovendo tanto a qualificação técnica quanto a formação política e crítica.

Outro ponto crucial é a necessidade de uma educação profissional que promova a inclusão social e combata as desigualdades. O acesso à EPT ainda é marcado por profundas desigualdades regionais, de gênero e de raça. A formação profissional deve ser um instrumento de inclusão, possibilitando que grupos historicamente excluídos do mercado de trabalho tenham acesso a oportunidades de qualificação e emprego digno. Nesse sentido, a EPT deve ser pensada como uma política pública que promova a justiça social e o desenvolvimento humano, e não apenas como uma resposta às demandas do mercado.

Por fim, a educação profissional e tecnológica precisa estar alinhada a um projeto de desenvolvimento nacional que tenha como objetivo a melhoria das condições de vida da população e a redução das desigualdades sociais. A formação profissional deve ser vista como parte de um processo mais amplo de transformação social, que envolva não apenas a qualificação para o mercado de trabalho, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Somente assim a EPT poderá contribuir para a construção de um mundo do trabalho mais justo e igualitário.

3.1 O EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPRENDEDORA

A existência humana é concebida como um processo de realização de si mesmo através do trabalho, um processo pelo qual o ser humano produz, transforma e organiza o mundo material e social (NEVES; PRONKO, 2008). A importância do trabalho para a existência humana é explicada pelo fato de que através do trabalho o ser humano produz os meios de sua subsistência e, portanto, tem acesso às condições materiais necessárias para a sua existência. Além disso, o trabalho é a atividade através da qual o ser humano se realiza como um ser social (ANTUNES, 2009). Neste contexto histórico e social, o empreendedorismo vem ganhando cada vez mais espaço devido às novas relações econômicas estabelecidas no século XXI.

Segundo Chiavenato (2005), o empreendedorismo é um processo dinâmico que envolve a inovação e a identificação de oportunidades. Esse processo não é estático; ele está em constante evolução, adaptando-se às mudanças, às novas tecnologias e às necessidades da sociedade. A dinâmica do empreendedorismo reside na capacidade dos empreendedores de perceberem lacunas no mercado e transformá-las em oportunidades de negócio viáveis. Schumpeter (1942) complementa essa visão ao afirmar que o empreendedor é o agente de mudança, responsável por "destruição criativa", através das quais produtos e métodos de produção existem são destruídos e substituídos por novos, transformando o mundo do trabalho e a sociedade.

Nesse sentido, o empreendedorismo não apenas contribui para a subsistência, mas também para a evolução social e econômica. Através da inovação e da capacidade de adaptação, os empreendedores moldam o futuro, criando oportunidades e soluções para os desafios da nossa sociedade, reforçando a importância do trabalho na realização humana, sendo esse fundamental para sua existência. Por mais difícil que seja. Esse processo envolve a capacidade de identificar oportunidades onde outros veem obstáculos, utilizando a criatividade e a inovação como ferramentas essenciais. Empreender é, portanto, um ato de coragem e visão, onde o indivíduo não apenas busca a realização pessoal, mas também contribui para o desenvolvimento econômico e social, gerando empregos e promovendo a competitividade.

Nos últimos anos tivemos um grande crescimento do empreendedorismo no Brasil (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2021). O termo “empreendedorismo” surge com frequência em meio às discussões sobre o futuro da economia do país, mostrando cada vez mais a relevância do tema para o desenvolvimento

econômico e social do país. Isso se deve ao reconhecimento da importância do empreendedorismo para o crescimento econômico e para a geração de empregos (HOBUS, 2021).

Ao compreendermos o importante papel e responsabilidade no desenvolvimento da sociedade das instituições de ensino, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional destaca que a educação está ligada ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 1996). Além disso, a lei que cria a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; como apresentado no artigo 6 parágrafo VIII, uma das finalidades dos Institutos Federais é “realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico” (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, o trabalho deve ser compreendido como um elemento que contribui para o desenvolvimento de capacidades humanas, formando indivíduos de maneira omnilateral, capazes de enfrentar os obstáculos que o mundo do trabalho impõe, em tempo de crise econômica, às classes trabalhadoras (FRIGOTTO, 2018).

A articulação entre trabalho e ensino aparece, então, como um elemento importante para a formação de trabalhadores críticos, capazes de pensar por si mesmos e de enfrentar as diferentes situações que são impostas a eles pelo mundo do trabalho. De acordo com Pistrak (2009, p. 93), “a pedagogia de meio coloca como referência a preparação para a construção coletiva do futuro, o que só pode ser aprendido por meio da vivência da vida coletiva”. Dessa forma, a coletividade não é uma negação do indivíduo e de sua individualidade, pois a individualidade precisa do coletivo no processo de desenvolvimento e aprimoramento pleno (PISTRAK, 2009).

Falar sobre empreendedorismo na educação, é inspirar a criatividade e fomentar a inovação. Uma base de conhecimento empreendedora pode ajudar os estudantes a enfrentarem os desafios do mundo do trabalho com confiança e determinação. Segundo Hisrich (2014) o empreendedorismo é o processo de desenvolvimento e implementação de uma nova ideia. Empreendedores são pessoas que assumem riscos calculados em busca de uma recompensa financeira ou pessoal. Eles geralmente têm uma visão clara de como criar um negócio bem-sucedido a partir de uma ideia inovadora e são altamente motivados para alcançar seus objetivos. Já Chiavenatto (2007) nos mostra que:

> Empreendedorismo não tem foco apenas nas empresas e novos empreendimentos. Não aborda somente a criação de novos produtos ou serviços, mas, sim, inovações em todos os âmbitos do negócio, produtos, processos, busca de conhecimento,

> aprimoramento de ideias, enfim, uma grande variedade de aplicações inovadoras que ainda estão longe de serem esgotadas (CHIAVENATTO, 2007, p. 261).

O empreendedorismo pode ser conectado à compreensão do trabalho como uma atividade que pode ser transformada e adaptada de acordo com as necessidades e desejos dos trabalhadores. Dentro do conjunto de competências, identificar oportunidades, a criatividade, a capacidade de tomar decisões, a liderança, a resiliência, a capacidade de planejamento e gestão, podemos orientar os jovens, que os preparem melhor para enfrentar os desafios e transformações no mundo do trabalho. Tendo em vista a complexidade e toda estrutura que se consolidou com base no capital, é necessário que formemos uma mentalidade empreendedora que tenha um olhar para a sociedade.

Para Bill Aulet (2013), a educação empreendedora é um processo educacional que busca desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras nos indivíduos, capacitando-os para identificar oportunidades, tomar decisões, enfrentar desafios e criar soluções inovadoras. Contudo, Castro (2020) expande essa visão ao detalhar os diversos tipos de empreendedores que podem se beneficiar desse processo educativo.

Segundo o autor, existem empreendedores sociais, que buscam resolver problemas sociais e ambientais com soluções inovadoras; empreendedores natos, que possuem características inatas como liderança e criatividade; empreendedores que aprendem, que desenvolvem habilidades empreendedoras através de educação e experiência; empreendedores seriais, que criam múltiplos negócios ao longo da carreira; empreendedores corporativos, que inovam dentro de grandes organizações; empreendedores por necessidade, que iniciam negócios devido à falta de alternativas de emprego; empreendedores herdeiros, que assumem negócios familiares; e empreendedores planejados, que desenvolvem um plano detalhado antes de iniciar um negócio.

Essa tipologia demonstra que a educação empreendedora pode ser adaptada para atender às necessidades e características específicas de cada tipo de empreendedor, maximizando seu potencial e contribuindo para o sucesso de seus empreendimentos.

A educação empreendedora é hoje apontada como um dos principais instrumentos para se formar novos empreendedores e difundir a cultura empreendedora. As pesquisas sobre educação empreendedora têm crescido significativamente nos

últimos anos e o tema tem despertado interesse pelas especificidades dessa proposta de ensino. Ela evoca novas formas de aprendizado e novas formas de relacionamento entre alunos, professores e gestores de instituições de ensino. Neste capítulo, inicialmente será realizada uma revisão da natureza e do processo da aprendizagem empreendedora e, em seguida, como ele pode ser obtido e reforçado por meio da educação (SCHAEFER, 2018, p. 31).

A importância da educação empreendedora reside na sua capacidade de preparar os indivíduos para os desafios do mundo contemporâneo. Em um contexto em que a economia é cada vez mais dinâmica e globalizada, onde a capacidade de adaptação e a busca por oportunidades são fundamentais, a educação empreendedora se torna essencial para fomentar o espírito empreendedor nas novas gerações.

Além disso, a educação empreendedora contribui para o desenvolvimento econômico e social de um país. Ao formar empreendedores e promover a criação de novos negócios, ela gera empregos, impulsiona a inovação, estimula a competitividade e fortalece a economia como um todo. Além disso, ao desenvolver habilidades empreendedoras, como a capacidade de resolver problemas e de trabalhar em equipe, a educação empreendedora contribui para a formação de cidadãos mais engajados, capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade.

Em suma, a educação empreendedora é um processo educacional que busca desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras nos alunos, capacitando-os para enfrentar os desafios do mundo do trabalho contemporâneo. Sua importância reside na preparação de empreendedores e no estímulo à inovação, ao desenvolvimento econômico e social, e à formação de cidadãos mais engajados e preparados para os desafios.

Pode-se observar que as diferenças de ensino sinalizadas por Dolabela, e sintetizada em um quadro por Schaefer e Minello (2016):

Quadro 2. Diferentes entre a educação tradicional, educação empreendedora.

Educação convencional	Educação empreendedora
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento

Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância

Fonte: Schaefer e Minello (2016, p. 62 apud DOLABELA, 2008, p. 153)

Para ampliar as possibilidades de reflexão, é relevante considerar a comparação entre as diferentes abordagens educacionais, incluindo a Educação Integral. Nesse contexto, o quadro apresentado a seguir, organizado pelo Autor da pesquisa com base nas teorias de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), oferece uma análise sobre as similaridades e as divergências entre a Educação Convencional, a Educação Empreendedora e a Educação Integral. Essa comparação permite repensar os fundamentos e objetivos de cada perspectiva, contribuindo para o debate sobre a formação integral e a preparação para o mundo do trabalho.

Quadro 3. Diferentes entre a educação tradicional, educação empreendedora e educação integral.

Educação convencional	Educação empreendedora	Educação Integral
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender	Ênfase no desenvolvimento integral do aluno, incluindo suas habilidades técnicas e socioemocionais
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante	Processo colaborativo e centrado no aluno
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento	O professor atua como facilitador da aprendizagem
Aquisição de informações "corretas" de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar	Construção contínua do conhecimento e desenvolvimento de habilidades para lidar com a imprevisibilidade
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades	Currículo flexível e adaptável às demandas e da sociedade
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados	Objetivos de aprendizagem compartilhados e negociados entre alunos e professores
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho	Valorização do processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo	Estímulo à criatividade, inovação e pensamento crítico
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos	Integração entre diferentes áreas do conhecimento e desenvolvimento de habilidades socioemocionais
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela	Articulação entre teoria e prática, com foco na aplicação do conhecimento em situações reais
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade	Interação constante com a comunidade e o mundo do trabalho
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação	Valorização da experiência do aluno e sua formação integral como cidadão
Educação encarada como	Educação vista como processo	Educação como processo contínuo

necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola	e ao longo da vida, preparando o indivíduo para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento	Erros como oportunidades de aprendizagem e aprimoramento
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância	Relação professor-aluno baseada na colaboração, no respeito mútuo e na troca de experiências

Fonte: Schaefer e Minello (2016, p. 62 apud DOLABELA, 2008, p. 153), e Autor da Pesquisa

Com base nos quadros apresentados é possível refletir que a educação empreendedora é sinalizada como uma das mais eficientes para criar, divulgar e intensificar a formação de novos empreendedores (ROCHA; FREITAS, 2014). Comparativamente à formação tradicional, a educação empreendedora traz consigo novas abordagens de aprendizado e formas distintas de se relacionar com o conhecimento. Nesse contexto, a educação integral, conforme discutida por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), busca romper com a tradicional dicotomia entre educação básica e técnica, promovendo uma formação que contemple a totalidade do ser humano. Esse ideário, conhecido como politecnia, propõe a integração entre ciência, cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. A proposta é que a educação profissionalizante não se limite aos interesses imediatos do mercado, mas que sirva como uma ferramenta para os estudantes na construção de seus projetos de vida, de maneira socialmente determinada e possibilitada por uma formação ampla e integral.

A integração entre a formação geral e a formação técnica no ensino médio é vista como uma condição necessária para a superação da dualidade educacional e, por extensão, da dualidade de classes. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) argumentam que essa integração é fundamental para a construção de um ensino médio politécnico, que valorize tanto o conhecimento científico quanto as habilidades técnicas. Essa abordagem visa não apenas preparar os estudantes para o mercado de trabalho, mas também formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. A educação empreendedora, ao incentivar a inovação e a proatividade, complementa essa formação ao estimular o desenvolvimento de competências que capacitam os estudantes a se adaptarem e a transformarem o mundo ao seu redor.

Do ponto de vista pedagógico, a defesa de uma educação integral passa pelo respeito à identidade histórica das instituições educacionais e pela valorização das diversas modalidades de ensino oferecidas. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) propõem um modelo de universidade que alia a concepção de educação à formação humana integral, fundamentada nos princípios da escola unitária e da formação politécnica e/ou tecnológica.

A proposta de uma Universidade Politécnica e/ou Tecnológica deve, portanto, basear-se em um diagnóstico minucioso das características específicas dessas instituições, considerando sua trajetória histórica e suas potencialidades. A educação empreendedora, ao introduzir novas metodologias de ensino e aprendizagem, pode enriquecer esse modelo ao promover uma cultura de inovação e criatividade no ambiente acadêmico.

As reformas educacionais dos anos 1990 introduziram a noção de competências como um elemento central na organização curricular, gerando mudanças significativas nas escolas. A pedagogia das competências, promovida por sua capacidade de resolução de problemas e foco em resultados, foi inicialmente vista como uma forma de converter o currículo em um ensino integral. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) destacam que essa abordagem buscava integrar conhecimentos de diversas disciplinas através de problemas e projetos, aproximando o ensino da realidade cotidiana dos estudantes. A educação empreendedora, ao enfatizar a aplicação prática do conhecimento e a resolução criativa de problemas, alinha-se a essa perspectiva, mas com o cuidado de não fragmentar o currículo.

No entanto, a noção de competências, ao invés de promover uma verdadeira integração curricular, acabou por fragmentar ainda mais o conhecimento. Segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), a definição de competências prioritárias levou à seleção de conhecimentos exclusivamente necessários para seu desenvolvimento, desconsiderando a importância de uma formação ampla e integral.

Essa fragmentação curricular compromete a formação de sujeitos críticos e autônomos, uma vez que limita o acesso dos estudantes a um conjunto mais amplo de saberes. A educação empreendedora, quando incorporada de forma crítica e integrada, pode ajudar a superar essa limitação, promovendo uma formação que contemple tanto a teoria quanto a prática.

A crítica à pedagogia das competências, portanto, reside na sua incapacidade de promover uma educação que contemple a totalidade do ser humano. Frigotto,

Ciavatta e Ramos (2005) argumentam que a verdadeira educação integral deve ir além da simples aquisição de competências específicas, promovendo o desenvolvimento de todas as dimensões do indivíduo. Isso inclui a formação ética, política e cultural, aspectos muitas vezes negligenciados em currículos voltados exclusivamente para o mercado de trabalho. A educação empreendedora, ao estimular o pensamento crítico e a responsabilidade social, pode complementar essa formação integral.

A proposta de uma educação integral, conforme defendida por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), requer uma reavaliação das práticas pedagógicas e dos currículos escolares. É necessário adotar uma abordagem que valorize a interdisciplinaridade e a contextualização do conhecimento, permitindo que os estudantes compreendam a complexidade do mundo em que vivem. Essa perspectiva pedagógica deve incentivar a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios sociais e econômicos de maneira consciente e responsável. A educação empreendedora, ao promover a iniciativa e a inovação, pode ser um catalisador importante nesse processo.

Além disso, a educação integral deve considerar as especificidades culturais e sociais dos estudantes, promovendo a inclusão e a valorização da diversidade. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) enfatizam a importância de uma educação que respeite as diferenças e que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso implica em políticas educacionais que garantam o acesso e a permanência de todos os estudantes na escola, independentemente de sua origem social, étnica ou econômica. A educação empreendedora, ao valorizar a diversidade de ideias e perspectivas, pode enriquecer essa abordagem inclusiva.

A formação integral do ser humano, portanto, não pode ser dissociada de um projeto político-pedagógico que busque a transformação social. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) defendem que a educação deve ser um instrumento de emancipação, capaz de promover a consciência crítica e a ação transformadora. Nesse sentido, a educação integral deve preparar os estudantes não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade, capacitando-os a atuar como agentes de mudança. A educação empreendedora, ao fomentar a autonomia e a capacidade de inovação, pode ser uma aliada poderosa nesse processo de transformação.

Por fim, a implementação de uma educação integral requer o compromisso de todos os atores envolvidos no processo educativo, incluindo gestores, educadores, estudantes e a comunidade em geral. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) ressaltam a

importância de um trabalho colaborativo e participativo, que envolva a construção coletiva de um projeto educacional que atenda às necessidades e aspirações da sociedade. Somente assim será possível superar as limitações do modelo educacional vigente e construir uma educação verdadeiramente integral e emancipadora. A educação empreendedora, ao incentivar a colaboração e o trabalho em equipe, pode desempenhar um papel crucial na promoção de uma cultura educacional mais integrada e inovadora.

De acordo com Dolabela (2008), ser empreendedor vai além de simplesmente adquirir conhecimentos, envolvendo a internalização e o desenvolvimento de valores, atitudes, comportamentos e perspectivas sobre si mesmo e o mundo, todos direcionados à capacidade de inovação, disposição para correr riscos, habilidade para lidar com incertezas e perseverança. Essas características são complementadas na visão de Minello (2014), que concebe o empreendedor como aquele que cria algo inovador, possui iniciativa, capacidade de organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos para transformar recursos e situações em benefício prático, além de estar disposto a aceitar os riscos e possíveis fracassos de suas ações (MINELLO, 2014, p. 74).

Com o intuito de promover o desenvolvimento e aprimoramento das características do comportamento empreendedor, é fundamental adotar uma abordagem educacional distinta da tradicional. É preciso ir além da criação de uma mera "educação em empreendedorismo" ou "educação para o empreendedorismo", e buscar o estabelecimento de uma "educação empreendedora" (MENDES, 2011, p. 6). Dolabela e Filion (2013, p. 136) ressaltam a necessidade de uma "abordagem de aprendizagem revolucionária" que promova o desenvolvimento do indivíduo empreendedor e, consequentemente, traga mudanças no contexto social.

Nos últimos anos, o plano de negócios tem sido um recurso amplamente utilizado no ensino do empreendedorismo. No entanto, estudos recentes, como o conduzido por Lima et al. (2015), têm apontado que abordagens voltadas para a abertura de empresas, principalmente baseadas em planos de negócios, devem ser direcionadas a indivíduos que já apresentam um alto nível de intenção empreendedora comprovada e que identificaram uma oportunidade de negócio viável, a fim de que possam tomar as medidas adequadas para iniciar seu empreendimento.

Essa constatação, juntamente com a crescente e diversificada demanda por educação empreendedora por parte dos estudantes, que vai além da abertura de

empresas, evidencia uma lacuna significativa nas metodologias de educação empreendedora, especialmente no Brasil, onde a formação nesse campo sempre foi concentrada no plano de negócios (LIMA et al., 2015).

A educação empreendedora muitas vezes é envolta em mitos que precisam ser desmistificados para que seu verdadeiro potencial seja compreendido. Um dos equívocos comuns, conforme discutido por Antunes (2013), é a ideia de que "quem quer, consegue", sugerindo que o sucesso empreendedor está ao alcance de qualquer um que se esforce o suficiente. No entanto, essa visão simplista ignora as complexas realidades sociais e econômicas que influenciam o sucesso. Dolabela (2008) ressalta que ser empreendedor envolve mais do que apenas adquirir conhecimentos; é necessário desenvolver valores, atitudes e comportamentos que permitam a inovação e a perseverança frente às incertezas.

Além disso, Minello (2014) acrescenta que o empreendedorismo não se resume apenas à iniciativa individual, mas também à capacidade de organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos. Isso significa que, embora o esforço pessoal seja importante, ele deve ser complementado por um ambiente que ofereça suporte e oportunidades. A crença de que o empreendedorismo é uma solução universal para os problemas de emprego pode ser enganosa, pois não considera as barreiras estruturais que muitos indivíduos enfrentam, como a falta de acesso a recursos e redes de apoio.

A educação empreendedora não deve ser considerada como uma solução para a falta de empregos. mas sim como um catalisador para o desenvolvimento individual e coletivo. Seu papel primordial é capacitar os indivíduos a identificarem oportunidades, desenvolver soluções inovadoras e criar seus próprios caminhos profissionais, contribuindo para a dinamização do ambiente de negócios.

Embora a iniciativa individual seja fundamental, é imprescindível que o governo fomente um cenário econômico propício ao crescimento das empresas privadas, à geração de empregos e à implementação de políticas públicas eficazes que promovam o desenvolvimento econômico e a criação de empregos formais. Como argumenta Antunes (2013), o trabalho deve ter um sentido, e as transformações no mundo do trabalho impactam profundamente os trabalhadores. Portanto, o estímulo ao empreendedorismo deve integrar uma estratégia abrangente de desenvolvimento econômico, social e humano, e não ser encarado como uma solução isolada.

Dolabela (2008) enfatiza que o verdadeiro empreendedorismo vai além da simples criação de negócios; ele envolve a capacidade de inovação e a disposição para correr riscos. Isso requer um ambiente educacional que fomente a criatividade e o pensamento crítico, preparando os estudantes para enfrentar desafios complexos. A educação empreendedora deve, portanto, focar no desenvolvimento de habilidades que permitam aos indivíduos não apenas iniciar negócios, mas também inovar em qualquer contexto profissional.

Minello (2014) destaca a importância de aceitar riscos e possíveis fracassos como parte do processo empreendedor. Isso implica que a educação empreendedora deve ensinar os alunos a lidarem com o fracasso de maneira construtiva, usando-o como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Ao desmistificar o empreendedorismo, é crucial reconhecer que o fracasso não é um fim, mas uma etapa no caminho para o sucesso.

Antunes (2013) sugere que o empreendedorismo pode ser uma forma de criar sentido para o trabalho, permitindo que os jovens encontrem propósito em suas atividades profissionais. No entanto, é importante que essa busca por significado não seja vista apenas como uma responsabilidade individual. A sociedade e as instituições educacionais têm um papel fundamental em criar ambientes que incentivem a exploração de interesses e talentos pessoais.

Dolabela (2008) argumenta que ser empreendedor envolve a internalização de valores e atitudes que vão além do conhecimento técnico. Isso significa que a educação empreendedora deve ser holística, abordando não apenas as habilidades práticas, mas também o desenvolvimento pessoal e ético. Ao promover uma visão mais ampla do empreendedorismo, podemos preparar os estudantes para serem agentes de mudança em suas comunidades.

Minello (2014) vê o empreendedor como alguém que transforma recursos e situações em benefício prático. Esse processo de transformação requer não apenas habilidades técnicas, mas também uma compreensão profunda dos contextos sociais e econômicos. Portanto, a educação empreendedora deve incluir a análise crítica das condições que afetam o sucesso empreendedor, capacitando os alunos a navegarem e influenciar esses contextos de forma eficaz.

Por fim, ao desmistificar a educação empreendedora, é essencial reconhecer que o empreendedorismo é apenas uma parte do espectro de opções profissionais disponíveis. Antunes (2013) nos lembra que o trabalho pode ter múltiplos significados

e que os indivíduos devem ser encorajados a explorar diferentes caminhos que lhes proporcionem satisfação e realização. A educação empreendedora, quando integrada a uma formação integral, pode capacitar os estudantes a escolherem o caminho que melhor se alinha com seus interesses e valores.

3.2 O TRABALHO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Dermeval Saviani (2007), em seu artigo "Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos", argumenta que o trabalho é uma atividade humana fundamental que não apenas transforma a natureza, mas também o próprio ser humano. Ele destaca que, historicamente, a educação e o trabalho estavam intrinsecamente ligados, com a educação ocorrendo no próprio processo de trabalho. No entanto, com o desenvolvimento das sociedades, houve uma separação entre essas duas esferas, o que resultou em uma forma de educação que muitas vezes desconsidera a dimensão formativa e transformadora do trabalho.

A separação entre trabalho e educação contribuiu para a perpetuação das desigualdades sociais, uma vez que a educação passou a ser um privilégio das classes dominantes, enquanto as classes trabalhadoras eram relegadas a uma formação técnica e prática, sem acesso ao conhecimento teórico e crítico (SAVIANI, 2007). Essa divisão reforça a estrutura de classes e a exploração, ao preparar os trabalhadores apenas para funções subalternas no mercado de trabalho (SAVIANI, 2007).

Para Saviani (2007), restabelecer a relação entre trabalho e educação é essencial para a transformação social. Propõe que a educação deve ser orientada pelo princípio do trabalho, o que significa que a formação deve integrar o conhecimento teórico com a prática produtiva. Essa abordagem não só prepara os indivíduos para o mercado de trabalho, mas também os capacita a compreender e questionar as condições sociais e econômicas em que vivem, promovendo uma consciência crítica e emancipatória.

A educação politécnica, defendida por Saviani (2007), é uma forma de concretizar essa integração entre trabalho e educação. Ela visa proporcionar aos estudantes uma formação abrangente que inclua os fundamentos científicos e técnicos das diversas áreas de produção, sem se limitar a um treinamento específico para uma função. Essa abordagem permite que os indivíduos desenvolvam uma compreensão mais

ampla e crítica do mundo, capacitando-os a atuar de maneira mais consciente e transformadora na sociedade.

Além disso, a educação politécnica deve ser acessível a todos, independentemente de sua classe social (SAVIANI, 2007). A visão instrumentalista da educação é criticada por reduzir a uma mera preparação para o mercado de trabalho (SAVIANI, 2007). O autor parte em defesa da educação como um direito social, que possibilite a formação de sujeitos críticos e autônomos (SAVIANI, 2007). Essa perspectiva é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas capacidades e contribuir para o bem comum (SAVIANI, 2007).

A concepção de trabalho como ferramenta de transformação social também é central na obra de Gaudêncio Frigotto (2007). Ele critica a visão instrumentalista da educação profissional, que muitas vezes a reduz a uma mera formação técnica voltada para as necessidades do capital. Frigotto (2007) defende que a educação profissional deve ser concebida como um direito social, que possibilite a formação de sujeitos críticos e autônomos. Ele argumenta que a educação profissional, quando desvinculada de uma perspectiva crítica, corre o risco de reforçar as desigualdades sociais, ao preparar trabalhadores apenas para funções subalternas no mercado de trabalho.

Frigotto (2007) e Saviani (2007), portanto, compartilham a visão de que a educação deve ser um processo formativo integral, que articule o desenvolvimento técnico com a formação política e cidadã. Ambos defendem que a educação deve capacitar os indivíduos a compreenderem suas condições de existência e a se posicionarem de maneira crítica diante da realidade social. Essa abordagem é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, na qual o trabalho não seja sinônimo de exploração, mas de realização humana.

A integração entre trabalho e educação, conforme defendida por Saviani e Frigotto (2007), implica uma reestruturação do sistema educacional. Isso envolve a criação de currículos que articulem o conhecimento teórico com a prática produtiva, bem como a valorização dos saberes populares e das experiências dos trabalhadores. Essa reestruturação é fundamental para romper com a lógica da educação instrumentalista e promover uma formação verdadeiramente emancipatória.

Saviani (2007) destaca que a educação politécnica não deve ser confundida com uma simples formação técnica. Ela deve proporcionar aos estudantes uma compreensão dos fundamentos científicos e técnicos das diversas áreas de produção.

Essa abordagem permite que os indivíduos desenvolvam uma visão crítica e abrangente do mundo, capacitando-os a atuar de maneira mais consciente e transformadora na sociedade.

A educação orientada pelo princípio do trabalho, conforme proposta por Saviani, também tem implicações importantes para a formação dos professores. Eles devem ser capacitados não apenas para transmitir conhecimentos técnicos, mas também para promover uma formação crítica e emancipatória. Isso envolve a valorização da pesquisa e da extensão, bem como o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem o conhecimento teórico com a prática produtiva.

Além disso, Saviani (2007) argumenta que a educação politécnica deve ser acessível a todos, independentemente de sua classe social. Ele critica a visão instrumentalista da educação, que a reduz a uma mera preparação para o mercado de trabalho. Saviani destaca que a organização da sociedade atual exige um acervo mínimo de conhecimentos sistemáticos para que um indivíduo possa ser considerado cidadão e participar ativamente da vida social. Ele afirma:

> O modo como está organizada a sociedade atual é a referência para a organização do ensino fundamental. O nível de desenvolvimento atingido pela sociedade contemporânea coloca a exigência de um acervo mínimo de conhecimentos sistemáticos, sem o que não se pode ser cidadão, isto é, não se pode participar ativamente da vida da sociedade (SAVIANI, 2007, p. 160).

Saviani (2007) também ressalta a importância de uma formação que inclua a linguagem escrita, a matemática, as ciências naturais e sociais, pois esses conhecimentos são essenciais para compreender as transformações operadas pela ação humana sobre o meio ambiente e as relações sociais. Ele argumenta que a educação deve evitar que os trabalhadores caiam na passividade intelectual e que os universitários se limitem ao academicismo. Saviani cita Gramsci para reforçar essa ideia:

> Ressalte-se que essa proposta é bem diversa da atual função da extensão universitária. Não se trata de estender à população trabalhadora, enquanto receptora passiva, algo próprio da atividade universitária. Trata-se, antes, de evitar que os trabalhadores caiam na passividade intelectual, evitando-se ao mesmo tempo que os universitários caiam no academicismo (SAVIANI, 2007, p. 162).

Saviani (2007) conclui que a educação politécnica deve ser uma ferramenta para a transformação social, proporcionando uma formação integral que capacite os indivíduos a compreenderem e transformarem a realidade em que vivem. Ele defende que a educação deve ser um direito social, acessível a todos, e que deve promover a formação de sujeitos críticos e autônomos.

3.3 IDENTIDADE EMPREENDEDORA – APLICAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

A identidade empreendedora no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é um tema de grande relevância, especialmente quando se considera a formação de cidadãos preparados para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. Ana Paula Peroni (2018) e Octávio Cavalari Junior (2018), em seu estudo sobre educação empreendedora, destacam que não basta apenas introduzir práticas modernas; é necessário posicionar a educação empreendedora como um elemento estratégico na promoção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos, éticos e holísticos. Eles questionam as abordagens tradicionais que se concentram no treino de competências funcionais, argumentando que a educação deve ir além, promovendo um comportamento dinâmico, responsável, participativo e empreendedor.

Nesse sentido, a educação empreendedora observa a necessidade de adotar abordagens pedagógicas voltadas à criação de um ambiente de ensino-aprendizagem que favoreça a formação de cidadãos críticos, autônomos e criativos. Para isso, são necessárias estratégias educacionais que promovam o desenvolvimento de capacidades essenciais para a participação ativa na comunidade, como a capacidade de pensar criticamente, reconhecer problemas e propor soluções para situações complexas.

Uma das propostas para a implantação desse ambiente de ensino-aprendizagem é a inserção da educação empreendedora. Na Europa, por exemplo, o empreendedorismo na educação vem sendo promovido pela Comissão Europeia através de ações que potencializam o espírito empreendedor nos jovens, alinhando-se às demandas e desafios do mundo atual. As pesquisas sobre educação empreendedora têm despertado interesse pelas especificidades dessa proposta de ensino, abrindo espaço para novos estudos teóricos e empíricos.

Diversos estudiosos têm se dedicado a analisar a educação empreendedora sob diferentes perspectivas. Luz e Cêa (2006), por exemplo, a compreendem como uma nova forma de articulação entre economia e educação. Lavieri (2010), por sua vez, destaca que a preocupação com o capitalismo e o neoliberalismo, bem como o receio de que a educação se limite a preparar mão de obra para o mercado em detrimento da formação integral dos indivíduos, tem gerado críticas por parte de educadores. Estes argumentam que o processo de inserção na sociedade deve contemplar

tanto o aprendizado de um ofício quanto a inserção econômica, garantindo uma formação mais completa e alinhada com as necessidades do mundo do trabalho.

No campo da EPT, há um intenso questionamento acerca do trabalho tecnicista e da educação reprodutivista. Observa-se que essa modalidade de educação vem se orientando por uma proposta pedagógica que visa a criação de espaços onde o aluno possa aprender sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o contexto em que se insere. Isso contribui para o desenvolvimento de uma mentalidade empreendedora e para a emancipação no cenário sociopolítico e econômico globalizado.

A construção de capacidades empreendedoras é um dos modelos de ensino que mais tem influenciado a educação profissional no Brasil. O conceito de competência na educação profissional, embora ainda polêmico, orienta currículos que não são mais centrados em conteúdo ou traduzidos em grades de disciplinas, mas sim em conjuntos integrados de situações que promovam aprendizagens profissionais significativas.

Machado (2002) defende que a educação profissional deve fornecer aos estudantes as competências básicas necessárias para o exercício de uma profissão. A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, por exemplo, dispõe sobre o estímulo ao empreendedorismo como eixo de um projeto de formação emancipatória. O empreender é entendido em sua dimensão criativa e no comportamento proativo na busca de alternativas viáveis para a solução de problemas coletivos.

Frigotto e Ciavatta (2006) salientam que as instituições de ensino profissional não devem trabalhar em função das entidades empresariais, mas em função do homem. A educação profissional deve fundamentar-se em uma qualificação abrangente que inclua, além das competências técnicas profissionais, uma visão crítica aliada à responsabilidade social, características que compreendem os fundamentos da educação empreendedora.

O tema do empreendedorismo é amplamente debatido por autores como Dornelas (2008), Guerra e Grazziotin (2010), Lavieri (2010) e Lopes (2010). Eles apontam a educação empreendedora como uma forma de ensino-aprendizagem que possibilita a criticidade do aluno em seu contexto. A educação para o empreendedorismo inclui todas as formas de aprendizagem, educação e formação que contribuem para o desenvolvimento de espíritos, competências e comportamentos empreendedores, com ou sem um objetivo comercial.

Lopes (2015), baseado no Relatório da Comissão Europeia de 2012, indica que a educação empreendedora deve ser vista como uma forma de capacitação e educação para a cidadania e para o exercício de uma liberdade substancial e responsável, superando uma abordagem baseada apenas no treino de competências funcionais.

Ao analisar as abordagens sobre as chamadas competências empreendedoras, percebe-se uma sobreposição frequente entre suas definições e as de outras competências profissionais. Antonello (2005) define a competência empreendedora como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo expressar sua visão, estratégias e ações na geração de valor para a sociedade. Dolabela (2003), por sua vez, a descreve como a capacidade de mobilizar habilidades como autoconsciência, rede de relacionamentos, conhecimento do ambiente, liderança e energia para alcançar seus objetivos.

Essas competências, presentes em diferentes graus nas pessoas, podem ser aprimoradas por meio do ensino e influenciadas pelas experiências de vida. Nesse sentido, a educação empreendedora surge como um meio de capacitar o aluno a transformar o contexto em que está inserido, adotando um comportamento dinâmico, responsável e engajado com a cidadania. A compreensão dessas contribuições pode ampliar o conceito de educação empreendedora para uma abordagem mais abrangente, facilitando sua integração e aplicação na educação profissional e, assim, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano em um ambiente social.

Desse modo, a educação empreendedora deve ser encarada como um instrumento de transformação social, oferecendo uma formação completa que capacite os indivíduos a compreender e transformar a realidade em que vivem. Ela deve ser um direito social, acessível a todos, e promover a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Nessa linha, Saviani (2007) argumenta que é por meio do trabalho que o ser humano se sustenta e tem acesso aos bens necessários para uma vida digna. Através do trabalho, o ser humano modifica a natureza e a si mesmo, construindo-se no e pelo trabalho, transformando tanto o ambiente quanto a sua própria condição.

Nos últimos anos, o Brasil passou por diversas transformações políticas, econômicas e sociais que influenciaram as relações de trabalho. Essas mudanças tiveram um impacto direto na educação, exigindo adaptações para responder a essas novas necessidades e, consequentemente, redefinindo as normas educacionais no país.

Segundo Andrade (2005), é fundamental que a escola explicite seu papel social e sua proposta pedagógica, delineando o perfil do cidadão que busca formar. Em um cenário de incertezas nas relações de trabalho no Brasil, alguns autores, como Previdelli e Sela (2006) e Dolabela (2008), defendem a formação empreendedora, acreditando na possibilidade de aplicar conceitos empreendedores na educação sem se restringir a uma formação voltada exclusivamente para o mercado.

Minervino (2014) defende a necessidade de distinguir o empreendedor enquanto empresário daquele que manifesta o empreendedorismo como uma atitude e um modo de vida. O objetivo central não deve ser o mercado, mas sim o desenvolvimento do indivíduo, que, através da educação empreendedora, pode descobrir e aproveitar ao máximo suas capacidades..

Nesse contexto, a educação empreendedora se conecta ao desenvolvimento de habilidades e à formação para a cidadania, promovendo o exercício de uma liberdade significativa e responsável, e superando uma abordagem focada apenas no treinamento de competências técnicas.

A educação empreendedora deve, portanto, criar programas e cursos que estimulem o desenvolvimento de capacidades empreendedoras, permitindo que os alunos experimentem a inovação, desenvolvam novos produtos, serviços ou soluções. Modelos de competências abrangentes e novas estratégias pedagógicas são essenciais para impulsionar o surgimento de novos empreendedores capazes de gerar dinâmicas de desenvolvimento pessoal, social e econômico mais inteligentes e sustentáveis.

Em suma, a identidade empreendedora aplicada ao mundo do trabalho, especialmente no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, deve ser compreendida como uma abordagem que transcende o mero treinamento de competências funcionais. Ela deve promover uma formação integral, crítica e autônoma, contribuindo para um desenvolvimento mais inclusivo, ético e abrangente.

3.4 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA EPT

A educação empreendedora na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é um campo que vem ganhando destaque nas últimas décadas, principalmente devido às mudanças no mercado de trabalho e às demandas por uma formação mais dinâmica e adaptável. Segundo Ana Paula Peroni (2019) e Octávio Cavalari Junior

(2019), a educação empreendedora deve ser vista como um elemento estratégico para a promoção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos, éticos e holísticos. Essa abordagem vai além da simples introdução de práticas modernas, buscando formar cidadãos capazes de atuar de maneira proativa e inovadora em diversos contextos.

Ricardo Antunes, em suas discussões sobre o mundo do trabalho, destaca a importância de uma formação que prepare os indivíduos não apenas para o mercado, mas para a vida em sociedade. Ele argumenta que a educação deve promover a capacidade de mobilização de esquemas de ação progressivamente mais complexos e significativos, permitindo aos alunos tomarem decisões informadas, resolver problemas e alcançar objetivos de maneira colaborativa e criativa.

A legislação brasileira, através das Diretrizes Curriculares Nacionais e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, adota o modelo das competências como concepção orientadora. A Resolução CEB nº 06, de 20 de setembro de 2012, define as novas diretrizes que visam promover uma educação que desenvolva capacidades empreendedoras, preparando os alunos para identificar e trilhar caminhos inovadores em suas vidas.

Diversos métodos e técnicas têm sido utilizados para implementar a educação empreendedora na EPT, incluindo visitas técnicas, implantação de incubadoras, grupos de trabalho e discussão, planos de negócios, estudos de casos, criação de empresas e produtos, jogos e simulações. Essas ações têm como objetivo investir em uma educação que permita aos jovens aprimorarem suas capacidades empreendedoras, contribuindo para a formação de pessoas criativas, inovadoras e comprometidas com o desenvolvimento coletivo.

Lopes (2010) argumenta que a educação empreendedora não é apenas um modismo, mas uma resposta às demandas e desafios do mundo atual. As pesquisas sobre o tema têm despertado interesse pelas especificidades dessa proposta de ensino, abrindo espaço para novos estudos teóricos e empíricos. Luz e Cêa (2006) entendem a educação empreendedora como uma nova forma de articulação entre economia e educação, enquanto Lavieri (2010) destaca a necessidade de preparar os alunos para a inserção econômica e social.

No campo da EPT, há um intenso questionamento acerca do trabalho tecnicista e da educação reprodutivista. Observa-se que essa modalidade de educação vem se orientando por uma proposta pedagógica que visa a criação de espaços onde o aluno

possa aprender sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o contexto em que se insere. Isso contribui para o desenvolvimento de uma mentalidade empreendedora e para a emancipação no cenário sociopolítico e econômico globalizado.

A construção de capacidades empreendedoras é um dos modelos de ensino que mais tem influenciado a educação profissional no Brasil. O conceito de competência na educação profissional, embora ainda polêmico, orienta currículos que não são mais centrados em conteúdo ou traduzidos em grades de disciplinas, mas sim em conjuntos integrados de situações que promovam aprendizagens profissionais significativas.

Machado (2002) destaca que a formação escolar relacionada à educação profissional deve prover as pessoas de competências básicas. A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, por exemplo, dispõe sobre o estímulo ao empreendedorismo como eixo de um projeto de formação emancipatória. O empreender é entendido em sua dimensão criativa e no comportamento proativo na busca de alternativas viáveis para a solução de problemas coletivos.

Frigotto e Ciavatta (2006) salientam que as instituições de ensino profissional não devem trabalhar em função das entidades empresariais, mas em função do homem. A educação profissional deve fundamentar-se em uma qualificação abrangente que inclua, além das competências técnicas profissionais, uma visão crítica aliada à responsabilidade social, características que compreendem os fundamentos da educação empreendedora.

O tema do empreendedorismo é amplamente debatido por autores como Dornelas (2008), Guerra e Grazziotin (2010), Lavieri (2010) e Lopes (2010). Eles apontam a educação empreendedora como uma forma de ensino-aprendizagem que possibilita a criticidade do aluno em seu contexto. A educação para o empreendedorismo inclui todas as formas de aprendizagem, educação e formação que contribuem para o desenvolvimento de espíritos, competências e comportamentos empreendedores, com ou sem um objetivo comercial.

Lopes (2017), baseado no Relatório da Comissão Europeia de 2012, indica que a educação empreendedora deve ser vista como uma forma de capacitação e educação para a cidadania e para o exercício de uma liberdade substancial e responsável, superando uma abordagem baseada apenas no treino de competências funcionais.

No que se refere às abordagens relacionadas às chamadas competências

empreendedoras, observa-se que muitas vezes as definições se confundem com outras competências profissionais. Antonello (2005) definiu competência empreendedora como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que viabilizam a um indivíduo imprimir sua visão, estratégias e ações na criação de valor para a sociedade.

Dolabela (2003) define competência empreendedora como a aptidão de mobilizar habilidades como: conceito de si e espaço de si, rede de relações, conhecimento do ambiente, liderança e energia para a realização de seus propósitos. As competências existem em maior ou menor grau nas pessoas e são elementos que podem ser promovidos e desenvolvidos pelo ensino e influenciados pela experiência de vida.

Dentro desse contexto, a educação empreendedora representa uma possibilidade de capacitar o aluno para mudar o cenário em que está inserido, através de um comportamento dinâmico, responsável e cidadão. A compreensão dessas contribuições pode ajudar na expansão do conceito de educação empreendedora para uma abordagem holística, permitindo uma maior inserção e aplicabilidade da educação empreendedora na educação profissional, capacitando o desenvolvimento do ser humano em um ambiente social.

A educação empreendedora deve ser vista como uma ferramenta para a transformação social, proporcionando uma formação integral que capacite os indivíduos a compreenderem e transformarem a realidade em que vivem. Ela deve ser um direito social, acessível a todos, e promover a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Nas últimas décadas, o Brasil vivenciou uma série de transformações políticas, econômicas e sociais que impactaram nas relações de trabalho. Essas mudanças também repercutiram diretamente na educação e exigiram adaptações para atender ou acompanhar essas demandas, normatizando a educação no país.

Dentro desse contexto, a educação empreendedora associa-se à capacitação e à educação para a cidadania e para o exercício de uma liberdade substancial e responsável, superando uma abordagem baseada apenas no treino de competências funcionais. A educação empreendedora deve criar programas e cursos que desenvolvam capacidades empreendedoras, permitindo que os alunos experimentem a inovação, criem coisas novas e deixem suas ideias fluírem até se transformarem em possíveis oportunidades.

Os modelos de competências holísticas e novas estratégias pedagógicas são fundamentais para potencializar a emergência de novos empreendedores capazes de produzir dinâmicas de desenvolvimento pessoal, social e econômico mais inteligentes e sustentáveis.

Em resumo, a educação empreendedora na EPT deve ser vista como uma abordagem que vai além do simples treinamento de competências funcionais. Ela deve promover uma formação integral, crítica e autônoma, capacitando os indivíduos a compreenderem e transformarem a realidade em que vivem, contribuindo para um desenvolvimento mais inclusivo, ético e holístico.

4. METODOLOGIA

4.1. Natureza da Pesquisa – Qualitativo

Esta seção expõe a natureza da pesquisa e os métodos empregados na coleta e análise dos dados. Fundamentada no paradigma qualitativo, a pesquisa se estruturou na análise detalhada das respostas obtidas por meio de um questionário. A fim de extrair significado e construir conhecimento a partir do material textual, a análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2011), foi empregada como principal ferramenta metodológica. A técnica, segundo Bardin, "visa a descrição do conteúdo manifesto da comunicação" (BARDIN, 2011, p. 48), e, para este estudo, permitiu interpretar os dados coletados, desvendando padrões, tendências e relações presentes nas respostas dos participantes. A análise foi conduzida a partir da codificação e categorização das informações, buscando identificar temas recorrentes e relevantes para a pesquisa.

A presente pesquisa adotou a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), como metodologia para interpretar os dados coletados. Essa abordagem, amplamente reconhecida por sua capacidade de sistematizar a análise de informações textuais, permitiu a organização do material bruto, a exploração aprofundada dos dados e a definição de categorias analíticas relevantes para a pesquisa. A codificação do material, etapa essencial nesse processo, possibilitou a análise qualitativa, com a identificação de temas e padrões por meio da frequência de ocorrência de determinadas categorias. O Power BI, com seus recursos de visualização de dados, foi utilizado como ferramenta auxiliar na análise categorial temática, facilitando a identificação de padrões e tendências nos dados.

O presente trabalho teve como objetivo a organização e análise de parte da temática abordada na oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo", oferecida na modalidade presencial no campus Engenheiro Paulo de Frontin do Instituto Federal do Rio de Janeiro. A temática da oficina foi considerada relevante para o desenvolvimento da pesquisa, visto que aborda aspectos cruciais relacionados ao empreendedorismo, tema central deste estudo. A organização e análise do conteúdo da oficina permitiram aprofundarmos a compreensão sobre o tema da pesquisa, fornecendo direcionamento para os participantes e auxiliando na coleta de dados.

3.2. Desenho da pesquisa

A presente pesquisa se enquadra na categoria de estudo qualitativo, buscando desvendar e interpretar a riqueza de significados presentes nos dados coletados. Conforme destaca Minayo (1992), essa abordagem reconhece que os dados constituem um universo multifacetado, composto por "significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" (p. 21-22). A análise qualitativa, portanto, transcende a mera quantificação, mergulhando na complexidade e subjetividade inerentes à realidade investigada.

Nesse contexto, a pesquisa se alinha à visão do economista Joseph Schumpeter (1934), que defendia que a inovação é o motor do desenvolvimento econômico e que o empreendedor, agente da inovação, desempenha um papel crucial na criação de novos produtos, processos e mercados. A análise dos dados coletados permitirá identificar como a educação empreendedora pode fomentar a cultura da inovação e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, contribuindo para a formação de indivíduos mais propensos a gerar valor e transformar a realidade socioeconômica.

Dessa forma, o desenvolvimento de um produto educacional, estruturado como uma oficina e baseado no ebook "Gestão Empreendedora" de Carlos André de Souza Castro (2019/2020), assume papel central do conteúdo. A aplicação da oficina, seguida da coleta e análise de dados por meio de questionários online, visou não apenas validar a proposta de educação empreendedora na educação profissional e tecnológica, mas também disseminá-la entre o público-alvo de alunos de institutos federais. A escolha por essa metodologia demonstra a preocupação em compreender a fundo as percepções, experiências e perspectivas dos participantes, elementos cruciais para a construção de um conhecimento rico e contextualizado.

Sendo assim, o desenho metodológico desta pesquisa, de caráter qualitativo e fundamentado na análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), abrange a definição precisa do conjunto de dados, a organização sistemática dos dados coletados, a categorização a partir da leitura flutuante do material, a codificação das unidades de análise, a análise e interpretação profunda dos padrões e relações presentes nos dados e a elaboração de um relatório final que sintetize os achados da pesquisa de forma clara, objetiva e fundamentada.

3.3. Instrumento de coleta de dados

Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de um questionário aplicado ao término da oficina. Esse questionário, respondido pelos participantes após a vivência prática, constituiu a base para a realização das análises e a construção de redes semânticas com o auxílio do software Power BI. O instrumento de coleta de dados, o questionário, foi estruturado de forma a contemplar os principais aspectos relacionados ao tema da oficina, abordando desde a percepção dos participantes sobre o assunto até a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. As perguntas foram elaboradas com base nos objetivos da pesquisa e organizadas em seções que possibilitaram uma análise aprofundada dos dados coletados. A escolha por um questionário como instrumento de coleta de dados justificou-se por sua capacidade de coletar informações de forma padronizada, o que facilitou a análise e a comparação entre as respostas dos participantes. Além disso, o uso do Power BI permitiu a visualização dos dados de forma clara e objetiva, contribuindo para a identificação de padrões e tendências relevantes para a pesquisa.

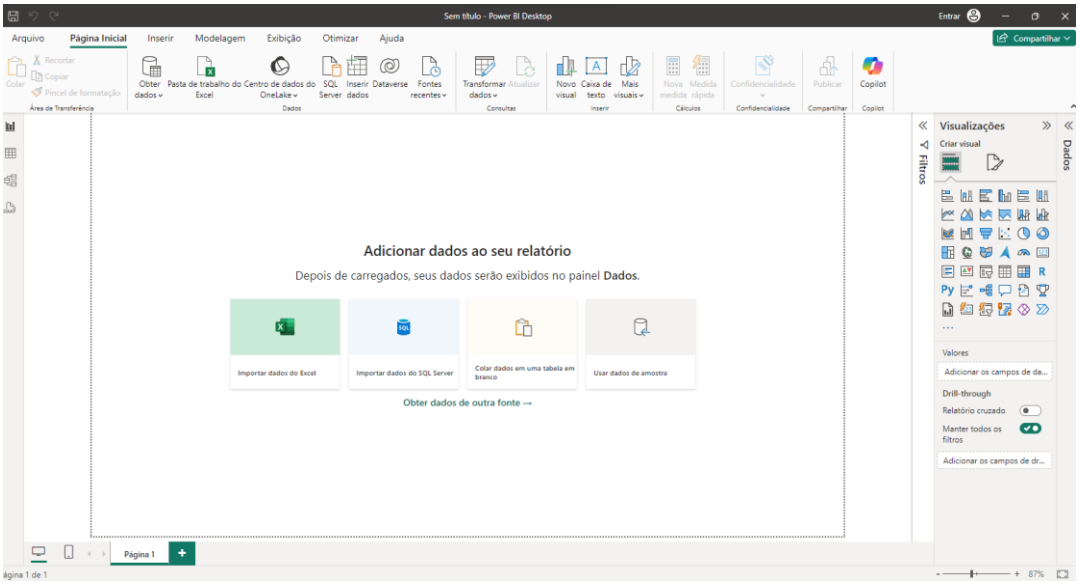
O *software* utilizado para análise e visualização de dados, oferece opções gratuitas e pagas, com funcionalidades e recursos variados. Nesta pesquisa, optou-se pela versão gratuita do *Power BI*, sem vínculo com contas corporativas ou estudantis. Essa escolha, embora limite o acesso a algumas funcionalidades, como o armazenamento online, permitiu a análise e tratamento dos dados offline, garantindo a organização e a geração de insights relevantes para a pesquisa.

De acordo com o site oficial da *Microsoft*, o *Power BI* é uma coleção de serviços de *software*, aplicativos conectores que transforma fontes de dados não relacionadas em informações visualmente envolventes e atrativas para os usuários. Os dados podem ser importados de uma planilha do *Excel* ou de uma coleção de data *Warehouse* híbridos locais ou baseados na nuvem. Com o *Power BI*, é possível conectar facilmente fontes de dados, visualizar e descobrir informações relevantes e compartilhar com outros usuários (PINTO, 2020, p. 11).

No contexto da análise de dados de pesquisa, especialmente aquelas coletadas por meio de questionários, o *Power BI* demonstra grande utilidade na organização e otimização dos resultados. A ferramenta permite importar dados de diferentes formatos, incluindo arquivos CSV, *Excel* e bancos de dados, organizando-os de forma estruturada e facilitando a limpeza e tratamento das informações. Através de recursos visuais como gráficos, tabelas dinâmicas e mapas, o *Power BI* possibilita

a identificação de padrões, tendências e relações entre as variáveis da pesquisa, tornando a análise mais intuitiva e eficiente. Segue abaixo, a figura da tela da página inicial do software.

Figura 01: Tela do software Power BI



Fonte: Autor da pesquisa

3.4. Contextos e sujeitos da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada a oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo", um encontro de duas horas com estudantes do curso Técnico de Informática, do campus Paulo de Frontin do IFRJ. A oficina, ministrada com o intuito de explorar as diferentes facetas do universo empreendedor, proporcionou aos alunos uma oportunidade de imersão no tema. Durante o encontro, foram abordados, de forma dinâmica e interativa, os principais mitos e desafios enfrentados por aqueles que desejam trilhar o caminho do empreendedorismo, fomentando o debate e a reflexão crítica entre os participantes.

A aplicação da oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo" no Campus Paulo de Frontin, envolvendo 25 alunos do curso Técnico de Informática, representou uma importante iniciativa educativa focada na integração de competências empreendedoras. Esse projeto se desenvolveu devido à colaboração da professora Dra. Sabrina, que, ao sinalizar positivamente e oferecer sua turma, foi essencial para a viabilização da pesquisa.

A decisão de executar a oficina nesse contexto educacional foi motivada por uma série de fatores estratégicos. Primeiramente, os alunos, com idades entre 16 e 20 anos, encontram-se em transição da vida acadêmica para o mundo do trabalho, ideal para a introdução de práticas empreendedoras. Este momento na trajetória acadêmica deles é crucial para desenvolver habilidades que auxiliarão na transferência para o mundo do trabalho e contribuirão para um entendimento mais amplo do potencial das suas competências técnicas adquiridas no curso.

Apresentar esses conceitos dentro do ambiente do Campus Paulo de Frontin demonstrou-se especialmente pertinente, dada a necessidade de fomentar a educação empreendedora como um elemento transversal no ensino. As atividades da oficina foram cuidadosamente elaboradas para alinhar-se com os recursos e necessidades do campus, aproveitando o suporte acadêmico encontrado e a infraestrutura do IFRJ para maximizar o impacto pedagógico.

Figura 02: Folder da Oficina

Fonte: Autor da pesquisa

A oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo" contou com a participação de 25 (vinte e cinco) alunos do curso Técnico de Informática, com idades entre 16 e

20 anos. A escolha dessa turma se deu com a sinalização positiva da professora Dra. Sabrina, do campus Paulo de Frontin, por ceder sua turma e possibilitar a realização da pesquisa.

Ao serem questionados sobre suas experiências prévias com o tema do empreendedorismo, apenas um dos participantes afirmou nunca ter tido contato com a temática. Os demais alunos relataram já possuir alguma familiaridade com o assunto, seja por meio de disciplinas regulares, cursos de extensão ou outras experiências práticas. Essa constatação demonstra que o tema do empreendedorismo, mesmo que introdutoriamente, já faz parte da realidade desses jovens, reforçando a pertinência da pesquisa em um contexto educacional.

3.5. Produto Educacional - Oficina de Educação Empreendedora:

A oficina 'Mitos e Desafios do Empreendedorismo' fundamentou seu conteúdo em duas obras principais: o livro 'Empreendedorismo Disciplinado' de Bill Aulet (2018), que forneceu a base para desmistificar crenças comuns sobre o empreendedorismo. Adicionalmente, a parte teórica e os módulos do e-Book 'Gestão Empreendedora' de Carlos André de Souza Castro (2020) foram a base para a construção do material didático da oficina, oferecendo um arcabouço conceitual sólido sobre as melhores práticas do empreendedorismo e o desenvolvimento de uma mentalidade empreendedora.

Especificamente, a oficina incorporou os seguintes módulos do e-Book Gestão Empreendedora: Módulo I - Empreendedorismo parte I, que introduziu os conceitos essenciais; Módulo II - Fundamentos do Marketing, que explorou as estratégias para alcançar o público-alvo; Módulo III - Processos Publicitários, que detalhou as técnicas para promover produtos e serviços; e Módulo IV - Empreendedorismo parte II, que aprofundou os conhecimentos sobre gestão e planejamento de negócios. Alinhada aos princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que busca integrar teoria e prática para preparar os indivíduos para o mundo do trabalho (Frigotto, 2009), a oficina foi estruturada para otimizar o aprendizado e o engajamento dos participantes em um período de 2 horas, dividida em sete módulos distintos. O objetivo central foi criar um ambiente dinâmico, enfatizando o desenvolvimento de habilidades de planejamento, execução e adaptação de estratégias, elementos cruciais para o sucesso empreendedor (Dolabela, 2008).

O módulo inicial, "Abertura", teve como foco a apresentação do mediador da oficina e o estabelecimento de um panorama geral do que seria abordado, visando criar um ambiente acolhedor e motivador, onde os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas ideias e experiências. Em seguida, o módulo "Empreendedorismo I" buscou fornecer uma base sólida sobre o que é empreendedorismo, desmistificando crenças comuns e apresentando os desafios inerentes a essa jornada. Esperava-se que os alunos compreendessem a definição de empreendedorismo, identificassem os mitos que o cercam e reconhecessem os desafios que precisam ser superados, em consonância com a visão de Aulet (2018) de um empreendedorismo disciplinado e realista. Este módulo se alinha aos conceitos da EPT ao promover uma compreensão realista do mundo do trabalho e ao preparar os participantes para enfrentar as dificuldades com uma mentalidade proativa, auxiliando-os na transformação de ideias em ações concretas (Saviani, 2007).

Os módulos subsequentes, "Marketing e Publicidade" e "Empreendedorismo II", visaram capacitar os participantes com ferramentas e conhecimentos práticos para desenvolver e promover seus negócios. Esperava-se que os alunos aprendessem os fundamentos do marketing, as estratégias de publicidade eficazes, os modelos de negócio existentes e como utilizar o Canvas de Modelo de Negócio para estruturar suas ideias. O módulo "Atividades Práticas e Dinâmicas" proporcionou um espaço para aplicar os conhecimentos adquiridos, promovendo a colaboração e a criatividade. O módulo final, "Feedback e Avaliação", foi dedicado à avaliação do produto aplicado e à coleta de dados para a pesquisa, permitindo que os participantes compartilhassem suas percepções e sugestões sobre a oficina. Ao final da oficina, esperava-se que os participantes estivessem mais preparados para tomar decisões informadas e estratégicas no mundo do empreendedorismo, alinhando-se aos objetivos da EPT de formar profissionais competentes e engajados com o desenvolvimento econômico e social.

Figura 2 - Momento da apresentação e ministração da oficina

Fonte: Autor da pesquisa

Após a apresentação teórica, os alunos foram divididos em grupos de cinco participantes, buscando otimizar a interação e o engajamento de todos. Cada grupo recebeu duas folhas: uma com o modelo do Canvas de Modelo de Negócios e outra com um perfil detalhado de uma empresa real. O objetivo era que os alunos aplicassem seus conhecimentos, distribuindo as informações da empresa real nos diferentes blocos do Canvas.

Essa abordagem prática não apenas incentivou o trabalho colaborativo, reforçando a visão de Frigotto (1995) sobre a importância da cooperação e da troca de saberes na construção do conhecimento, mas também corroborou com um dos mitos desconstruídos por Bill Aulet (2018) em sua obra 'Empreendedorismo Disciplinado': o 'Mito 1: Pessoas Iniciam Empresas'. Ao contrário da crença popular, Aulet argumenta que o sucesso de uma startup depende de uma equipe coesa e diversificada, onde diferentes habilidades e perspectivas se complementam, e que a colaboração e a sinergia entre os membros da equipe são cruciais para superar os desafios e alcançar o sucesso.

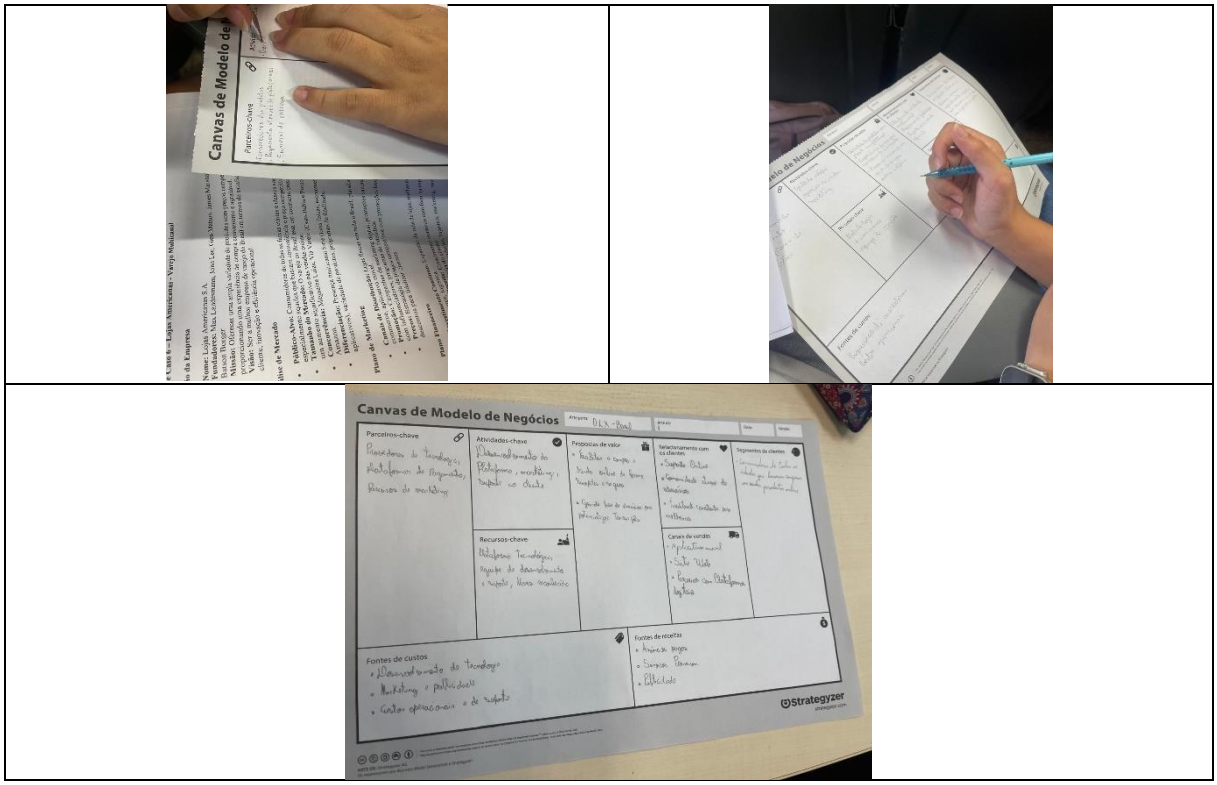
Ao analisar um caso real e preencher o Canvas de Modelo de Negócios, a dinâmica promoveu a troca de ideias e a criatividade, aprofundando a compreensão dos desafios e oportunidades no mundo do empreendedorismo. Essa atividade capacitou os alunos a explorarem soluções inovadoras e eficazes no ambiente empresarial. Inicialmente, o processo envolveu a identificação da proposta de valor, que é crucial para definir o diferencial oferecido pela empresa aos seus clientes e para resolver problemas específicos ou satisfazer necessidades. Em seguida, foi feita uma

análise dos segmentos de clientes, essencial para direcionar estratégias de marketing e comunicação adequadas. Também foi determinada a utilização de canais eficazes para garantir que a proposta de valor fosse bem direcionada, e estabelecidos relacionamentos com os clientes, fundamentais para a fidelização e satisfação.

Além disso, os alunos foram desafiados a identificar as fontes de receita, as quais são vitais para a geração de lucro e necessitam de modelos de negócios e estratégias financeiras sólidas. Eles mapearam os recursos principais, necessários para o funcionamento do modelo de negócio, englobando recursos físicos, intelectuais, humanos e financeiros. Também foram destacadas as atividades-chave, consistindo nas tarefas fundamentais requeridas para entregar a proposta de valor com sucesso.

A atividade não poderia ser completa sem uma análise das parcerias principais, que são as redes de fornecedores e parceiros que auxiliam na operação eficiente do modelo de negócio. Por fim, a estrutura de custos foi mapeada, permitindo uma gestão financeira eficiente e a otimização de recursos. Dessa forma, o uso do Canvas facilitou uma visão sistêmica dos elementos interconectados que compõem um modelo de negócio bem-sucedido, enfatizando a importância de uma abordagem integrada e inovadora para se destacar em um mercado cada vez mais competitivo.

Figura 4 – Preenchimento do Canvas pelos alunos



Fonte: Autor da pesquisa

5. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

A pesquisa exploratória realizada foi de natureza qualitativa, utilizando questionários como metodologia de coleta de dados. Conforme destacado por Gil (2008, p. 121), é essencial "traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões proporcionarão os dados necessários para testar as hipóteses ou esclarecer o problema de pesquisa". Dessa forma, é crucial estruturar as questões de modo a não limitar a exploração dos dados. Foram incluídas perguntas fechadas para facilitar a tabulação dos perfis dos tutores, além de perguntas abertas que permitissem aos participantes expressarem livremente suas opiniões.

Os questionários foram distribuídos ao final da oficina, optando-se por um formato presencial para garantir respostas imediatas e aproveitar a presença dos alunos. O questionário continha 20 questões, sendo que as primeiras 10 visavam caracterizar os participantes, com perguntas de múltipla escolha e questões abertas sobre expectativas em relação à oficina, avaliação do conteúdo abordado, interação com os colegas e a contribuição do curso para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras. As 10 questões restantes eram abertas e buscavam entender se as expectativas dos participantes foram atendidas e identificar os aspectos positivos da oficina.

Essa abordagem permitiu uma coleta de dados abrangente, coletando informações qualitativas. As perguntas fechadas facilitaram a análise dos perfis dos participantes, enquanto as perguntas abertas forneceram insights valiosos sobre as percepções e experiências dos participantes durante a oficina. Essa combinação de métodos garantiu uma visão detalhada e rica do impacto da oficina, contribuindo para uma compreensão mais profunda das necessidades e expectativas dos participantes em relação ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras. Veja o quadro abaixo:

Quadro 4: Questionário

Questão	Questionário de Final do Curso	Tipo de Pergunta
1	Nome	Aberta
2	Curso	Aberta
3	Ano escolar	Fechada
4	Qual foi o seu nível de satisfação geral com a oficina de empreendedorismo?	Fechada
5	Como você avalia a qualidade do conteúdo abordado na oficina?	Fechada
6	A oficina atendeu às suas expectativas?	Fechada
7	Você considera que os materiais didáticos fornecidos foram úteis para o aprendizado?	Fechada
8	A interação com os demais participantes foi estimulante e enriquecedora?	Fechada
9	O suporte foi satisfatório em relação às suas dúvidas e necessidades?	Fechada
10	A oficina contribuiu para o desenvolvimento de suas habilidades empreendedoras?	Fechada
11	A oficina despertou seu interesse e entusiasmo em relação ao empreendedorismo?	Fechada
12	Você se sente mais preparado(a) para enfrentar os desafios do empreendedorismo após a oficina?	Fechada
13	Você recomendaria esta oficina a outras pessoas?	Fechada
14	A aplicação prática do Canvas de Modelo de Negócios foi útil para o seu aprendizado?	Fechada
15	As dinâmicas em grupo foram eficazes para a troca de ideias?	Fechada
16	A oficina proporcionou uma compreensão clara dos mitos do empreendedorismo?	Fechada
17	O conteúdo teórico foi bem integrado às atividades práticas?	Fechada
18	O tempo destinado para cada atividade foi adequado?	Fechada
19	Quais foram os aspectos mais positivos da oficina, na sua opinião?	Aberta
20	Você sentiu que a oficina abordou adequadamente os desafios enfrentados pelos empreendedores?	Aberta
21	O que você sugere para tornar a oficina mais eficaz no desenvolvimento de habilidades empreendedoras?	Aberta
22	Se você tiver mais algum comentário ou sugestão para aprimorar a oficina, por favor, compartilhe conosco.	Aberta

Fonte: Elaboração própria.

No contexto de uma pesquisa voltada para a compreensão da eficácia e do impacto de uma oficina de empreendedorismo, um conjunto de perguntas foi elaborado para coletar dados sobre diferentes aspectos da experiência dos participantes. O quadro a seguir apresenta uma análise detalhada dos objetivos associados a cada pergunta aplicada durante a pesquisa. Essas perguntas foram desenvolvidas para capturar não apenas impressões sobre a satisfação geral e a qualidade dos conteúdos abordados, mas também para entender aspectos qualitativos, como a utilidade dos materiais didáticos, a interação entre participantes, e o suporte oferecido.

Além disso, busca-se avaliar se a oficina contribuiu para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, proporcionando uma visão mais abrangente sobre o

impacto educacional do curso. Através desta análise, pretende-se destacar potencialidades e áreas de melhoria, assegurando que a oficina atenda efetivamente às expectativas e necessidades dos participantes, e otimize seu papel formativo no contexto empreendedor.

Quadro 5: Objetivo das perguntas

Questão	Objetivos
1	Identificar o participante para organização e classificação dos dados.
2	Reconhecer o curso do participante.
3	Conhecer o perfil educacional do respondente para correlacionar com suas percepções.
4	Avaliar o nível de satisfação geral dos participantes com a oficina de empreendedorismo, refletindo a experiência como um todo.
5	Analisar como os participantes percebem a qualidade do conteúdo abordado na oficina, em termos de relevância e aplicabilidade.
6	Verificar se a oficina atingiu as expectativas dos participantes, identificando a eficácia no atendimento às suas demandas.
7	Examinar a utilidade dos materiais didáticos fornecidos na facilitação do processo de aprendizagem.
8	Avaliar se a interação entre os participantes contribuiu para enriquecer a experiência e estimular o aprendizado colaborativo.
9	Determinar se o suporte oferecido na oficina foi suficiente e eficiente para atender as dúvidas e demandas dos participantes.
10	Identificar se a oficina colaborou para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, alinhando-se aos objetivos educacionais do curso.
11	Medir se a oficina despertou interesse e entusiasmo nos participantes em relação ao empreendedorismo, promovendo engajamento com o tema.
12	Verificar se os participantes se sentem mais preparados para enfrentar situações do mundo do trabalho relacionadas ao empreendedorismo após a oficina.
13	Mensurar a probabilidade dos participantes recomendarem a oficina, refletindo sua percepção de valor e benefícios da experiência.
14	Avaliar a relevância e a eficácia da aplicação prática do Canvas de Modelo de Negócios como ferramenta para o aprendizado.
15	Observar a efetividade das dinâmicas em grupo na construção de ideias criativas e na colaboração entre os participantes.
16	Verificar se a oficina proporcionou maior compreensão dos mitos e conceitos do empreendedorismo, contribuindo para desconstrução de paradigmas e construção de novos entendimentos.
17	Identificar a integração entre o conteúdo teórico e as atividades práticas, essencial para a consolidação do aprendizado.
18	Avaliar se a carga horária foi planejada e executada de forma adequada, atendendo às necessidades dos participantes e objetivos do curso.
19	Coletar percepções sobre os aspectos mais positivos da oficina, possibilitando destacar os pontos fortes do programa de formação.
20	Analisar se a oficina preparou adequadamente os participantes para abordar os desafios enfrentados pelos empreendedores no mundo do trabalho.
21	Obter sugestões para otimizar a oficina, tornando-a mais eficaz no desenvolvimento de habilidades empreendedoras dos alunos.
22	Permitir que os participantes compartilhem observações gerais e sugestões, garantindo que suas opiniões sejam consideradas no aprimoramento da oficina.

Fonte: Elaboração própria.

Cada pergunta na pesquisa se alinha com os objetivos da educação

empreendedora e os conceitos fundamentais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como por exemplo, a avaliação da satisfação geral dos participantes é associada à visão de Saviani (2007), que defende a educação como um processo inclusivo, focado no desenvolvimento integral dos alunos. A necessidade de garantir qualidade nos conteúdos, como proposto por Peroni (2019), reforça a importância de fomentar autonomia e competências empreendedoras. Frigotto (2009) expõe a necessidade de conectar a EPT aos requisitos práticos do mundo do trabalho, o que se reflete na análise da adequação do curso aos objetivos dos participantes.

Além disso, a integração de tecnologias no ensino, destacada por Cortelazzo (2016), ressalta a funcionalidade dos materiais didáticos e o uso de tecnologias digitais como facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem. Na mesma linha, Paulo Freire (1996), em Pedagogia da Autonomia, destaca a importância da interação colaborativa para fortalecer competências essenciais. Outros autores como Mészáros (2008) e Bill Aulet (2018) enfatizam o suporte adequado e o desenvolvimento de habilidades como inovação e gestão de riscos, elementos-chave para a educação empreendedora.

A revisão contínua baseada no feedback dos participantes, segundo Aulet (2018) e Mészáros (2008), é crucial para a evolução do processo educativo, demonstrando o caráter dinâmico da formação empreendedora. Massuda Junior e Matos (2020) corroboram esta visão, promovendo uma educação adaptada às necessidades específicas dos alunos e contextos educacionais. Em suma, este quadro oferece uma estrutura abrangente incorporando visões teóricas atualizadas e consistentes com práticas educacionais efetivas, que promovem a preparação dos alunos para os desafios contemporâneos do mundo do trabalho.

Quadro 6: Relação das Perguntas com os Objetivos da Educação Empreendedora e os conceitos da EPT

Questão	Relação das Perguntas com os Objetivos da Educação Empreendedora e os conceitos da EPT
1	Garante a organização dos dados para análise e permite a validação do perfil dos participantes.
2	Relaciona-se à análise específica do impacto do curso na formação empreendedora dos participantes.
3	Permite correlacionar o background educacional com as percepções sobre o curso, alinhado a Frigotto (2009) sobre formação técnica associada ao mundo do trabalho.
4	Alinha-se a Saviani (2007), considerando a educação como um processo de constante aperfeiçoamento para atingir a qualidade no ensino e a formação integral.
5	Relaciona-se à necessidade de materiais ricos e relevantes, conforme Peroni (2019), para estimular a criatividade e o aprendizado autônomo.

6	Relaciona-se à responsabilidade de alinhar o planejamento educacional às demandas reais do mundo do trabalho, conforme Chiavenatto (2007).
7	Alinha-se a Cortelazzo (2016), que enfatiza a importância de materiais pedagógicos inovadores para facilitar habilidades práticas e conceituais.
8	Reforça Freire (1996) que propõe a interação como meio de desenvolver habilidades sociais e valorizar a troca de conhecimento no processo formativo.
9	Relaciona-se a Mészáros (2008), destacando a importância de oferecer recursos educacionais de qualidade que fortaleçam o processo de ensino-aprendizagem.
10	Atende a Dolabela (2008), que defende a educação empreendedora como capaz de estimular o protagonismo e a resolução de problemas de maneira criativa.
11	Conforme Aulet (2018), a experiência empreendedora deve promover envolvimento efetivo, incentivando inovação e aplicabilidade prática do aprendizado.
12	Relaciona-se à proposta de Frigotto (2009), que discute o papel da formação técnica e empreendedora no enfrentamento de desafios sociais e econômicos.
13	Conecta-se à busca por indicadores de qualidade educacional e impacto prático. Conforme Chiavenatto (2007), a recomendação reflete o valor percebido do curso.
14	Atende a Pereira e Kanaane (2020), que destacam o uso de ferramentas práticas como meio de consolidar habilidades técnicas e empreendedoras.
15	Relaciona-se às teorias de Massuda Junior e Matos (2020), que discutem como práticas coletivas enriquecem a formação empreendedora ao reunir experiências e criatividade.
16	Reflete o objetivo da educação empreendedora de transformar paradigmas e fomentar novos modelos de pensamento, conforme Frigotto (2009) e Dolabela (2008).
17	Fundamenta-se em Cortelazzo (2016), que aponta que a integração de práticas reais e conceitos acadêmicos é essencial para preparar os alunos para os desafios do mundo do trabalho.
18	Relaciona-se a Frigotto (2009), que sugere a importância de organização curricular bem estruturada para garantir o aprendizado efetivo, respeitando os tempos necessários de ensino e prática.
19	Alinha-se à avaliação de eficácia do programa e aos pilares da qualidade educacional destacados por Aulet (2018), que reforça o protagonismo do aluno no processo de aprendizado.
20	Relaciona-se a Pereira e Kanaane (2020), que destacam a educação profissional e empreendedora como ferramenta essencial no desenvolvimento de competências aplicáveis à realidade socioeconômica.
21	Reflete Mészáros (2008), que trata o feedback como um elemento central para o aprimoramento do processo educacional, adaptando-se continuamente às demandas dos participantes e do mundo do trabalho.
22	Consolida a participação ativa dos participantes na identificação de melhorias, reforçando a perspectiva democrática de Freire (1996) e Saviani (2007) sobre o papel da educação inclusiva e participativa.

Fonte: Elaboração própria.

A elaboração do questionário, especialmente no contexto da educação empreendedora, representa uma etapa crítica para assegurar que os dados coletados sejam relevantes e úteis para responder às hipóteses e perguntas da pesquisa. Gil (2008) destaca a importância de traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas, processo que, no caso presente, incorpora tanto perguntas fechadas quanto abertas para capturar um espectro amplo de respostas. As perguntas fechadas são fundamentais para obtenção de dados que facilitam a análise, oferecendo um retrato claro do perfil dos participantes e suas avaliações sobre aspectos específicos da oficina. Em contrapartida, as perguntas abertas permitem uma exploração mais profunda das percepções e experiências dos participantes, revelando nuances que as

respostas fechadas podem não captar.

A implementação do questionário de forma presencial foi uma escolha estratégica que buscou maximizar o engajamento dos participantes e garantir a imediaticidade das respostas. As vinte questões do questionário foram cuidadosamente projetadas para atender a diferentes objetivos: as primeiras dez focadas na caracterização dos participantes e suas percepções iniciais sobre a oficina, seguidas de perguntas abertas que buscaram desvelar aspectos mais subjetivos das experiências dos participantes, tais como a efetividade do conteúdo abordado e a integração entre teoria e prática. Esta estrutura permitiu um fluxo natural de poucas informações básicas sobre o perfil do participante para respostas mais reflexivas sobre o impacto da oficina, facilitando uma análise integrada dos dados.

Com base nas teorias educacionais de autores como Saviani (2007), que valoriza uma educação inclusiva e integral, e Frigotto (2009), que busca alinhar a educação com as necessidades concretas do mundo do trabalho, o questionário foi elaborado para não apenas medir o sucesso da oficina em termos de satisfação, mas também para entender como o programa contribui para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras essenciais. Incorporando também os insights de Cortelazzo (2016) sobre a integração tecnológica e de Aulet (2018) sobre a promoção de inovação e gestão de riscos, o questionário se posiciona como uma ferramenta multidimensional que não apenas analisa a eficácia do curso, mas também fornece dados valiosos que podem informar futuras edições da oficina e aprimorar continuamente a experiência educacional dos participantes.

6. PRODUTO EDUCACIONAL

Com base no e-Book "Gestão Empreendedora" de Carlos André de Souza Castro (2019/2020) e no livro 'Empreendedorismo Disciplinado' de Bill Aulet (2018), que forneceu a base para desmistificar crenças comuns sobre o empreendedorismo, foi desenvolvido o conteúdo da oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo". O produto educacional teve como objetivo estimular o pensamento crítico dos participantes, abordando conceitos fundamentais e desmistificando percepções comuns sobre o empreendedorismo.

A oficina incluiu uma dinâmica de grupo que promoveu o trabalho colaborativo, conforme destacado por Frigotto (1995), onde os alunos, em duplas, foram desafiados a criar um Canvas de Modelo de Negócios. Esta atividade prática é baseada no modelo apresentado em "*Value Proposition Design*" por Osterwalder et al. (2014), permitindo que os alunos apliquem conceitos teóricos em contextos práticos. A elaboração do Canvas incentiva a exploração de elementos cruciais no funcionamento de uma empresa, como proposta de valor, segmentos de clientes e canais de distribuição, promovendo uma compreensão mais profunda dos desafios e oportunidades no empreendedorismo.

A dinâmica de grupo utilizada na oficina, com foco na elaboração do Canvas de Modelo de Negócios, ilustra perfeitamente a articulação entre teoria e prática, fundamental na educação profissional e tecnológica, conforme destacado por Frigotto (2005) e Ciavatta (2005). Esta abordagem prática permite que os alunos operacionalizem conceitos teóricos em contextos reais, integrando a teoria com a prática diária do empreendedorismo. Saviani (2007) enfatiza a importância de metodologias que estimulem a construção ativa do conhecimento, uma filosofia que se reflete na atividade de elaboração do Canvas. Esta atividade não só engaja os alunos de forma interativa, mas também espelha as estratégias que Bill Aulet (2018) e Chiavenato (2010) reconhecem como cruciais para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras: criatividade, inovação e capacidade analítica.

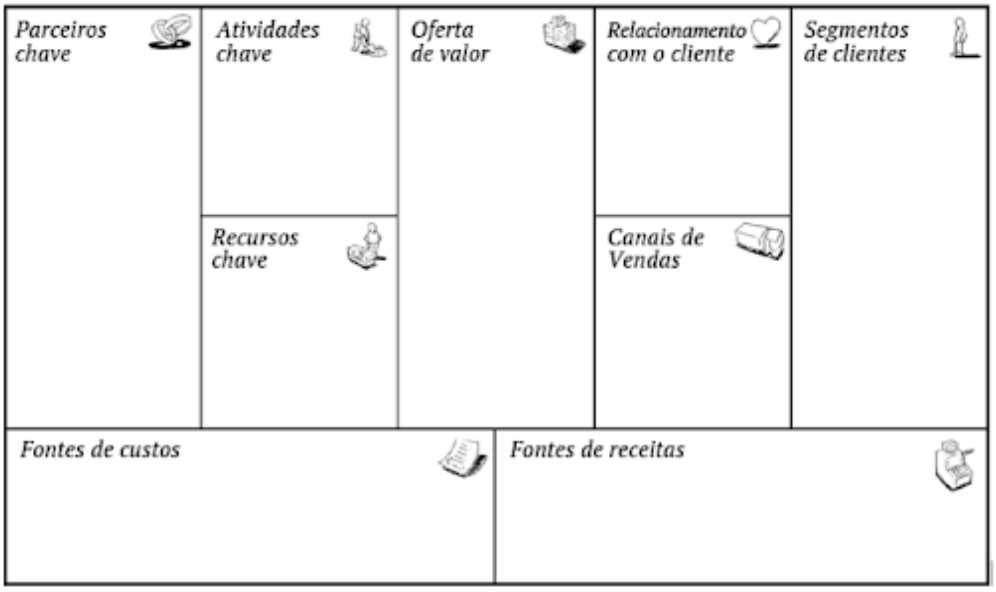
Figura 5 – Primeiro slide da oficina

Fonte: Autor da pesquisa

6.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

A aplicação do produto educacional, desenvolvido através da Oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo", foi estruturada para maximizar o impacto educacional e desenvolver habilidades empreendedoras nos participantes. O produto foi concebido para integrar práxis de maneira eficaz. Durante a oficina, os alunos foram divididos em dupla, cada qual recebendo um modelo real de uma empresa para aplicar na criação de um Canvas de Modelo de Negócios, conforme o modelo descrito por Osterwalder e Pigneur (2011) em "Business Model Generation".

Figura 6 – Canvas de Modelo de Negócios



Fonte: Autor da pesquisa

Essa atividade prática permitiu que os participantes aplicassem conceitos teóricos em um contexto real, explorando elementos essenciais como proposta de valor, segmentos de clientes e canais de distribuição. A dinâmica incentivou o trabalho colaborativo, refletindo as ideias de Frigotto (2005) sobre a importância do trabalho conjunto, e proporcionou uma experiência que promoveu a criatividade e a troca de ideias entre os alunos.

6.2 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL E RESULTADOS

Após a conclusão da atividade de preenchimento do Canvas de Modelo de Negócios, um questionário foi submetido aos alunos para capturar suas impressões e opiniões sobre a oficina. A avaliação do produto educacional, conforme as percepções dos participantes, indicou que os alunos se sentiram mais confiantes e melhor preparados para enfrentar desafios no mundo do trabalho. Eles destacaram a

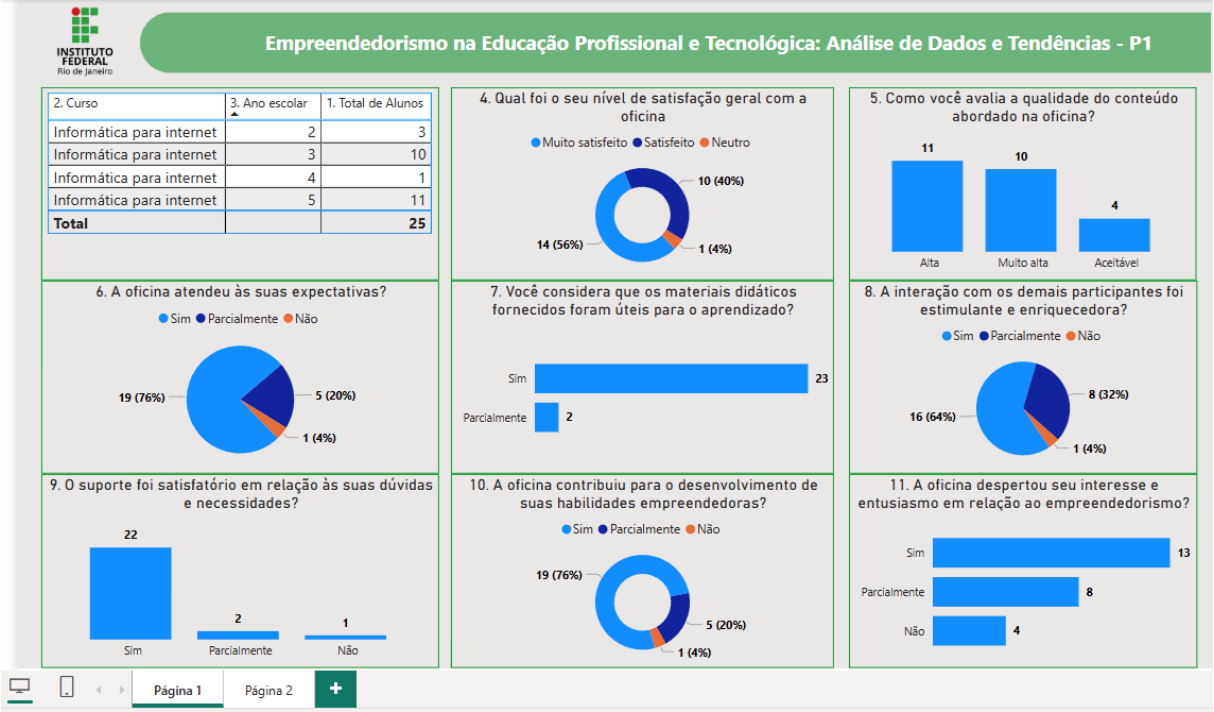
relevância do conteúdo aplicado e a abordagem prática utilizada, demonstrando o impacto positivo da oficina na formação de competências essenciais.

No contexto do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Paulo de Frontin, a oficina, sob a perspectiva de autores como Frigotto (2005) e Ciavatta (2005), representou um avanço significativo na promoção de uma educação politécnica e tecnológica. Ao permitir que os alunos vivenciassem simultaneamente a exploração conceitual e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, a oficina contribuiu para uma melhor compreensão dos princípios empreendedores e das dinâmicas de mercado reais. Essa abordagem ativa e contextualizada reforçou a capacidade criativa dos alunos e fomentou o espírito crítico, analítico e inovador, elementos essenciais para a formação de futuros profissionais alinhados com as necessidades atuais do mundo do trabalho.

Ao final da oficina, os alunos foram convidados a preencher questionários que incluíam tanto perguntas fechadas quanto abertas. As perguntas fechadas permitiram a coleta de dados sobre a satisfação geral com a oficina, a qualidade do conteúdo, e a utilidade dos materiais didáticos. As perguntas abertas, por outro lado, ofereceram insights qualitativos sobre as percepções dos participantes, permitindo que expressassem suas opiniões sobre os aspectos mais positivos da oficina e sugerissem melhorias.

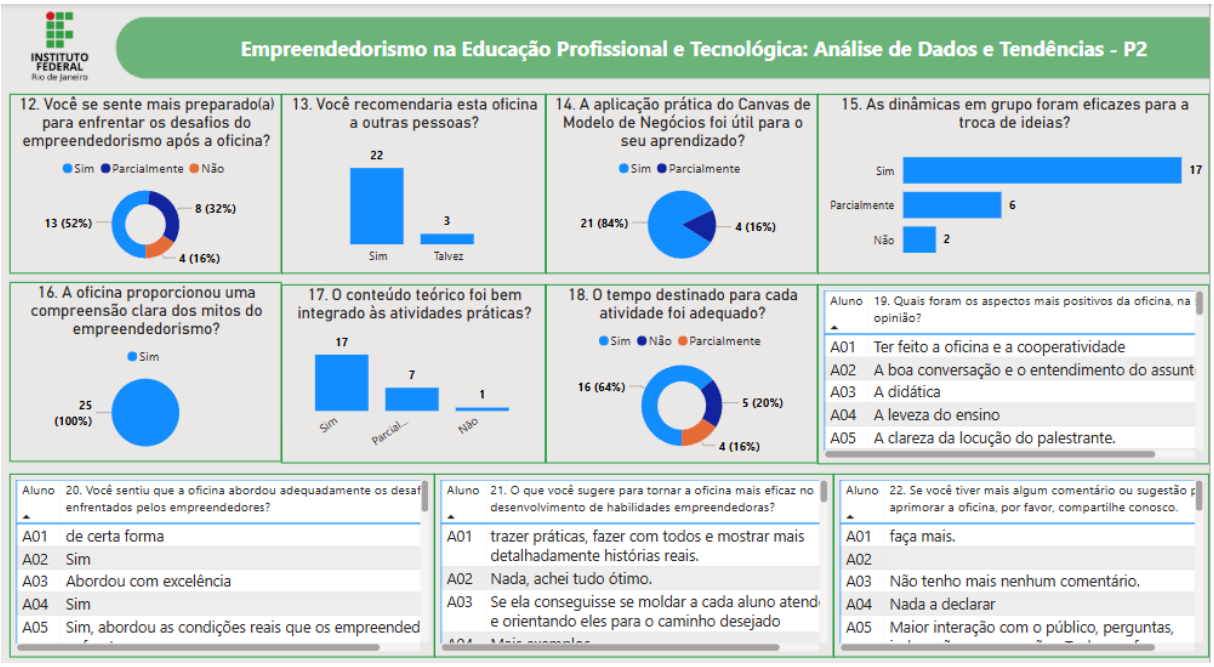
Para a análise das respostas do questionário aplicado após a oficina, utilizou-se o *Power BI*, a ferramenta possibilitou a visualização gráfica de tendências e padrões nas respostas. Fundamentando-se na abordagem proposta por Bardin (2011), que destaca a importância da categorização e sistematização dos dados para análise de conteúdo, foram criadas duas páginas analíticas no software, organizando as respostas das 22 perguntas aplicadas. Os 25 alunos participantes foram identificados de A01 a A25, em especial para as respostas abertas, o que garantiu a organização e personalização na análise qualitativa.

Figura 7 – Organização das Respostas no Power BI - Página 1



Fonte: Autor da pesquisa

Figura 8 – Organização das Respostas no Power BI - Página 2



Fonte: Autor da pesquisa

Conforme Bardin (2011), a análise de conteúdo busca interpretar informações de maneira sistemática em relação a categorias previamente definidas. Assim, na avaliação inicial da oficina realizada, foram consideradas as três primeiras perguntas

do questionário: “Nome”, usado para definir o “Total de Alunos”, o “Curso” e o “Ano escolar” dos participantes. Com base na identificação dos nomes dos alunos, apurou-se a participação de 25 alunos no total. Esses estudantes pertenciam ao curso de Informática para Internet, distribuídos pelos diferentes anos escolares: 3 alunos do 2º ano, 10 alunos do 3º ano, 1 aluno do 4º ano e 11 alunos do 5º ano.

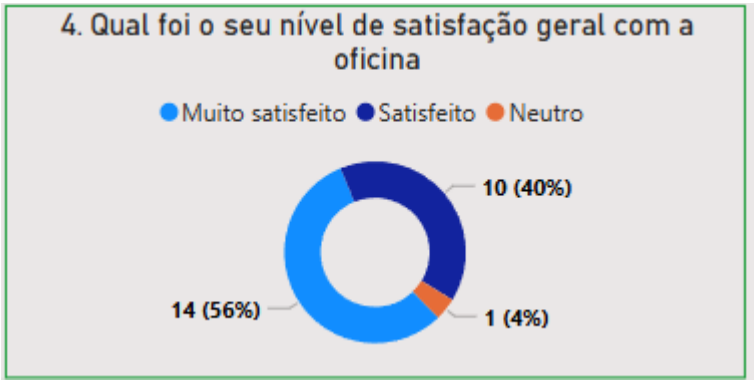
Figura 9 – Respostas das perguntas de 1 a 3 do questionário

2. Curso	3. Ano escolar	1. Total de Alunos
Informática para internet	2	3
Informática para internet	3	10
Informática para internet	4	1
Informática para internet	5	11
Total		**25**

Fonte: Autor da pesquisa.

Esses dados disponibilizados evidenciam a predominância de alunos do último ano escolar, representando 44% do total de participantes. A diversidade na distribuição entre os anos possibilitou a reflexão acerca do impacto da oficina em diferentes níveis de formação, fornecendo pistas sobre o grau de compreensão e engajamento dos participantes em relação aos temas abordados. Tais informações desempenham um papel importante na análise qualitativa dos dados, enriquecendo a avaliação do impacto da atividade em perfis variados de alunos e reforçando o compromisso com uma metodologia que articula análise prática e epistemológica.

Figura 10 – Respostas da pergunta 4 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa.

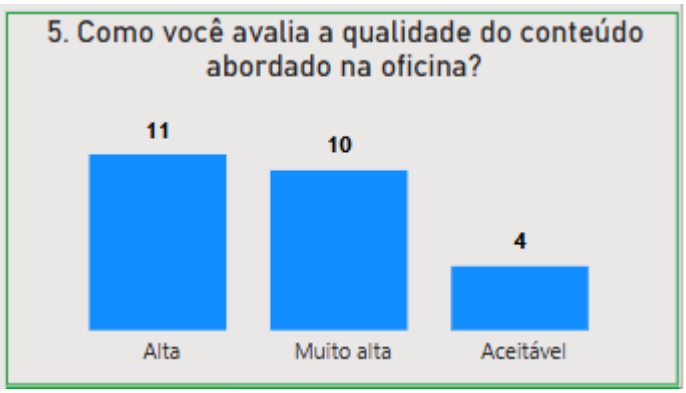
A quarta pergunta do questionário avaliou o nível de satisfação geral dos alunos com a oficina, oferecendo as opções de resposta: “Muito Insatisfeito”, “Insatisfeito”,

“Neutro”, “Satisfeito” e “Muito Satisfeito”. Os resultados demonstraram que 56% (14 alunos) declararam estar “Muito Satisfeitos”, enquanto 40% (10 alunos) classificaram-se como “Satisfeitos”, e apenas 4% (1 aluno) marcou a opção Neutro. Nenhum aluno escolheu as opções de “Muito Insatisfeito” ou “Insatisfeito”, corroborando uma percepção amplamente positiva da experiência.

Com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), a categorização clara e a sistematização dos dados permitiram identificar padrões e tendências que refletem a qualidade percebida das atividades e a relevância do conteúdo apresentado. A ausência de respostas nas categorias negativas destaca a adequação metodológica e pedagógica da oficina, alinhando-se às práticas recomendadas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Contribuindo com essa discussão, autores como Frigotto (2005) e Ciavatta (2005) defendem que uma educação politécnica deve ser pautada na integração do saber técnico-científico com experiências práticas significativas, capazes de atender às demandas dos estudantes.

Ademais, o nível elevado de satisfação registrado está intimamente vinculado à contextualização da oficina com a formação dos alunos e à sua capacidade de promover a articulação entre teoria e prática, reafirmando o papel transformador da EPT. A análise dos dados evidencia que a oficina atendeu às expectativas do público-alvo e reforça a importância de atividades pedagógicas bem estruturadas para o desenvolvimento crítico-reflexivo, essencial na formação de sujeitos mais preparados para os desafios do mundo do trabalho.

Figura 11 – Respostas da pergunta 5 do questionário.

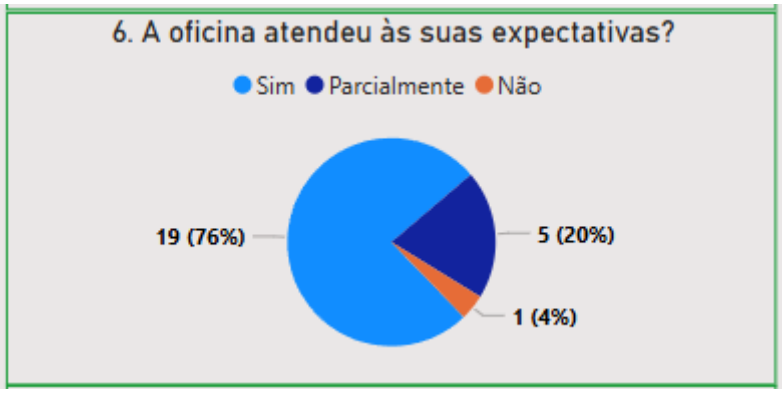


Fonte: Autor da pesquisa.

A análise das respostas à questão 5, que avaliava a qualidade do conteúdo abordado na oficina com as opções “Muito Baixa”, “Baixa”, “Aceitável”, “Alta” e “Muito

Alta”, revelou um elevado grau de aprovação. Do total de participantes, 11 alunos consideraram a qualidade “Alta”, 10 classificaram-na como “Muito Alta”, enquanto 4 avaliaram-na como “Aceitável”. As opções “Muito Baixa” e “Baixa” não foram escolhidas, evidenciando uma percepção predominantemente positiva. Esses resultados reforçam a relevância e a adequação do conteúdo à proposta metodológica, mostrando que a abordagem foi satisfatória para a grande maioria dos alunos, conforme os padrões de qualidade esperados em ações pedagógicas bem planejadas.

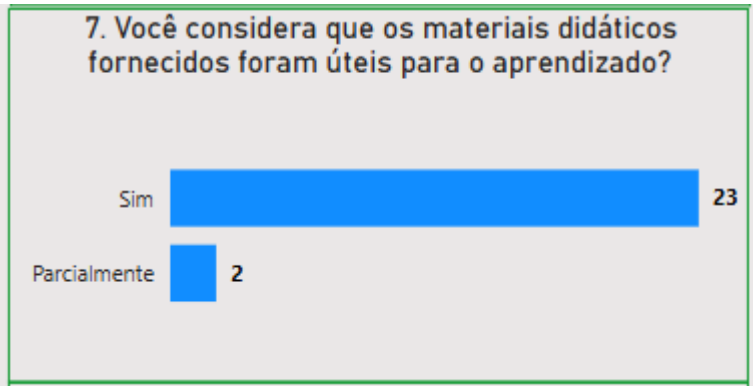
Figura 12 – Respostas da pergunta 6 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa.

A análise das respostas à questão 6, que avaliava se a oficina atendeu às expectativas dos participantes, com as opções “Sim”, “Parcialmente” e “Não”, demonstra uma aprovação predominante. Dos 25 alunos, 19 (76%) indicaram “Sim”, enquanto 5 (20%) optaram por “Parcialmente”, e apenas 1 aluno (4%) respondeu Não. Esses dados reforçam que a oficina foi amplamente eficaz para a maioria dos participantes, atendendo em grande parte às expectativas. As respostas "Sim" e "Parcialmente" sugerem que o conteúdo e a metodologia abordados foram considerados relevantes, embora áreas pontuais de aprimoramento possam ser investigadas para alcançar uma satisfação plena entre todos os alunos.

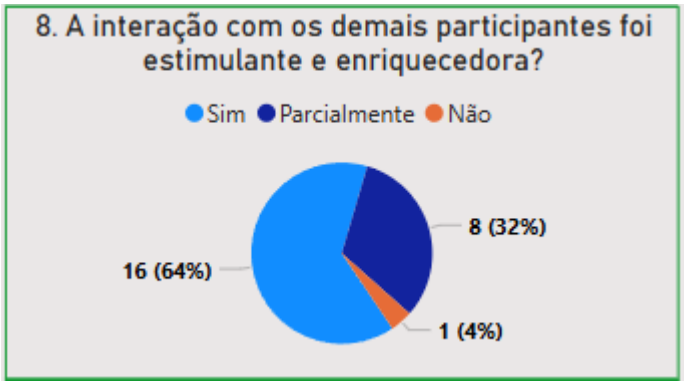
Figura 13 – Respostas da pergunta 7 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa.

A questão 7 avaliou se os materiais didáticos fornecidos na oficina foram úteis para o aprendizado dos participantes, com as opções “Sim”, “Não” e “Parcialmente”. Dos 25 alunos, 23 (92%) afirmaram “Sim”, enquanto 2 (8%) responderam “Parcialmente”, e nenhum optou pela opção “Não”. Essa predominância expressiva de respostas positivas reforça que os materiais utilizados foram amplamente considerados eficazes no apoio ao processo de aprendizagem, contribuindo para o entendimento e aplicação prática dos conteúdos, enquanto as respostas "Parcialmente" indicam possíveis ajustes que podem aprimorar ainda mais a adequação dos recursos didáticos para as atividades futuras.

Figura 14 – Respostas da pergunta 8 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa.

A análise das respostas da questão 8, que avaliou se a interação com os demais participantes foi considerada estimulante e enriquecedora, apresentou predominantemente respostas positivas. Dos 25 participantes, 16 (64%) responderam “Sim”, 8 (32%) indicaram “Parcialmente”, e apenas 1 (4%) optou por “Não”. Esses resultados apontam que a maioria dos alunos percebeu a interação como uma experiência positiva e motivadora, reforçando o papel colaborativo da oficina no

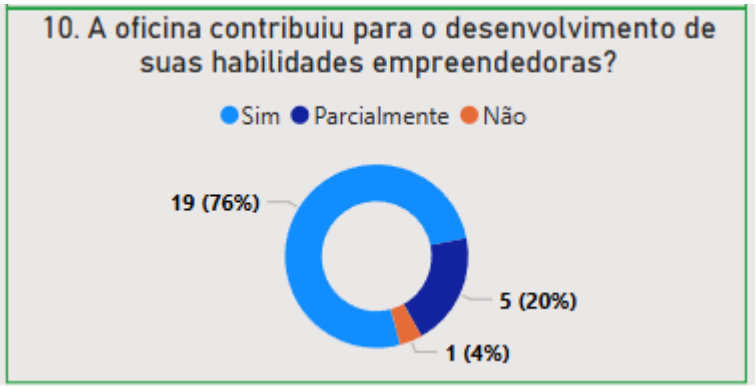
aprendizado. As respostas "Parcialmente" e "Não" indicam a necessidade de refletir sobre estratégias que possam maximizar a participação e engajamento entre os alunos para garantir uma experiência ainda mais inclusiva e significativa.

Figura 15 – Respostas da pergunta 9 do questionário.

Fonte: Autor da pesquisa.

A análise das respostas da questão 9, que avaliou se o suporte oferecido foi satisfatório em relação às dúvidas e necessidades dos alunos, revelou um índice amplamente positivo. Das 25 respostas, 22 (88%) marcaram "Sim", 2 (8%) optaram por "Parcialmente", e apenas 1 (4%) indicou "Não". Esse resultado demonstra que, na percepção majoritária dos participantes, o suporte disponibilizado atendeu às expectativas, reforçando a qualidade do acompanhamento ofertado durante a oficina. No entanto, as respostas "Parcialmente" e "Não" indicam a existência de lacunas pontuais, que devem ser consideradas para garantir um atendimento ainda mais eficaz e inclusivo em futuras atividades.

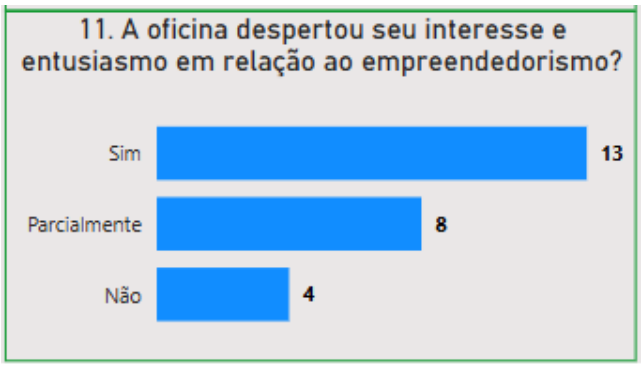
Figura 16 – Respostas da pergunta 10 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa.

A análise da questão 10, que investigou se a oficina contribuiu para o desenvolvimento das habilidades empreendedoras dos alunos, apresentou resultados muito positivos. Das respostas dos 25 participantes, 19 (76%) afirmaram "Sim", 5 (20%) indicaram "Parcialmente" e apenas 1 (4%) respondeu "Não". Esses dados refletem que a oficina cumpriu, em sua maior parte, o objetivo de promover competências empreendedoras, sendo percebida como eficaz pela grande maioria. No entanto, as respostas "Parcialmente" e "Não" apontam para a necessidade de ajustes específicos, como a inclusão de abordagens mais diversificadas ou práticas direcionadas, para atender de forma plena as expectativas de todos os participantes e aprimorar os resultados na formação de habilidades empreendedoras.

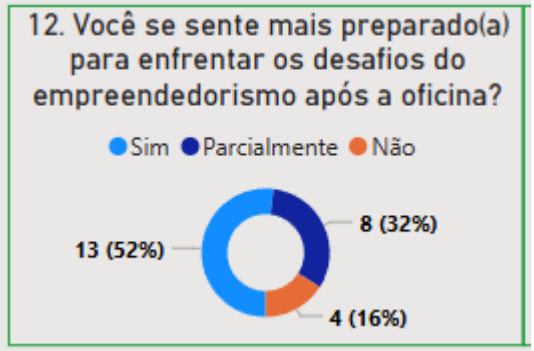
Figura 17 – Respostas da pergunta 11 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 11, que avaliou se a oficina despertou o interesse e entusiasmo dos alunos em relação ao empreendedorismo, revelou percepções diversas. Dos 25 participantes, 13 (52%) responderam "Sim", 8 (32%) indicaram "Parcialmente" e 4 (16%) escolheram "Não". A maioria considerou que a oficina foi capaz de estimular o interesse pelo tema, indicando sucesso na abordagem e nos conteúdos trabalhados. Contudo, os 48% distribuídos entre "Parcialmente" e "Não" sugerem que uma parcela significativa dos alunos não se sentiu completamente engajada, apontando para a necessidade de estratégias mais dinâmicas e personalizadas, que possam reforçar o impacto motivador e despertar maior entusiasmo em relação ao empreendedorismo.

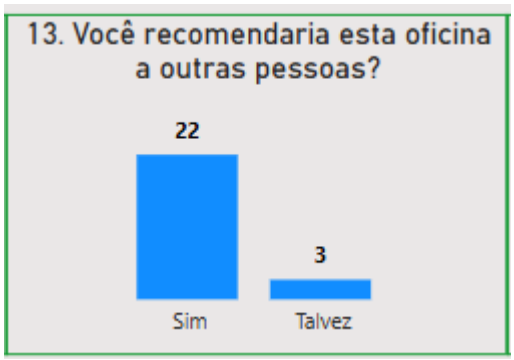
Figura 18 – Respostas da pergunta 12 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 12, que avaliou se os alunos se sentem mais preparados para enfrentar os desafios do empreendedorismo após a oficina, revelou resultados variados. Dos 25 participantes, 13 (52%) responderam "Sim", indicando que a maioria percebeu ganhos significativos em sua preparação. Outros 8 (32%) marcaram "Parcialmente", demonstrando uma percepção intermediária, enquanto 4 (16%) assinalaram "Não", apontando falta de impacto suficiente para essa parcela. Esses dados sugerem que, apesar de a oficina ter alcançado um bom nível de eficácia, é necessário desenvolver estratégias complementares para atender plenamente às necessidades de todos os alunos, especialmente aqueles que indicaram menor percepção de preparo.

Figura 19 – Respostas da pergunta 13 do questionário.

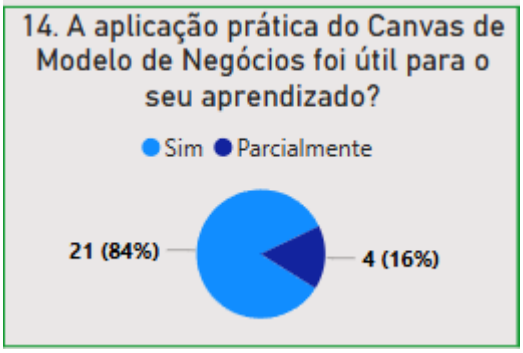


Fonte: Autor da pesquisa

A questão 13 avaliou se os participantes recomendariam a oficina a outras pessoas, apresentando as opções "Sim", "Não" e "Talvez". Dos 25 alunos, 22 (88%) responderam "Sim", reforçando a aprovação e a percepção positiva do evento. Outros

3 (12%) selecionaram "Talvez", enquanto nenhum participante optou por "Não". Esses resultados indicam que a oficina foi amplamente bem recebida, com a maior parte dos alunos considerando seu conteúdo e abordagem úteis a ponto de recomendá-la. As respostas "Talvez", embora minoritárias, podem sugerir a necessidade de investigar possíveis pontos de melhoria na condução ou adequação do material às expectativas de todos os participantes.

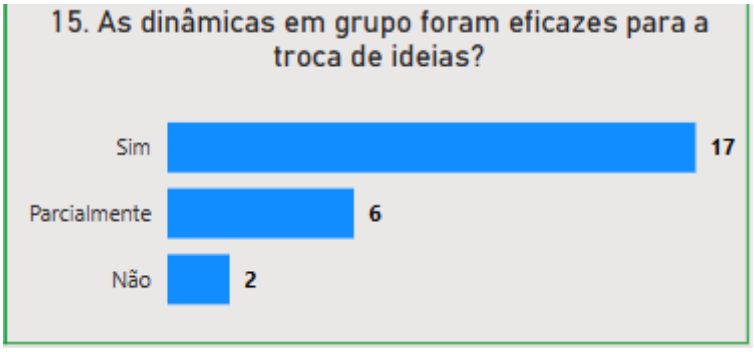
Figura 20 – Respostas da pergunta 14 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A questão 14 investigou se a aplicação prática do Canvas de Modelo de Negócios foi útil para o aprendizado dos participantes, oferecendo as opções "Sim", "Não" e "Parcialmente". Entre os 25 alunos, 21 (84%) responderam "Sim", demonstrando que a grande maioria percebeu a atividade como uma ferramenta eficaz para consolidar o aprendizado. Outros 4 (16%) marcaram "Parcialmente", enquanto a opção "Não" não foi selecionada por nenhum participante. Esses resultados evidenciam o impacto positivo da metodologia utilizada, embora as respostas "Parcialmente" indiquem oportunidades para ajustes que tornem a aplicação prática ainda mais abrangente e eficaz para todos os perfis de alunos.

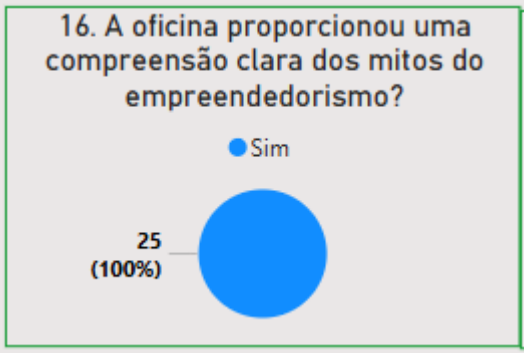
Figura 21 – Respostas da pergunta 15 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 15, que avaliou a eficácia das dinâmicas em grupo para a troca de ideias, apresentou resultados majoritariamente positivos. Entre os 25 participantes, 17 (68%) responderam "Sim", indicando que a maioria considerou a atividade eficiente para promover a interação. Outros 6 (24%) optaram por "Parcialmente", enquanto 2 (8%) marcaram "Não", revelando percepções menos favoráveis. Embora os dados indiquem sucesso geral, o número de respostas "Parcialmente" e "Não" demonstra que alguns ajustes podem ser necessários para aprimorar a interação e garantir que todos os participantes tirem proveito máximo das dinâmicas.

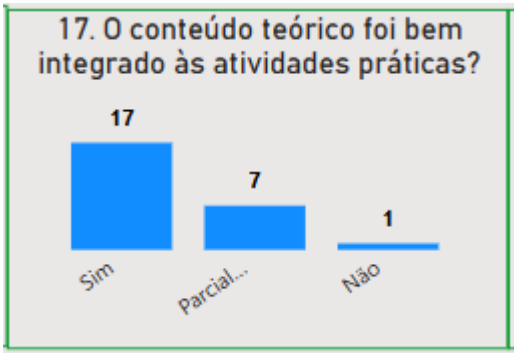
Figura 22 – Respostas da pergunta 16 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 16, que avaliou se a oficina proporcionou uma compreensão clara dos mitos do empreendedorismo, revelou unanimidade entre os participantes. Todos os 25 alunos (100%) responderam "Sim", indicando que o conteúdo abordado foi totalmente eficaz para esclarecer o tema. A ausência de respostas "Não" ou "Parcialmente" demonstra que a oficina atendeu plenamente às expectativas, evidenciando a qualidade das explicações e a clareza das informações apresentadas. Esses resultados destacam o sucesso absoluto dessa abordagem.

Figura 23 – Respostas da pergunta 17 do questionário.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 17, que avaliou se o conteúdo teórico foi bem integrado às atividades práticas, apresentou resultados majoritariamente positivos. Dos 25 participantes, 17 (68%) responderam "Sim", confirmando que a maioria percebeu uma boa conexão entre teoria e prática. Outros 7 (28%) marcaram "Parcialmente", enquanto apenas 1 participante (4%) respondeu "Não". Esses dados indicam um alto nível de satisfação, mas também sugerem que melhorias pontuais podem ser implementadas para garantir uma integração ainda mais consistente e eficaz.

Figura 24 – Respostas da pergunta 18 do questionário

Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 18, que avaliou se o tempo destinado para cada atividade foi adequado, apresentou resultados variados. Dos 25 participantes, 16 (64%) responderam "Sim", destacando que a maioria considerou o tempo satisfatório. Outros 5 (20%) optaram por "Parcialmente", enquanto 4 (16%) responderam "Não", indicando que uma parcela considerou o tempo insuficiente ou excessivo em determinados momentos. Esses dados refletem um desempenho positivo geral, mas apontam para possíveis ajustes na alocação de tempo para atender melhor às expectativas de todos os alunos.

Figura 25 – Respostas da pergunta 19 do questionário.

Aluno	19. Quais foram os aspectos mais positivos da oficina, na sua opinião?
A01	Ter feito a oficina e a cooperatividade
A02	A boa conversação e o entendimento do assunto.
A03	A didática
A04	A leveza do ensino
A05	A clareza da locução do palestrante.
A06	Os temas bem produzidos e interessantes.
A07	A clareza nas explicações.
A08	O uso de slides e exemplos práticos unidos a teoria para consolidar, reforçar e fixar os conteúdos previamente apresentados.
A09	A tecnologia abordada e o excelente professor.
A10	O professor falou de forma clara. Deu pra entender tudo direitinho.
A11	Bem conceitual e didático, trouxe a nós uma ótima visão ampla para o entendimento e motivação para conhecer mais sobre o empreendedorismo
A12	A didática e dinâmicas
A13	A interação do palestrante com o público (nesse caso, os estudantes) e as atividades práticas. Fora a desmistificação dos mitos relacionados ao empreendedoris
A14	foi bem didático
A15	A apresentação.
A16	Palestra e atividade
A17	A dinâmica foi ótima
A18	Conhecimento.
A19	O incentivo ao trabalho em grupo
A20	O conhecimento abordado e o conteúdo teórico.
A21	A proposta de atividades práticas
A22	O conteúdo didático fornecido.
A23	Todos
A24	A fala clara e a abordagem
A25	Canvas

Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à questão 19, que indaga sobre os aspectos mais positivos da oficina, revela um conjunto de percepções que reforçam a eficácia do evento em abordar conteúdos relacionados ao empreendedorismo e ao desenvolvimento das habilidades dos participantes. Utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), é possível identificar categorias recorrentes, como a didática do palestrante, a clareza nas explicações, a integração teoria-prática, a abordagem dos conteúdos e a motivação proporcionada pelas dinâmicas. Essas categorias refletem diferentes dimensões da oficina, sendo importantes tanto para validar os pontos fortes do projeto quanto para formular melhorias.

As respostas de A03, A05, A07, A10, A12, e A14 destacam a didática e clareza do palestrante como um dos principais pontos positivos, reforçando que a forma como os conteúdos foram apresentados teve um impacto significativo no aprendizado. Para A03 e A12, a "didática e dinâmicas" foram cruciais, enquanto A07 enfatiza a clareza das explicações. Essas percepções estão em consonância com os estudos de Paulo Freire (1996), que ressaltam a importância de uma prática pedagógica que seja acessível, dialógica e mediadora para facilitar a construção do conhecimento. Nesse contexto, o papel do professor foi determinante para a compreensão e engajamento dos participantes.

Alunos como A08 e A20 reconhecem a integração da teoria na prática como um aspecto central da oficina. A08 elogia o uso de slides e exemplos práticos para reforçar o conteúdo teórico, uma abordagem que está alinhada com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), conforme Frigotto (2005), ao defender que a tecnologia e a prática devem ser integradas ao ensino para contextualizar a aprendizagem e torná-la significativa. Essa interação também é destacada por A13, que expõe como a interação do palestrante com os participantes e as atividades práticas ajudaram a desmistificar conteúdos complexos, como os mitos do empreendedorismo.

Participantes como A01 e A19 destacaram a motivação proporcionada pela oficina, citando a cooperação e o incentivo ao trabalho em grupo como pontos importantes. Essa perspectiva pode ser analisada à luz das teorias de empreendedorismo de Dornelas (2016), que enfatizam a relevância do trabalho colaborativo no desenvolvimento das competências empreendedoras, necessárias para o mercado atual. Ao promover atividades cooperativas, a oficina se alinha com práticas que favorecem não apenas o aprendizado, mas também o fortalecimento de relações interpessoais.

A tecnologia também teve um papel central, conforme observado por A09, que enfatiza a "tecnologia abordada e o excelente professor". A utilização de ferramentas tecnológicas na educação é fundamental para aproximar os alunos da realidade prática, como discutido por Moran (2013). Prover exemplos concretos, como a aplicação do Canvas citada por A25, auxilia os participantes a visualizarem de forma prática os conceitos apresentados, consolidando o entendimento.

É interessante observar que alguns alunos, como A23, sintetizam a experiência de forma completa, declarando que a oficina como um todo foi positiva. Palavras como "dinâmicas ótimas" (A17) e "conteúdo didático sólido" (A22) reiteram o sucesso do evento. Contudo, o detalhamento das respostas aponta que os aspectos humanos, tecnológicos e metodológicos foram os pilares da percepção de sucesso. Isso está em conformidade com os princípios da EPT, que visam integrar competências técnicas e humanas em uma formação crítica e transformadora.

É notório, com base nessa primeira pergunta aberta, que as respostas às perguntas refletem uma oficina bem-sucedida, com ênfase na clareza didática, integração prática-teórica e motivação proporcionada aos alunos. A análise pautada em Bardin evidencia que a clareza, a interação e a contextualização prática do conteúdo são elementos centrais para resultados positivos. Essas informações podem

orientar futuras ações, reafirmando o sucesso das abordagens empregadas e identificando oportunidades para aprimorar ainda mais as experiências educacionais oferecidas.

Figura 26 – Respostas da pergunta 19 do questionário.

Aluno	20. Você sentiu que a oficina abordou adequadamente os desafios enfrentados pelos empreendedores?
A01	de certa forma
A02	Sim
A03	Abordou com excelência
A04	Sim
A05	Sim, abordou as condições reais que os empreendedores enfrentam.
A06	De forma excelente.
A07	Sim.
A08	Sim, senti.
A09	Sim
A10	Sim.
A11	Sim
A12	Acredito que sim
A13	Sim, com certeza.
A14	Sim
A15	Sim
A16	Sim
A17	Sim
A18	Sim
A19	Sim
A20	Sim.
A21	Sim
A22	Sim.
A23	Sim
A24	Sim!
A25	Sim

Fonte: Autor da pesquisa

As respostas à questão 20 mostram muita satisfação dos participantes, com a maioria afirmando de forma clara que a oficina abordou adequadamente os desafios enfrentados pelos empreendedores. Dos 25 alunos, 23 responderam "Sim", incluindo variações como "Sim, com certeza" (A13) e "Sim, senti" (A08). Isso indica uma percepção consistente de que o conteúdo abordou temas relevantes e foi útil para o entendimento das complexidades do empreendedorismo.

Outras respostas, como "Abordou com excelência" (A03) e "Abordou as condições reais que os empreendedores enfrentam" (A05), trazem nuances importantes: a percepção de uma abordagem de qualidade e a relevância do conteúdo para os desafios práticos do empreendedorismo. Segundo Bardin (2011), a identificação de padrões e categorias nas respostas é fundamental para validar dados

qualitativos, e essas respostas sugerem que a conexão com a prática foi um diferencial percebido positivamente.

Duas respostas, "De certa forma" (A01) e "Acredito que sim" (A12), apresentam percepções mais cautelosas. Essas observações podem indicar uma visão menos clara ou expectativas parcialmente atendidas. Conforme Bardin, as variações nas respostas devem ser analisadas para identificar possíveis lacunas ou aspectos de melhoria que possam ter influenciado a experiência de forma individual.

No geral, a repetição predominante da resposta "Sim" demonstra que a oficina alcançou seu objetivo principal, mas as respostas qualitativas também destacam a importância da contextualização prática e do aprofundamento teórico, elementos essenciais para qualquer iniciativa educacional voltada à realidade do empreendedorismo.

Figura 27 – Respostas da pergunta 21 do questionário.

Aluno	21. O que você sugere para tornar a oficina mais eficaz no desenvolvimento de habilidades empreendedoras?
A02	Nada, achei tudo ótimo.
A06	Já está ótima.
A07	uso de microfone para mais clareza.
A09	Sim
A11	Uma dinâmica de construção de um projeto empreendedor, utilizando os conceitos abordados e o planejamento.
A12	
A13	
A14	uma abordagem maior com os participantes
A16	Nenhuma sugestão
A17	
A18	
A19	talvez uma interação maior com os alunos
A20	Atividades práticas que ajudem a prender o interesse.
A21	A proposta de mais interação entre os participantes e o conteúdo explicado
A22	Melhor distribuição de tempo entre o conteúdo teórico e a dinâmica.
A23	
A25	Trazes mais exemplos da vida, análise e decisões das companhias para mostrar e explicar melhor os conceitos

Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à pergunta 21 sobre sugestões para tornar a oficina mais eficaz no desenvolvimento de habilidades empreendedoras evidencia a percepção diversificada dos participantes, tanto em termos de recomendações específicas quanto na ausência de sugestões (respostas em branco ou “Nada”). A seguir, os pontos foram categorizados e analisados com base nos princípios da Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

As respostas de A01, A04, A05, e A25 enfatizam a necessidade de maior utilização de exemplos práticos e realistas. A01 sugere “trazer práticas” e detalhar

histórias reais, enquanto A05 solicita o uso de “exemplos verídicos de táticas” que refletem a aplicação de conhecimentos em situações reais. A25 complementa sugerindo a análise de decisões empresariais para demonstrar melhor os conceitos. Essa preocupação com a prática está em linha com Dornelas (2016), que argumenta que exemplos concretos e alinhados à realidade do empreendedor ajudam a consolidar o processo formativo.

Participantes como A02, A06 e A08 consideram a oficina já adequada, com comentários como “Nada, achei tudo ótimo” (A02) e “Já está ótima” (A06). Essa satisfação é uma validação do método já utilizado, indicando que grande parte dos participantes considerou a estrutura e os conteúdos da oficina alinhados às suas necessidades e expectativas.

A07 destacou a necessidade de “uso de microfone para mais clareza”, sugerindo que ajustes na comunicação poderiam otimizar a experiência. Além disso, ao invés de criticar diretamente os conteúdos, essa resposta traz atenção para os fatores logísticos, confirmando que pequenos detalhes operacionais também impactam a percepção do evento.

Alunos como A14, A18 e A21 reforçam a importância da interação, pedindo maior envolvimento dos participantes. A14 sugere “uma abordagem maior com os participantes” e A18 menciona “talvez uma interação maior com os alunos”. Esse ponto está relacionado com a perspectiva de colaboração e aprendizado de Freire (1996), que defende a troca como uma ferramenta essencial no processo formativo.

A07, A10 e A22 mencionam preocupações relacionadas ao manejo e distribuição do tempo. A10 enfatiza que seria importante realizar as atividades “sem pressa”, enquanto A22 sugere uma “melhor distribuição de tempo entre o conteúdo teórico e a dinâmica”. Essas respostas indicam a necessidade de ajustes no planejamento do cronograma da oficina para equilibrar todos os componentes sem causar sobrecarga.

A11 sugere a introdução de uma “dinâmica de construção de um projeto empreendedor”, conectando os conceitos teóricos abordados à prática do planejamento e execução, ponto fortemente defendido por autores da área, como Chiavenato (2008), que ressaltam a importância de alinhar teoria ao contexto prático como forma de aprendizado transformador.

Por fim, respostas em branco ou aquelas que indicam “nenhuma sugestão” (A16) também são significativas dentro da Análise de Conteúdo, como pontua Bardin

(2011). Essa ausência pode indicar tanto satisfação plena quanto desengajamento com o questionamento, o que merece investigação mais aprofundada.

De forma geral, as respostas destacam um balanço positivo sobre os métodos empregados na oficina, com sugestões pontuais relacionadas à ampliação de práticas reais, ajustes logísticos e maior interação. Essa análise revela um alinhamento entre as expectativas dos participantes e os princípios da Educação Profissional e Tecnológica, reforçando a eficácia geral da oficina e apontando caminhos para aperfeiçoamento contínuo.

Figura 28 – Respostas da pergunta 22 do questionário.

Aluno	22. Se você tiver mais algum comentário ou sugestão para aprimorar a oficina, por favor, compartilhe conosco.
A01	faça mais.
A02	
A03	Não tenho mais nenhum comentário.
A04	Nada a declarar
A05	Maior interação com o público, perguntas, indagações, provocações. Tudo que faça o ouvinte se sentir mais parte do que está sendo dito.
A06	
A07	
A08	Nada a declarar.
A09	
A10	👍
A11	
A12	
A13	
A14	
A15	Muito interessante.
A16	
A17	
A18	
A19	
A20	
A21	
A22	
A23	
A24	
A25	

Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas à pergunta 22, as respostas à questão aberta revelaram diferentes níveis de engajamento e sugestões para melhorias da oficina. Utilizando a proposta de Bardin (2011), que enfatiza a categorização das respostas, podemos identificar elementos importantes para aprimorar a percepção dos participantes sobre o evento.

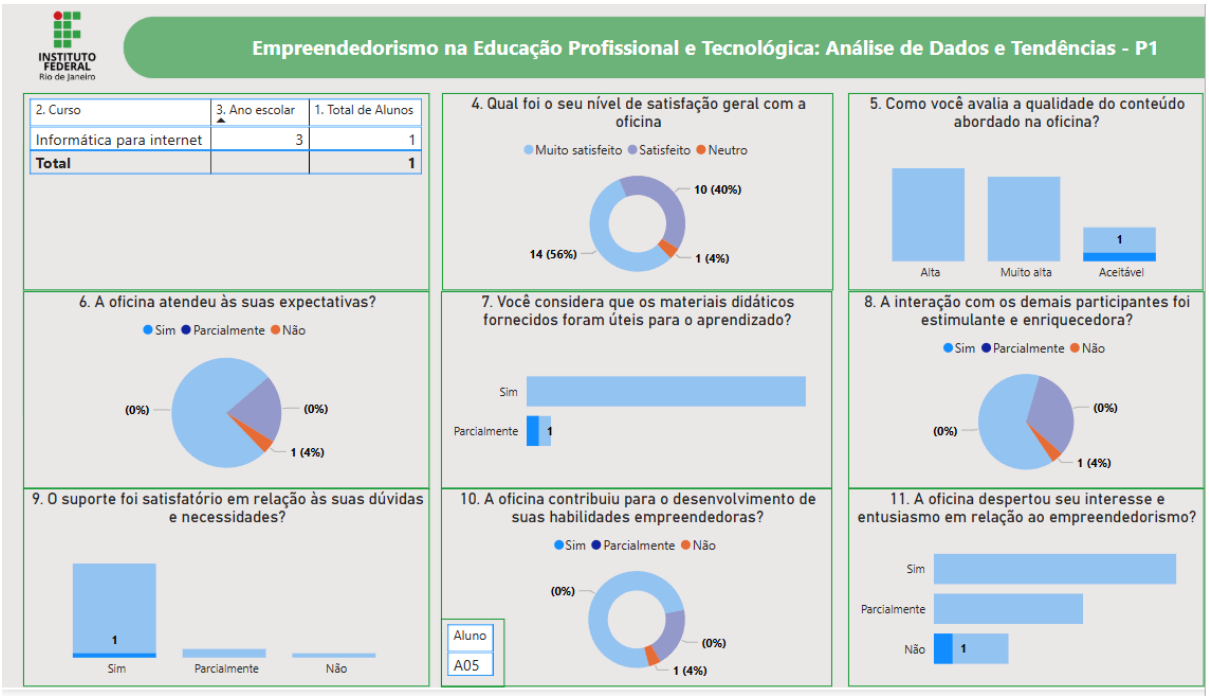
A05 trouxe uma contribuição significativa ao sugerir “maior interação com o público, perguntas, indagações, provocações”. De acordo com Freire (1996), esse comentário reflete a importância de um modelo mais participativo, que priorizam a construção do conhecimento por meio do diálogo e do envolvimento ativo. Isso

também confirma a relevância da interação no aprendizado, conforme destacado em abordagens educacionais contemporâneas.

Respostas como a de A10, um emoji de polegar para cima, e a de A15, que classificou a oficina como “Muito interessante”, demonstram satisfação geral com o conteúdo e a metodologia empregados. Esses insights qualitativos funcionam como validação do sucesso da oficina, afirmando que os objetivos principais foram alcançados para grande parte do público.

Para alguns alunos, como A03, A04 e A08, a resposta “Nada a declarar” indica um ponto neutro. De acordo com Bardin (2011), a ausência de respostas também é um dado relevante que pode representar tanto satisfação plena quanto desinteresse em aprofundar a reflexão solicitada. A análise dessa ausência deve considerar o contexto de que a pergunta não era obrigatória, o que reduz a pressão para fornecer feedback detalhado.

Figura 29 – Análise do painel das respostas de A05 na página 1.



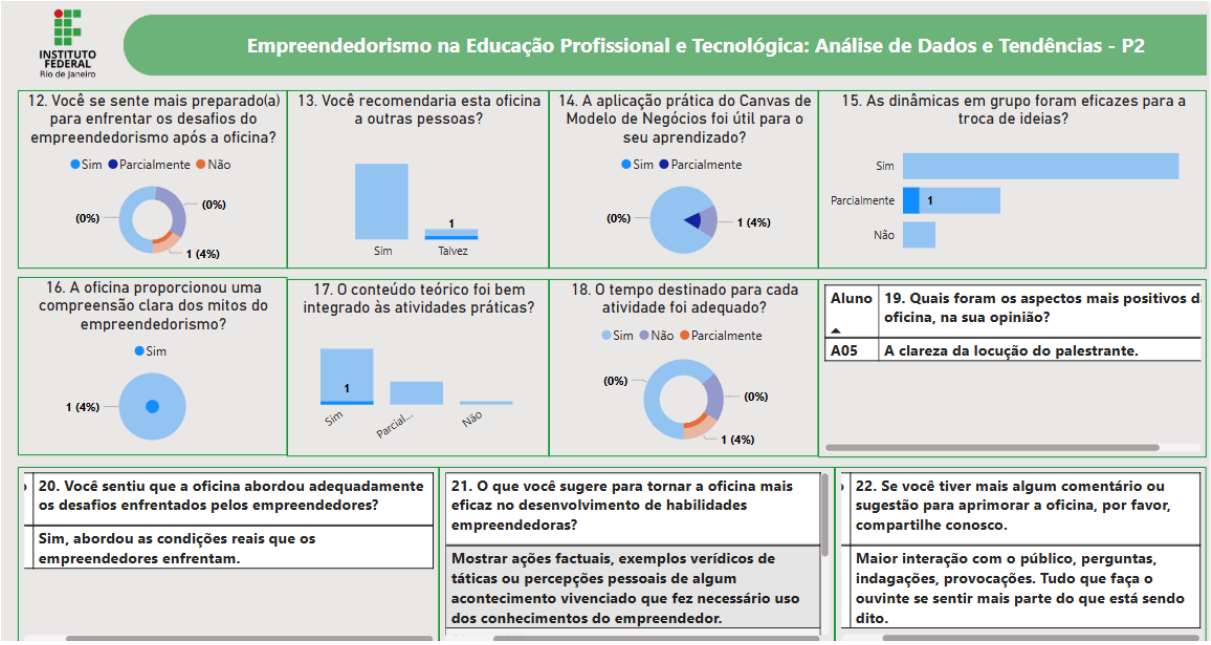
Fonte: Autor da pesquisa

Após a análise dos dados referentes à página 1 do painel da análise das respostas (*BI*), foi possível identificar que, embora a maioria das respostas tenha sido positiva, as respostas negativas ficaram concentradas no aluno A05, do terceiro período do curso de Informática para Internet. Este participante foi responsável pelas

únicas escolhas nas categorias "Neutro" (questão 4), "Aceitável" (questão 5), "Parcialmente" (questão 7) e "Não" (questão 11). Essa peculiaridade reflete uma visão mais crítica ou uma possível desconexão do aluno com os objetivos e dinâmicas da oficina, o que pode ser interpretado dentro da análise de Bardin (2011) como um ponto outlier que merece atenção para ajustes futuros.

Esses dados revelam a importância de considerar perspectivas individuais no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como destacam teóricos como Frigotto (2005), ao apontar que a contextualização do ensino deve atender não apenas ao coletivo, mas também à diversidade de percepções individuais. A identificação das respostas de A05 sugere a necessidade de investigar fatores internos ou externos que possam ter influenciado sua avaliação, contribuindo para melhorias que ampliem a inclusão pedagógica e a adesão de diferentes perfis de alunos em oficinas futuras.

Figura 30 – Análise do painel das respostas de A05 na página 2.



Fonte: Autor da pesquisa

A análise das respostas apresentadas pelo aluno A05 na página 2 do painel da análise das respostas (*BI*), destaca pontos relevantes sobre a oficina, especialmente no que diz respeito à clareza da comunicação e sugestões de melhorias. Na questão 19, A05 valoriza “a clareza da locução do palestrante” como o aspecto mais positivo. Esse comentário enfatiza a importância de uma comunicação clara e acessível no

processo educativo, alinhando-se às ideias de Freire (1996), que ressalta o papel do diálogo e da linguagem como mediadores do aprendizado. A clareza na apresentação dos conteúdos reforça o êxito da oficina em transmitir informações de maneira eficaz e compreensível.

Na questão 21, A05 sugere “mostrar ações factuais, exemplos verídicos de táticas ou percepções pessoais de algum acontecimento vivenciado”. Essa recomendação reflete o desejo por uma maior integração entre teoria e prática, apontando para a necessidade de casos reais que tornem os aprendizados mais concretos. Conforme Bardin (2011), esse tipo de análise revela uma categoria central: a contextualização prática como ponto-chave para a internalização do conhecimento. Além disso, Frigotto (2005), enfatiza que a integração entre teoria e prática, através da conexão com a realidade do mundo do trabalho, amplifica o impacto pedagógico e torna a aprendizagem mais significativa., enquanto Dornelas (2016) reforça que trazer exemplos de empreendedorismo vivenciado cria uma ponte entre o aprendizado teórico e sua aplicação prática. Essas contribuições são valiosas para otimizar futuras edições da oficina.

Esses dados revelam a importância de considerar perspectivas individuais no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como destacam teóricos como Frigotto (2005), ao apontar que a contextualização do ensino deve atender não apenas ao coletivo, mas também à diversidade de percepções individuais. A identificação das respostas de A05 sugere a necessidade de investigar fatores internos ou externos que possam ter influenciado sua avaliação, contribuindo para melhorias que ampliem a inclusão pedagógica e a adesão de diferentes perfis de alunos nas próximas oficinas.

A análise das respostas abertas revela diferentes dimensões sobre a eficácia da oficina, apresentando uma rica variedade de perspectivas que podem ser organizadas e interpretadas usando a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Categorizando essas respostas, podemos destacar seis categorias principais: Clareza na Comunicação, Integração Teoria-Prática, Interatividade e Participação, Exemplificação e Casos Reais, Logística e Estrutura, e Satisfação Geral.

A análise categórica, baseada em Bardin (2011) e complementada por autores de referência na EPT e no empreendedorismo, revela que, embora a oficina tenha sido bem-sucedida em muitos aspectos, há áreas identificáveis de desenvolvimento que poderiam melhorar ainda mais a experiência e o aprendizado dos participantes.

Essa reflexão crítica serve como um guia valioso para o planejamento de futuras iniciativas educacionais empreendedoras.

A avaliação do produto educacional, embasada nas respostas coletadas e analisadas através da metodologia de conteúdo de Bardin (2011), demonstra um resultado muito positivo, embora nuanças críticas tenham emergido, ilustrando áreas de potencial aperfeiçoamento. Este feedback reflete tanto no sucesso quanto nas limitações percebidas pelos participantes em relação à oficina, permitindo uma avaliação rica e multifacetada.

Primeiramente, a clareza na comunicação dos conteúdos, destacada por muitos alunos, sugere uma eficácia significativa na apresentação dos temas, alinhando-se à proposta de Saviani (2007) de que o ato educativo deve ser um processo dialógico e claro para promover melhores resultados. A habilidade do palestrante em articular bem o conteúdo reflete um ponto forte do produto educacional, consolidando o entendimento teórico de forma acessível e significativa.

A demanda por uma maior integração entre teoria e prática revela a importância de contextualizar o saber acadêmico com a realidade prática do empreendedorismo, conforme apontado por Frigotto e Ciavatta (2005). Esses autores, juntamente com Dornelas (2016), reforçam que a aproximação dos conteúdos educacionais com o cotidiano prático dos aprendizes é fundamental para uma formação eficaz e transformadora. No âmbito do empreendedorismo, a aplicação de casos reais e a simulação de cenários concretos são elementos chave para preencher a lacuna entre a teoria apreendida e sua aplicabilidade.

Finalmente, as avaliações positivas sem sugestões adicionais confirmam a eficácia global do produto educacional, validando as abordagens pedagógicas utilizadas e destacando a satisfação dos participantes. Contudo, seguir aprimorando as áreas identificadas pode elevar a eficácia das futuras oficinas, garantindo que elas não apenas atendam, mas também superem as expectativas dos participantes.

Em conclusão, a análise de Bardin (2011) e as contribuições de Frigotto (2005), Ciavatta (2005) e Saviani (2007) sobre a educação oferecem bases sólidas para reconhecer tanto as conquistas quanto as oportunidades de melhoria no produto educacional. No contexto do empreendedorismo, essa avaliação contínua se alinha com as perspectivas de autores como Dornelas (2016) e Aulet (2018), que enfatizam a importância da adaptação constante e da busca por inovação no ensino empreendedor. Ao integrar as visões da EPT com as práticas do empreendedorismo,

garante-se que o ensino seja sempre relevante e impactante, preparando os alunos para os desafios dinâmicos do mercado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A mudança nos desinstala, nos tira da nossa zona de conforto e nos força a fazer as coisas de modo diferente, o que é difícil. Quando nossas ideias são desafiadas, somos forçados a repensar nossa posição, e isso é sempre desconfortável. E por isso que, em vez de refletir sobre seus comportamentos e enfrentar a árdua tarefa de mudar seus paradigmas, muitos se contentam em permanecer para sempre paralisados em seus pequenos trilhos. (HUNTER, 2006, p. 86).

Este trabalho se propôs a estimular o desenvolvimento da educação empreendedora nos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Paulo de Frontin, contribuindo para a formação integral dos alunos e preparando-os para o mundo do trabalho. A proposta central foi integrar o empreendedorismo como competência essencial, visando suprir a lacuna existente entre o ensino tradicional e as demandas dinâmicas do mercado. A oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo" representou um ponto focal dessa investigação, demonstrando o poder transformador da combinação entre teoria e prática na percepção dos alunos sobre o empreendedorismo. Alinhado com a visão de autores como Aulet (2018) e Dolabela (2008), o estudo reafirma a necessidade de um ensino dinâmico e adaptativo, que ofereça aos alunos as ferramentas necessárias para navegar em um cenário global em constante evolução.

Em consonância com os objetivos delineados no início desta pesquisa, o trabalho apresentado buscou estimular o desenvolvimento da educação empreendedora nos cursos técnicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Paulo de Frontin, contribuindo para uma formação omnilateral dos alunos e preparando-os para atuar no mundo do trabalho, utilizando as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Para tanto, identificamos as principais habilidades empreendedoras a serem desenvolvidas para a elaboração de projetos, possibilitamos ambiências formativas para que os discentes desenvolvessem habilidades e compartilhassem ideias, desenvolvemos uma oficina de curta duração sobre empreendedorismo e avaliamos a efetividade da proposta da oficina quando aplicada a estudantes de um curso Técnico. Através da análise dos dados coletados e da reflexão sobre as experiências vivenciadas, vimos que os objetivos propostos foram alcançados, validando a importância da educação empreendedora como ferramenta para a formação de cidadãos mais preparados para os desafios do século XXI.

Os resultados obtidos na oficina reforçam a importância de considerar a educação empreendedora, sendo de formação integral que busca desenvolver habilidades e pensamento crítico, preparando os alunos para atuarem de forma autônoma e transformadora no mundo do trabalho, conforme defendido por autores como Frigotto (2009), Ciavatta (2005) e Saviani (2007).

Nesse sentido, valorizar habilidades práticas, a promoção da colaboração e o incentivo à inovação se apresentam como elementos cruciais para o sucesso de iniciativas semelhantes. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, reforçou a importância das ações didáticas do professor como mediador do processo de aprendizagem. Um caso real compartilhado durante a oficina, relatando a experiência de um ex-aluno que transformou as lições de empreendedorismo em um negócio de sucesso durante a pandemia, ilustrou de forma vívida como o conhecimento teórico pode ser aplicado para superar desafios e gerar valor, em linha com a visão de Saviani (2007) sobre a influência dos processos interacionais na formação.

A experiência de ministrar a oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo" proporcionou insights sobre o papel do mediador no processo de aprendizagem. Acreditamos que o mediador deve ser visto como um facilitador, responsável por acompanhar, instigar, motivar e direcionar o grupo, promovendo a construção coletiva do conhecimento e incentivando a autonomia dos alunos. Em consonância com essa visão, é fundamental a investigação e o oferecimento de formação continuada para os professores que atuam na EPT, a fim de que possam estabelecer uma relação consistente entre o "saber" e o "saber fazer" com base na "reflexão da ação" e "sobre a ação", possibilitando a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de transformar a realidade social (SCHON, 2000).

A análise dos resultados, em diálogo com a literatura sobre os desafios da EPT, revelou uma tensão inerente à integração do empreendedorismo no ensino técnico. Embora a pesquisa de Silva e Schimiguel (2018) ressalta a capacidade da EPT de reunir diferentes recursos e oferecer formação e vivência prática. A análise das respostas dos participantes, juntamente com as reflexões de autores como Antunes (2018), que discute a precarização do trabalho e a exclusão social no capitalismo contemporâneo, alertou para a resistência de alguns teóricos da EPT em relação ao empreendedorismo, visto por vezes como ferramenta de exploração da "mais-valia" e aprofundamento das desigualdades sociais.

Essa ambivalência, no entanto, pode ser superada se o empreendedorismo

for entendido como educação empreendedora, sendo aplicado como um processo formativo que, ao promover a inclusão social e o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, capacita os alunos a transformarem suas realidades e a construírem alternativas ao modelo de trabalho, em vez de simplesmente reproduzi-lo. Nesse sentido, futuras iniciativas devem buscar promover a inclusão e a equidade, garantindo que os alunos, tenham acesso igualitário às ferramentas e ao apoio necessários para desenvolverem suas habilidades e se tornarem agentes de transformação social, e não meras engrenagens de um sistema capitalista.

Com base nas recomendações para futuras edições da oficina, a profundidade dos temas abordados e o engajamento dos alunos indicam que uma carga horária ampliada permitiria uma maior exploração e internalização dos conceitos. Além disso, seria interessante incluir atividades que promovam o networking com empreendedores experientes e a aplicação dos conhecimentos em projetos práticos.

Para expandir essa linha de pesquisa, sugere-se a realização de estudos que investiguem a eficácia de diferentes metodologias de ensino na educação empreendedora, comparando abordagens ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e a simulação de negócios, com métodos mais tradicionais. Outras possibilidades incluem a análise do impacto de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo nas instituições de ensino, bem como a investigação das competências empreendedoras mais relevantes para o sucesso profissional no contexto da Indústria 4.0, também conhecida como a Quarta Revolução Industrial, sendo à transformação digital da indústria. Adicionalmente, estudos que explorem a relação entre a educação empreendedora e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como resiliência, inteligência emocional e capacidade de colaboração, poderiam trazer valiosas contribuições para a área.

Em suma, a oficina "Mitos e Desafios do Empreendedorismo" superou as expectativas ao propiciar um ambiente de aprendizado reflexivo e dinâmico. Ela não apenas alcançou seus objetivos iniciais, mas também cultivou um ambiente propício ao crescimento pessoal e profissional, que os participantes poderão levar adiante em suas trajetórias. Acreditamos que a continuidade e ampliação desse tipo de iniciativa são fundamentais para o fortalecimento de uma cultura empreendedora nas instituições educacionais, preparando os alunos para os desafios futuros e para a construção de um futuro mais próspero e equitativo.

A experiência transcendeu a mera aplicação de um produto educacional.

Observar o engajamento dos alunos, suas reflexões críticas e a aplicação prática dos conceitos no Canvas de Modelo de Negócios confirmou a relevância de uma abordagem pedagógica que integra teoria e prática, estimula a autonomia e promove a transformação social. A oficina representou, portanto, uma oportunidade de validar a importância da educação empreendedora como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades essenciais, alinhando-se aos princípios da EPT e contribuindo para a formação de cidadãos mais preparados para os desafios do mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. R. Demanda e perfil profissional de técnicos de nível médio para o setor sucroalcooleiro. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto Agronômico, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2005.

ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica. In: RUAS, R. L.; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

AULET, Bill. Empreendedorismo Disciplinado: 24 Passos para uma Startup Bem-Sucedida. Altar Books, 2018.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho de Educação Básica. Resolução CEB nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 set. 2012, Seção 1, p. 22.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 jan. 2012, Seção 1, p. 39.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio. 2.ed. rev. e atualizada. - São Paulo: Saraiva, 2007.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: RAMOS, M.; FRIGOTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). Ensino médio integrado: Concepções e Contradições. São Paulo: Cortez, 2005, p.83-105.

CORTELAZZO, I. Inovações Tecnológicas na Educação Profissional para o Empreendedorismo e Empregabilidade. Revista e-Curriculum, v. 14, n. 3, p. 1223-1245, 2016.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo: Transformando ideias em

negócios. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. Campus, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs) Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classes. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 246-266, jan./abr. 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Rio de Janeiro, 2018.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, M. J. ; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

HIRSCH, Robert D. Empreendedorismo. Robert D, Hisrich, Michael P. Peters, Francisco Araújo da Costa. 9 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HOBUS, S. Y. P.. A importância do empreendedorismo para o crescimento econômico brasileiro: Uma análise a partir das barreiras institucionais. UNIDAVI, 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Título do Relatório ou Pesquisa. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/outras-estatisticas-economicas.html. Acesso em: 10 de julho de 2024.

LAVIERI, C. Educação... empreendedora? In: LOPES, Rose Mary A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo, 2010. p. 1-16.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Oportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. Journal of Small Business Management, v.53, n. 4, p. 1033–105, 2015.

LUZ, A. S.; CÊA, G. S. S. Reflexões sobre a ideia do empreendedorismo na educação Educere et Educare Revista de Educação, Cascavél/PR, v. 1, n. 1, p. 83-87, jan./jun. 2006. Disponível em: e-revista.unioeste.br. Acesso em: 26 de maio de 2024.

MACHADO, N. J. Sobre a ideia de competência. In: PERRENOUD, P. et al. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Educatrix – Dossiê Currículo. São Paulo: Moderna, a. 7, n. 12, 2013.

MASSUDA JUNIOR, E. M.; MATOS, M. A. O ensino de empreendedorismo sob diferentes abordagens. Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 19, p. 1-16, 2020.

MENDES, M. T. T. Educação Empreendedora: uma visão holística do empreendedorismo na educação. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia. Lisboa, 2011. 288 p, 2011.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2002.

MINERVINO, D. S. D. Empreendedorismo e educação: o uso da pedagogia empreendedora na formação do técnico em agropecuária da escola família agrícola do Pacuí. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Instituto Agronômico, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2014.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra. O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

PEREIRA, F. B.; KANAANE, R. Educação Profissional e as contribuições para a formação de empreendedores do Ensino Técnico. Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 18, p. 1-18, 2020.

PERONI, Ana Paula, JUNIOR, Octávio Cavalari. Educação empreendedora: formação de cidadãos na Educação Profissional e Tecnológica. Princípia. n.47, p.70-81, 2019.

PIHKALA, Timo. Teachers implementing entrepreneurship education: classroom practices. Educação e Treinamento. v. 55. n. 2. p. 204-216, 2013. Disponível em: www.researchgate.net. Acesso em: 10 de julho de 2024.

PISTRAK, Moisey. (Org.) A escola-comuna. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PREVIDELLI, J. J. ; SELA, V. M. (org.). Empreendedorismo e educação empreendedora. Maringá: Unicorpore, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-167, jan./abr. 2007.

SCHAEFER, Ricardo.; MINELLO, Ítalo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. Revista Pensamento contemporâneo em Administração. v. 10. n. 3. jul/set. p. 60-81, 2016. Disponível em: periodicos.uff.br. Acesso em: 10 de julho de 2024.

SCHUMPETER, Joseph A. Capitalism, Socialism and Democracy. New York: Harper

& Brothers, 1942.

PINTO, Thais Fernanda. A ELABORAÇÃO DE PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES DE MODELAGEM MATEMÁTICA POR PROFESSORES COM POUCA VIVÊNCIA EM MODELAGEM. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, L. F.; SCHIMIGUEL, J. Formação Profissional Técnica, CTS e Educação Empreendedora: Implicações Com os Parques Tecnológicos. Revista Ibero-Americana de Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS, v. 13, n. 39, p. 125-144, 2018.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro

OFICINA

MITOS E DESAFIOS DO
EMPREENDEDORISMO

Campus Engenheiro Paulo de Frontin

Mediador
Luciano Ibraim Xavier

1

Seguencia da oficina

1. Abertura
2. Empreendedorismo I
2.1 Definição de Empreendedorismo
2.2 Mitos do Empreendedorismo
2.3 Desafios do Empreendedorismo
3. Marketing e Publicidade
3.1 Fundamentos de Marketing
3.2 Estratégias de Marketing
3.3 Publicidade
4. Empreendedorismo II
4.1 Modelos de Negócio
4.2 Canvas de Modelo de Negócio
4.3 Plano de Negócio
5. Encerramento
6. Atividades Práticas e Dinâmicas
7. Feedback e Avaliação

2

2

Apresentação

Luciano Ibraim Xavier

Formação Acadêmica:

- **Graduações:**
  - Administração
  - Ciências Contábeis
- **Especializações:**
  - MBA em Gestão Empresarial
  - Controladoria e Finanças
  - Metodologias da Educação à Distância
  - Gestão e Docência do Ensino Superior
- **Mestrando:**
  - Educação Profissional e Tecnológica
- **Atuação no Mundo do Trabalho**
  - Analista de Inteligência

3

3

O que é Empreendedorismo

A palavra "empreendedorismo" deriva do termo francês "entrepreneur", que significa "aquele que assume riscos e começa algo novo".

Definições por Especialistas

Louis Filion (1991)
Louis Jacques Filion, um renomado pesquisador canadense, define empreendedorismo como:
"O processo pelo qual indivíduos ou grupos identificam oportunidades, mobilizam recursos e criam valor através da implementação de novas ideias, produtos ou serviços."

Fernando Dolabela (2008)
Fernando Dolabela, um dos principais estudiosos brasileiros do empreendedorismo, define o termo como:
"A capacidade de transformar ideias em realidade, criando valor para a sociedade e para si mesmo, através da identificação de oportunidades e da mobilização de recursos."

4

4

Conceito e Importância

O empreendedorismo é um fenômeno multifacetado que envolve a criação, desenvolvimento e gestão de novos negócios ou iniciativas. Ele é essencial para o crescimento econômico, a inovação e a geração de empregos. Empreendedores são agentes de mudança que desafiam o status quo, introduzem novos produtos e serviços, e contribuem para a dinamização da economia.

Importância do Empreendedorismo:

Inovação: Empreendedores introduzem novas ideias, tecnologias e processos que impulsionam a inovação.
Geração de Empregos: Novos negócios criam oportunidades de emprego e contribuem para a redução do desemprego.
Desenvolvimento Econômico: Empreendimentos bem-sucedidos aumentam a produtividade e o crescimento econômico.
Solução de Problemas Sociais: Empreendedores sociais focam em resolver problemas sociais e ambientais, melhorando a qualidade de vida das comunidades.

Tipos de Empreendedorismo

1. Empreendedorismo Social

Empreendedores sociais buscam resolver problemas sociais e ambientais através de soluções inovadoras e sustentáveis. O objetivo principal não é o lucro, mas o impacto social positivo.

2. Empreendedor Nato

Este tipo de empreendedor possui características inatas, como liderança, criatividade e capacidade de assumir riscos. Eles têm uma predisposição natural para identificar oportunidades e criar negócios.

Tipos de Empreendedorismo

3. Empreendedor que Aprende

São indivíduos que desenvolvem habilidades empreendedoras através de educação, treinamento e experiência prática. Eles podem não ter uma predisposição natural, mas adquirem competências ao longo do tempo.

4. Empreendedor Serial

Empreendedores seriais são aqueles que criam múltiplos negócios ao longo de suas carreiras. Eles têm a capacidade de identificar oportunidades repetidamente e são motivados pelo desafio de iniciar novos empreendimentos.

Tipos de Empreendedorismo

5. Empreendedor Corporativo (Intraempreendedor)

Intraempreendedores são funcionários dentro de grandes organizações que atuam como empreendedores. Eles desenvolvem novos produtos, serviços ou processos dentro da empresa, impulsionando a inovação interna.

6. Empreendedor por Necessidade

Este tipo de empreendedor inicia um negócio devido à falta de alternativas de emprego. Eles são motivados pela necessidade de gerar renda e sustentar suas famílias.

Tipos de Empreendedorismo

7. Empreendedor Herdeiro

Empreendedores herdeiros assumem negócios familiares. Eles enfrentam o desafio de manter e expandir o legado familiar, muitas vezes introduzindo inovações e modernizações.

8. Empreendedor Planejado

Empreendedores planejados são aqueles que desenvolvem um plano detalhado antes de iniciar um negócio. Eles realizam pesquisas de mercado, analisam a viabilidade e estruturam um plano de negócios sólido antes de lançar a empresa.am pesquisas de mercado, analisam a viabilidade e estruturam um plano de negócios sólido antes de lançar a empresa.

Mitos do Empreendedorismo

- Três Mitos do Livro "Empreendedorismo Disciplinado" de Bill Aulet em seu livro "Empreendedorismo Disciplinado", desmistifica várias crenças comuns sobre o empreendedorismo.:

Mito 1: Pessoas Iniciam Empresas

- Descrição: Há uma crença comum de que indivíduos isolados são os responsáveis por iniciar empresas. A imagem do "empreendedor solitário" é frequentemente romantizada, sugerindo que uma única pessoa pode levar uma ideia do conceito à execução com sucesso.
- Realidade: Bill Aulet argumenta que, na verdade, equipes começam empresas. O sucesso de uma startup depende de uma equipe coesa e diversificada, onde diferentes habilidades e perspectivas se complementam. A colaboração e a sinergia entre os membros da equipe são cruciais para superar os desafios e alcançar o sucesso.

Mitos do Empreendedorismo

Mito 2: Todos os Empreendedores São Carismáticos

- Descrição: Existe a percepção de que todos os empreendedores de sucesso são naturalmente carismáticos, capazes de inspirar e liderar com facilidade. O carisma é visto como uma característica indispensável para atrair investidores, clientes e talentos.
- Realidade: Embora o carisma possa ser uma vantagem, Aulet destaca que os empreendedores precisam ser comunicadores, recrutadores e vendedores eficientes. A eficácia em transmitir a visão da empresa, atrair e reter talentos, e vender produtos ou serviços é fundamental. Pesquisas mostram que essas habilidades são tão importantes quanto, ou até mais importantes que, o carisma.

Mitos do Empreendedorismo

Mito 3: Existência de Pessoas Geneticamente Predispostas a Ter Êxito

- Descrição: Muitas pessoas acreditam que o sucesso empreendedor é uma questão de predisposição genética, onde apenas aqueles com certas características inatas podem prosperar no mundo dos negócios.
- Realidade: Aulet desmistifica essa crença ao afirmar que não há uma "genética do empreendedorismo". O sucesso não é determinado por características inatas, mas sim por habilidades adquiridas, educação, prática e perseverança. Qualquer pessoa pode aprender e desenvolver as competências necessárias para ser um empreendedor de sucesso, independentemente de sua predisposição genética.
- Conclusão - Bill Aulet, em "Empreendedorismo Disciplinado", oferece uma visão mais realista e acessível do empreendedorismo, desmistificando crenças comuns e fornecendo ferramentas práticas para aspirantes a empreendedores. Ao desafiar esses mitos, ele abre caminho para que mais pessoas possam se aventurar no mundo dos negócios com confiança e preparação.

Mitos do Empreendedorismo

- Empreender é fácil e rápido
- É preciso muito dinheiro para começar
  - Estudantes criam app que prepara jovens para o trabalho
- O fracasso não é uma opção

13

Desafios do Empreendedorismo

Desafio 1: Gestão de Tempo e Recursos

- Tempo: Empreender exige uma gestão eficiente do tempo. Empreendedores frequentemente precisam equilibrar múltiplas tarefas, desde a administração do negócio até o desenvolvimento de produtos e atendimento ao cliente.
- Recursos: Recursos financeiros, humanos e materiais são frequentemente limitados. A capacidade de alocar esses recursos de maneira eficiente é crucial para o sucesso.

Estratégias

- Priorizar Tarefas: Utilizar ferramentas de gestão de tempo, como listas de tarefas e métodos de priorização (ex.: Matriz de Eisenhower).
- Planejamento Financeiro: Criar um orçamento detalhado e monitorar as despesas regularmente. Utilizar softwares de gestão financeira para ajudar no controle.

14

Matriz de Eisenhower

15

Desafios do Empreendedorismo

Desafio 2: Incerteza e Risco

Descrição

- Incerteza: O ambiente empreendedor é inerentemente incerto. Mudanças no mercado, novas regulamentações e avanços tecnológicos podem impactar o negócio de maneira imprevisível.
- Risco: Empreendedores precisam tomar decisões arriscadas, como investir em novos produtos ou entrar em novos mercados, sem garantias de sucesso.

Estratégias

- Análise de Risco: Realizar uma análise SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças) para identificar e mitigar riscos.
- Planejamento Contingencial: Desenvolver planos de contingência para lidar com possíveis adversidades.

Exemplo Real

- Case de Sucesso: Jeff Bezos, fundador da Amazon, tomou riscos significativos ao expandir a empresa de uma livraria online para um gigante do comércio eletrônico. Sua abordagem calculada ao risco permitiu que a Amazon se adaptasse e prosperasse em um mercado em constante mudança.

16

Análise SWOT

Desafios do Empreendedorismo

Desafio 3: Competição e Mercado

Descrição

- Competição: Empreendedores enfrentam concorrência de outras empresas que oferecem produtos ou serviços semelhantes. Diferenciar-se no mercado é essencial.
- Mercado: Entender o mercado-alvo e as necessidades dos clientes é crucial para desenvolver produtos e serviços que atendam às demandas.

Estratégias

- Pesquisa de Mercado: Realizar pesquisas de mercado para entender melhor os concorrentes e as necessidades dos clientes.
- Proposta de Valor: Desenvolver uma proposta de valor única que destaque os diferenciais do negócio.

Exemplo Real

- Case de Sucesso: A Netflix, que começou como um serviço de aluguel de DVDs, se diferenciou ao entrar no mercado de streaming e produzir conteúdo original, superando concorrentes como Blockbuster.

Desafios do Empreendedorismo

Desafio 4: Inovação e Adaptação

Descrição

- Inovação: Empreendedores precisam constantemente inovar para se manterem relevantes e competitivos. Isso pode envolver o desenvolvimento de novos produtos, serviços ou processos.
- Adaptação: A capacidade de se adaptar rapidamente às mudanças no mercado e às novas tecnologias é crucial para o sucesso a longo prazo.

Estratégias

- Cultura de Inovação: Fomentar uma cultura organizacional que incentive a criatividade e a experimentação.
- Feedback Contínuo: Utilizar feedback dos clientes e do mercado para ajustar e melhorar continuamente os produtos e serviços.

Exemplo Real

- Case de Sucesso: A Apple, sob a liderança de Steve Jobs, é um exemplo clássico de inovação contínua. A empresa revolucionou várias indústrias com produtos inovadores como o iPhone, iPad e MacBook.

Desafios do Empreendedorismo

Desafio 5: Networking e Parcerias

Descrição

- Networking: Construir uma rede de contatos é essencial para obter suporte, conselhos e oportunidades de negócios. O networking pode abrir portas para novos clientes, investidores e parceiros.
- Parcerias: Colaborações estratégicas com outras empresas ou indivíduos podem acelerar o crescimento e a inovação.

Estratégias

- Eventos e Conferências: Participar de eventos, feiras e conferências para conhecer outros profissionais e expandir a rede de contatos.
- Colaborações Estratégicas: Identificar e estabelecer parcerias que possam agregar valor ao negócio, seja através de co-desenvolvimento de produtos, marketing conjunto ou outras formas de colaboração.

Exemplo Real

- Case de Sucesso: A parceria entre a Starbucks e a Barnes & Noble, onde as cafeterias da Starbucks foram instaladas dentro das livrarias Barnes & Noble, beneficiou ambas as empresas ao atrair mais clientes e aumentar as vendas.

Fundamentos de Marketing

- Definição de Marketing
  - Philip Kotler: "Marketing é o processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com outros."
  - Função do Marketing: Identificar e satisfazer as necessidades e desejos dos clientes de maneira lucrativa.

- Importância do Marketing
  - Conexão com o Cliente: Ajuda a construir e manter relacionamentos com os clientes.
  - Vantagem Competitiva: Permite que as empresas se diferenciem da concorrência.
  - Crescimento do Negócio: Contribui para o aumento das vendas e da participação de mercado.

Fundamentos de Marketing

- Definição de Marketing
  - Philip Kotler: "Marketing é o processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com outros."
  - Função do Marketing: Identificar e satisfazer as necessidades e desejos dos clientes de maneira lucrativa.

- Importância do Marketing
  - Conexão com o Cliente: Ajuda a construir e manter relacionamentos com os clientes.
  - Vantagem Competitiva: Permite que as empresas se diferenciem da concorrência.
  - Crescimento do Negócio: Contribui para o aumento das vendas e da participação de mercado.

FONTE: petprod.ufc.br/blog/marketing/

Mix de Marketing (4 Ps)

Definição

- O Mix de Marketing, também conhecido como os 4 Ps, é um conjunto de ferramentas que as empresas utilizam para alcançar seus objetivos de marketing. Os 4 Ps são: Produto, Preço, Praça (Distribuição) e Promoção.

FONTE: shopify.com/br/blog/mix-de-marketing

Publicidade

Definição de Publicidade

- Publicidade é uma forma de comunicação paga e não pessoal através de diversos meios de comunicação, com o objetivo de promover produtos, serviços ou ideias.

Definição de Marketing

- Marketing é um conjunto abrangente de atividades que envolvem a identificação das necessidades dos consumidores, desenvolvimento de produtos, definição de preços, distribuição e promoção para satisfazer essas necessidades de maneira lucrativa.

Principais Diferenças

- Escopo: Marketing é um conceito mais amplo que engloba pesquisa de mercado, desenvolvimento de produtos, estratégias de preço, distribuição e promoção. Publicidade é uma parte do marketing focada na promoção.
- Objetivo: O marketing visa identificar e satisfazer as necessidades dos clientes, enquanto a publicidade visa informar, persuadir e lembrar os consumidores sobre produtos ou serviços específicos.
- Ferramentas: Marketing utiliza uma variedade de ferramentas, incluindo publicidade, relações públicas, vendas pessoais, promoções de vendas e marketing direto. Publicidade utiliza meios de comunicação pagos, como TV, rádio, jornais, revistas, internet e outdoors.

Tipos de Publicidade (Online e Offline)

Publicidade Online

- Publicidade online envolve o uso da internet para promover produtos e serviços.

Publicidade Offline

- Publicidade offline envolve o uso de meios tradicionais para promover produtos e serviços.

25

25

Empreendedorismo -Modelos de Negócio

Um modelo de negócio descreve a lógica de como uma organização cria, entrega e captura valor. Em outras palavras, é a maneira pela qual uma empresa planeja ganhar dinheiro e sustentar suas operações. Ele abrange todos os aspectos do negócio, incluindo a proposta de valor, a infraestrutura, os clientes e as finanças.

26

Exemplos de Negócio

B2B (Business to Business)

- Empresas que vendem produtos ou serviços para outras empresas.

B2C (Business to Consumer)

- Empresas que vendem produtos ou serviços diretamente para consumidores finais.
- Modelo de negócio em que o software é fornecido como um serviço através da internet, geralmente por meio de uma assinatura.

SaaS (Software as a Service)

- Modelo de negócio em que o software é fornecido como um serviço através da internet, geralmente por meio de uma assinatura.

Freemium

- Modelo de negócio em que o produto ou serviço é oferecido gratuitamente, mas com funcionalidades adicionais ou premium disponíveis por uma taxa.

Marketplace

- Plataforma que conecta compradores e vendedores, facilitando transações entre eles.

Assinatura

- Modelo de negócio em que os clientes pagam uma taxa recorrente para acessar produtos ou serviços.

27

27

Canvas de Modelo de Negócio

Introdução ao Business Model Canvas

O que é o Business Model Canvas?

Importância do Business Model Canvas

28

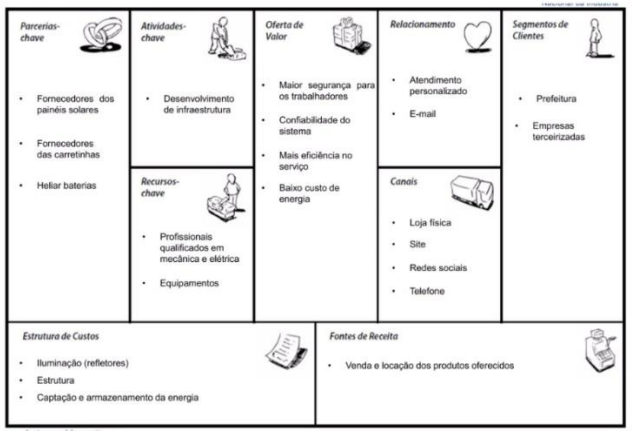
28

O que é o Business Model Canvas?

O Business Model Canvas é uma ferramenta estratégica desenvolvida por Alexander Osterwalder e Yves Pigneur, que permite visualizar, desenhar e inovar modelos de negócio de forma simples e intuitiva. Ele é composto por nove blocos que descrevem os principais aspectos de um negócio, facilitando a compreensão e a comunicação do modelo de negócio.

O que é o Business Model Canvas?

O Business Model Canvas é uma ferramenta estratégica desenvolvida por Alexander Osterwalder e Yves Pigneur, que permite visualizar, desenhar e inovar modelos de negócio de forma simples e intuitiva. Ele é composto por nove blocos que descrevem os principais aspectos de um negócio, facilitando a compreensão e a comunicação do modelo de negócio.



Plano de Negócio
O que é um Plano de Negócio?

Um plano de negócio é um documento detalhado que descreve os objetivos de um negócio, as estratégias para alcançá-los e os recursos necessários. Ele serve como um roteiro para guiar a empresa desde a fase inicial até o crescimento e a expansão.

- **Definição**: Uma visão geral concisa do plano de negócio, destacando os pontos mais importantes.
- **Componentes**:
  - Visão e Missão: Declaração clara da visão e missão da empresa.
  - Descrição do Negócio: Breve descrição do que a empresa faz.
  - Proposta de Valor: O que torna o negócio único e valioso.
  - Objetivos e Metas: Principais objetivos e metas a serem alcançados.
  - Resumo Financeiro: Principais projeções financeiras e necessidades de financiamento.
- **Dicas**:
  - Seja claro e direto.
  - Destaque os pontos fortes e diferenciais do negócio.
  - Mantenha o resumo executivo breve (1-2 páginas).

33 33

OBRIGADO

VOCES FORAM INCRIVEIS

34 34

Fonte: CASTRO, Carlos André de Souza. Gestão Empreendedora. 2020.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Questionário de Final do Curso - Avaliação da Oficina:

1. Nome?
Resposta em texto curso

2. Curso?
Resposta em texto curso

3. Ano escolar
   a) 1º
   b) 2°
   c) 3º
   d) 4º
   e) outros

4. Qual foi o seu nível de satisfação geral com a oficina de empreendedorismo?
   a) Muito insatisfeito
   b) Insatisfeito
   c) Neutro
   d) Satisfeito
   e) Muito satisfeito

5. Como você avalia a qualidade do conteúdo abordado na oficina?
   a) Muito baixa
   b) Baixa
   c) Aceitável
   d) Alta
   e) Muito alta

6. A oficina atendeu às suas expectativas?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

7. Você considera que os materiais didáticos fornecidos foram úteis para o aprendizado?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

8. A interação com os demais participantes foi estimulante e enriquecedora?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

9. O suporte foi satisfatório em relação às suas dúvidas e necessidades?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

10. A oficina contribuiu para o desenvolvimento de suas habilidades empreendedoras?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

11. A oficina despertou seu interesse e entusiasmo em relação ao empreendedorismo?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

12. Você se sente mais preparado(a) para enfrentar os desafios do empreendedorismo após a oficina?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

13. Você recomendaria esta oficina a outras pessoas?
   a) Sim
   b) Não
   c) Talvez

14. A aplicação prática do Canvas de Modelo de Negócios foi útil para o seu aprendizado?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

15. As dinâmicas em grupo foram eficazes para a troca de ideias?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

16. A oficina proporcionou uma compreensão clara dos mitos do empreendedorismo?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

17. O conteúdo teórico foi bem integrado às atividades práticas?
   a) Sim
   b) Não
   c) Parcialmente

18. O tempo destinado para cada atividade foi adequado?
    a) Sim
    b) Não
    c) Parcialmente

Perguntas de resposta curta:

19. Quais foram os aspectos mais positivos da oficina, na sua opinião?

20. Você sentiu que a oficina abordou adequadamente os desafios enfrentados pelos empreendedores?

21. O que você sugere para tornar a oficina mais eficaz no desenvolvimento de habilidades empreendedoras?

22. Se você tiver mais algum comentário ou sugestão para aprimorar a oficina, por favor, compartilhe conosco.

APÊNDICE C – MODELO CANVAS USADO NA OFICINA

Fonte: OSTERWALDER, Alex. *Business Model Generation*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.